

Viver na Sombra
Estudo sobre Lourdes Castro

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

José Alexandre Camacho de Caires

MESTRADO EM GESTÃO CULTURAL



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

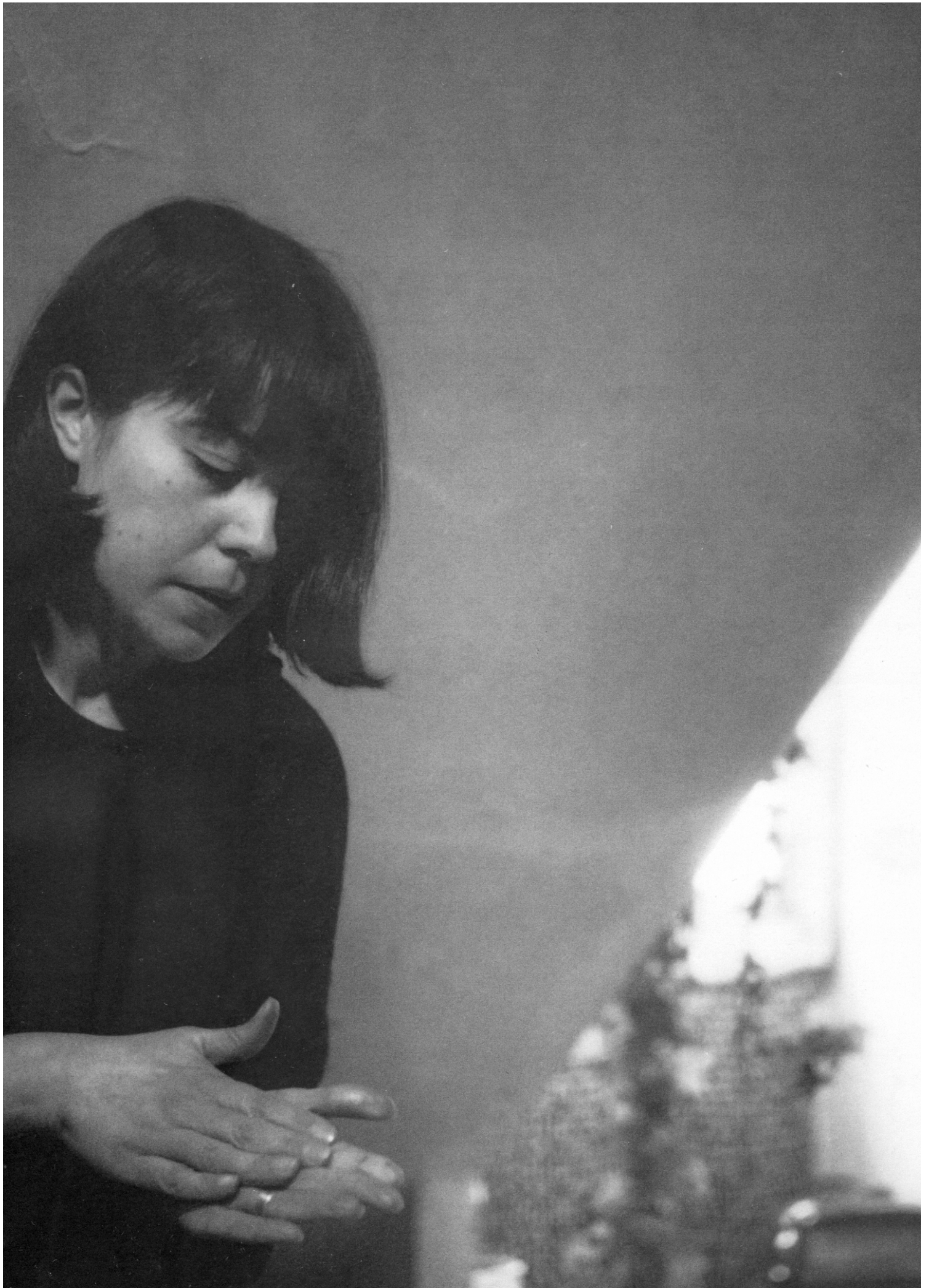
www.uma.pt

janeiro | 2013

Viver na Sombra
Estudo sobre Lourdes Castro
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

José Alexandre Camacho de Caires
MESTRADO EM GESTÃO CULTURAL

ORIENTAÇÃO
Diana Pimentel Penberthy de Araújo Barbeitos





Centro de Competências de Artes e Humanidades

Dissertação de Mestrado em Gestão Cultural

José Alexandre Camacho de Caires

VIVER NA SOMBRA. Estudo sobre Lourdes Castro

Orientadora:

Professora Doutora Diana Pimentel

janeiro de 2013

Agradecimentos

Diz Lourdes Castro, com sabedoria e verdade, que *tudo influencia tudo, nada está separado* (*Gastão, 2001: 16). Para a própria vai o meu primeiro e mais profundo agradecimento, por razões óbvias. Neste sentido, a presente dissertação não me pertence em exclusivo, é fruto de interligações, de contatos, de intercâmbios que merecem ser registados e agradecidos, não só os que se geraram até à data, mas também os que se poderão gerar em consequência direta desta dissertação. Em segundo lugar, mas tão importante como o primeiro, agradeço o apoio, a motivação, a amizade, o saber, e um sem número de outros adjetivos, à minha orientadora, Professora Doutora Diana Pimentel, corresponsável pelo resultado de todo o trabalho envolvido nesta dissertação. O agradecimento é logicamente extensível à instituição UMa, particularmente a todo o corpo docente que me acompanhou neste 2º ciclo de estudos.

Um agradecimento especial à minha irmã Catarina Caires, que também me providenciou apoio em horas críticas. Atribuo um especial valor à sua presença, sendo o meu agradecimento igualmente extensível a toda a família, a quem a “dívida”, a todos os níveis, é enorme e sem preço. Com todo o amor possível, obrigado.

Depois, um cordial agradecimento e louvor a várias instituições que colaboraram de inúmeras maneiras, tonando-se assim parceiras fundamentais nesta investigação. Assim, um profundo agradecimento à Galeria Porta33 e aos seus diretores, Dr.^a Cecília e Dr. Maurício, pelo zelo com que conservam documentação importante sobre Lourdes Castro e por terem facultado o acesso à mesma. Depois, à Direção dos CTT – Madeira e, em particular, à D. Emília e ao Engenheiro Abreu Paulo que, com a sua sensibilidade, “preservaram” obras únicas e me possibilitaram o contato direto com estas. À Direção da BPRM, na pessoa Dr.^a Maria da Paz, agradeço a “parceria” que se gerou no sentido de “devolver” e aproximar um trabalho em particular de Lourdes Castro ao público. Ainda dentro desta instituição, a minha gratidão a Andreia Lara. Também devo um particular agradecimento aos funcionários do BANIF, que por várias razões ficam no anonimato, mas de quem fica aqui registado todo o seu apoio.

Por todo o incentivo recebido, quer dos colegas de curso, quer de todos os que colaboraram nos trabalhos realizados durante este mestrado, um novo obrigado.

Por último, um agradecimento a todos os amigos pela sua presença, pelo suporte físico e/ou psicológico, pela participação ativa ou passiva nesta dissertação, mas sobretudo pela

amizade! Sem referir nomes, pois tornaria esta lista certamente infinita, mas tendo-os a todos presentes, um especial obrigado.

Tudo influencia tudo, nada está separado (ibidem), nem o coração está separado do corpo, nem o corpo da mente, nem a obra do artista, nem o artista do público, nem o aprendiz do tutor, nem o tutor do desconhecido. Nem o profano do divino, nem o divino da mais natural humanidade.

Por tudo isto, pelo que opera tudo em todos, por tudo o que esta dissertação gerou, o meu simples mas sincero obrigado!

* GASTÃO, Ana Marques (2001). “Lourdes Castro: entrevista”, *Diário de Notícias* – m *Revista DNa*, 19 de Maio, p. 16.

Resumo

O título da presente dissertação sobre Lourdes Castro – *Viver na sombra* – poderia parecer depreciativo, especialmente tratando-se de uma artista plástica com uma obra fundamentada na luz. No entanto, pretende-se que esta metáfora designe o resultado da investigação, na medida em que foram obtidas informações que têm merecido pouca atenção de especialistas ou de estudiosos em artes plásticas.

Álbuns de família é um conjunto fundamental na obra de Lourdes Castro: iniciados na década de sessenta e em contínua atualização, constituem-se como arquivos de pesquisas e informações que Lourdes Castro tem realizado sobre sombras.

Álbuns de família têm vivido na sombra daquela que é uma notável carreira artística de mais de quatro décadas, com projeção e visibilidade internacionais, premiada e reconhecida, quer nacional, quer internacionalmente, com obras de inegável valor no panorama das artes plásticas portuguesa e europeia.

Na dissertação *Viver na sombra* apresenta-se uma pesquisa na qual se analisa a relação de citações literárias arquivadas em *Álbuns de família* com a obra física de Lourdes Castro e o prolongamento desta obra em textos literários de vários autores que nela encontraram inspiração.

Um dos resultados mais relevantes da investigação realizada é a constatação de que na sombra têm também vivido algumas obras da artista, nomeadamente um conjunto de seis *plexiglas* datados de 1985, realizados por encomenda para a estação dos CTT da Avenida Zarco (no Funchal), que foram objecto de registo fotográfico e que são aqui, pela primeira vez, situados, identificados e catalogados.

Em paralelo com o texto da dissertação *Viver na sombra*, elaborou-se um *web-site* (que se anexa ao presente volume em Cd-Rom) que inclui parte do conteúdo da presente investigação, realizado com o objectivo de ensaiar a possibilidade de – em futuros trabalhos – se vir a concretizar um potencial museu virtual da obra de Lourdes Castro.

Palavras-chave: Lourdes Castro; Sombras; Luz; Literatura; Artes Plásticas; Manuel Zimbro.

Abstract

The title of the present dissertation on Lourdes Castro – *Living in the Shadow* – could seem depreciative, especially for a plastic artist holder of a work based on light. Nevertheless, this metaphor characterizes the result of this investigation, in a sense that on the research process, information were obtained and problematic were approached which have not been object of plastic arts experts.

The set “Álbuns de Família” (*Family Albums*) is one of the fundamental pieces in Lourdes Castro work: initiated in the sixties and in continuous update, these “Álbuns” are composed as archives that keep researches and information about shadows.

“Álbuns de Família” (Family Albums) have been living in the shadow of one that is a remarkable artistic career of more than four decades, awarded and recognized whether nationally or internationally, with works of irrefutable value in the Portuguese and European plastic arts scene.

On the dissertation *Living in the Shadow*, a research is presented on which it is analyzed, the connection of literary quotes filed in the “Álbuns de Família” (Family Albums) with the Lourdes Castro physic work, as well as, the extension of this work in several authors literary texts which have, in her, found inspiration.

One of the fundamental investigation results effectuated is the confirmation that some works of the artist have also been living in the shadow, namely a set of six *plexiglas* (acrylic paintings) dated from 1985, made by request for the post office station of Avenida Zarco (in Funchal), which were object of photographic record and are hereby, for the first time, located, identified and catalogued.

In parallel to the dissertation text *Living in the Shadow*, a website was developed (enclosed to the present volume in a Cd-Rom) which includes a partial content of the current investigation, made with the intention of testing the possibility of – in future works – put into practice a potential virtual museum of Lourdes Castro work.

Key-words: Lourdes Castro; Shadows; Light; Literature; Art; Manuel Zimbro.

Figura 1 : Imagem da página de rosto: Lourdes Castro; autor não identificado (sem data)

Índice

Introdução	3
Parte I – Lourdes Castro	9
1. Nota biográfica e percurso artístico	11
Exposições individuais	16
Exposições individuais	17
1.1. Diálogos com Lourdes Castro (entrevistas e depoimentos)	22
Parte II – <i>Parentes da pintura em Lourdes Castro: palavras</i>	35
1. Influências literárias em Lourdes Castro: os <i>Álbuns de Família</i>	35
1.1. <i>Álbuns de Família</i>: citações e influências	39
1.2. Inspiração: ecos de Lourdes Castro em alguma produção literária (antologia)	57
ALMEIDA FARIA	57
HELDER MACEDO	58
JOSÉ LUÍS PORFÍRIO	59
ROBERT FILLIOU	60
MANUEL ZIMBRO	61
MANUEL ZIMBRO	68
JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA	70
ERNEST PIROTTE	71
JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA	73
DIETRICH MAHLOW	75
JOÃO FERNANDES	76
JOÃO FERNANDES	77
SYLVAIN LECOMBE	78

EURICO GONÇALVES	79
Parte III – Obras de Lourdes Castro a <i>viver na sombra</i>	81
1. Seis peças dos CTT	82
1.1. Registo fotográfico e catalogação das peças dos CTT (datadas de 1985)	85
2. Peças da Caixa Económica do Funchal / Banif (1985)	93
2.1. Registo fotográfico e catalogação das peças da Caixa Económica do Funchal / Banif CTT (datadas de 1985)	95
3. Serigrafia “Ombre d’Aralia” (1973) na Biblioteca Pública Regional da Madeira	99
3.1. Registo fotográfico e catalogação da serigrafia “Ombre d’Aralia” (1973) na Biblioteca Pública Regional da Madeira	100
Conclusão	102
Referências	105
1. Obra de Lourdes Castro	106
1.1. Exposições individuais	106
1.2. Exposições individuais: catálogos	107
2. Exposições colectivas	108
2.1. Exposições colectivas: catálogos	111
3. Teatro de Sombras	112
4. Prémios	112
5. Representações em coleções e museus	113
Fontes das imagens	114
Bibliografia	118
Ativa	118
Passiva	119
Em volume	119
Periódicos	123

Filmografia	134
Índice de imagens	135
Anexo	136

Introdução

No princípio era o verbo e o verbo se fez luz para que da luz Lourdes Castro retirasse sombras. (Caires, 2012)

Muito se tem falado e escrito mas pouco se tem visto da obra de Lourdes Castro (Ribeiro, 1992: 13). A afirmação transcrita introduz o texto de apresentação do catálogo *Além da Sombra*, na minha opinião uma das mais importantes publicações relativas à obra de Lourdes Castro e, em certa medida, justifica a elaboração da investigação que de seguida se apresenta.

A presente dissertação procura contextualizar o conteúdo dos *Álbuns de Família* na obra de Lourdes Castro e estabelecer uma relação entre a obra física da artista e as citações que a sustentam, bem como textos que foram produzidos por inspiração na sua obra.

No discurso de Lourdes Castro é notório um à-vontade com as palavras e com a língua, sendo o seu discurso espontâneo e natural, facto que é logicamente refletido na sua obra. Neste contexto, é interessante analisar e perceber a naturalidade da linguagem de Lourdes Castro, quer na sua obra, quer nas suas palavras (ou nas suas ideias traduzidas por outros), com o objetivo de materializar a sua obra em palavras e textos.

No contexto desta dissertação é relevante o intercâmbio entre o mundo imaterial das palavras e a dimensão material das produções artísticas. Inevitavelmente, estas são dimensões complementares que entre si dialogam, tal como a crítica dialoga com arte e a crítica se esvazia sem o objeto de estudo, seja ele artístico ou não.

A relação entre o quotidiano e a produção artística é assumidamente evidente na obra de Lourdes Castro. No artigo escrito para o Prémio AICA-MC, Paulo Pires Fernandes afirma que “a relação entre a arte e a vida quotidiana era aí desejada, tal como o desejo de explorar novas matérias e formas (...) ou ainda, em Lourdes Castro, a sintonia com a vida, procura de todas as horas, revela-se numa demanda do essencial presente, aqui e agora” (Fernandes, 2010: 1 e 3). Desta forma, talvez se possa justificar, quer a relação entre as palavras (da própria Lourdes Castro, em entrevistas, e de outros, como, por exemplo, Manuel Zimbro) e a sua obra, de que a vida não parece ser uma experiência distinta.

Tocando uma parte da vida afetiva e privada de Lourdes Castro (naturalmente com base em documentação publicada), assume-se neste trabalho uma ligação que transcende a arte, na medida em que a relação marital existente entre Manuel Zimbro e Lourdes Castro revela claramente intercâmbio íntimo e profundo entre a obra de ambos durante várias décadas:

“A Lourdes e o Manuel reuniram-se nos trabalhos e nos dias. Neles, os dois sempre foram um porque as suas diferenças eram também a razão da sua união. Sempre se completaram um ao outro, sem que tal significasse que anulassem as identidades de um e de outro. Sempre foram complementares. Como a noite e o dia, a sombra e a luz, a palavra e o silêncio, a flor e o pássaro.” (Fernandes, 2010: 15).

Lourdes Castro nunca estabeleceu residência em nenhuma galeria, razão pela qual a sua obra está dispersa por coleções públicas ou privadas, museus e galerias por todo o mundo. Por esse fato, torna-se urgente e absolutamente necessário um levantamento – tanto quanto possível – exaustivo do conjunto de toda a sua obra, um inventário que por norma é desenvolvido pela galeria que representa o/a artista.

Com a consciência da necessidade de elaborar este trabalho, devido a constrangimentos de vária ordem¹, pareceu pertinente desenvolver um estudo sobre Lourdes Castro pela exploração da relação “texto-obra” (e vice-versa), no sentido de tentar obter um conhecimento conceptual e filosófico desta artista. Parte de um texto produzido para uma exposição na Galeria André Viana, com o título “Sombras na Água”, da autoria de Bernardo Pinto de Almeida, a citação que a seguir se transcreve materializa esta ideia:

“a operação linguística que pode ocorrer na medida em que se entende o espaço plástico enquanto linguagem. Mas que não se dissolvendo numa outra estratégia representativa, nos deixa suspensos como que num vazio dos nossos códigos de percepção conduzindo-nos a uma reflexão sobre o lugar que nos cabe enquanto espectadores, quer das obras quer do próprio processo.” (1997:10)

Para melhor se compreender a relação da obra de Lourdes Castro com o universo das palavras e a importância que esta lhes atribui, centrei esta investigação nos registos sobre *Álbuns de Família*, nos quais Lourdes Castro recolhe um vasto e muito heterogéneo material que constitui um contributo para o estudo do seu universo iluminado de sombras. De facto, em *Álbuns de Família* encontram-se inúmeras referências a autores, citações,

¹ De que se destaca a dificuldade de acesso a obras de Lourdes Castro dispersas por coleções privadas ou institucionais, museus nacionais e internacionais, assim como ao acervo de documentação e bibliografia passiva (crítica e teórica) cujo acesso é apenas possível em bibliotecas nacionais e internacionais e em suporte em microfilme, entre outros.

ideias, textos, imagens, constituindo-se este acervo numa espécie de “bíblia” de conteúdos que podem ser uma fonte que permita compreender o percurso artístico e pessoal de Lourdes Castro ao longo do tempo (e em contínua atualização), de que faz parte uma série de referências que colaboram para a construção “de uma obra singular com a qual redefine uma relação da obra de arte com o mundo de que faz parte” (Fernandes, 2010: 2).

A partir de referências pertencentes a estes *Álbuns de Família*, nesta dissertação tentei construir um novo “álbum” no qual exploro a relação entre o conteúdo destes com a obra produzida por Lourdes Castro, sendo esta relação entre textos – citações, excertos, intertexto – em alguns casos evidente e noutros hipotéticos, mas que parecem reforçar, de forma intencional, a interligação da obra artística física de Lourdes Castro com a sua já longa investigação e coleção textual inserida nos *Álbuns de Família*.

Tome-se como exemplo desta relação entre a literatura e a sua produção artística, assumida pela própria Lourdes Castro num texto acerca da 17ª edição de *A história fabulosa de Peter Schlemihl*, da autoria de Adalbert Von Chamisso; neste texto, a própria afirma que esta obra literária pode muito bem ter sido inspiração para produzir a série de “sombras deitadas”: “Quem sabe se inconscientemente as minhas sombras deitadas em lençóis (material “dócil”) não tenham vindo, em parte, desta cena” (Castro, 2004: 12).

Um outro exemplo, mas este em sentido inverso, é o caso do texto “O Anjo à janela”, de Almeida Faria, feito a partir do encontro que este autor teve, em dezembro de 1978, com o “Anjo”, uma “anunciação” da autoria de Lourdes Castro colocado na vidraça do edifício Künstlerhaus Bethanien, onde morava a artista e Manuel Zimbro. Sobre o encontro com esta peça de Lourdes Castro (entretanto deslocado para a Capela do Rato, em Lisboa, em 2004), Tolentino Mendonça afirma, num registo vídeo²: “O Anjo escapa a toda a definição (...) mas é representado na Bíblia como forma antropomórfica (...) que quer dizer mensageiro, emissário”. Ora, Almeida Faria pode ser considerado o emissário da mensagem que este Anjo, imaterial, transporta. Presumo não ser por acaso que este anjo seja a sombra da própria Lourdes Castro, facto que reforça e justifica o argumento subjacente a esta tese, segundo o qual se considera, metaforicamente, Lourdes Castro como um Anjo, portador de uma mensagem que inspira e ilumina outros mensageiros, detentores do dom da palavra de forma a materializarem e a transmitirem a mensagem que da obra desta artista emana, de uma forma imaterial, por meio de sombras.

² Cf. *site* anexo a esta dissertação: menu “Obra” / “Vídeos”.

O grande emissário, talvez o maior ou mais produtivo de todos, da obra de Lourdes Castro foi Manuel Zimbro, sem sombra de dúvida a principal figura no diálogo com a produção desta artista e quem mais produtivamente ampliou a obra física de Lourdes Castro para o domínio literário: “Se a Lourdes sempre colecionara, produzira, e representara sombras, o Manuel colecionava pedras onde pintava palavras (...) e escrevia. E traduzia, que é uma outra forma de fixar a sombra das palavras, dos versos, dos textos de que mais gosta” (Fernandes, 2010:15). É notória nesta citação e, particularmente, neste texto de João Fernandes, a relação que Lourdes Castro e Manuel Zimbro tinham, como se de um todo formado por duas partes se tratasse. Manuel Zimbro foi uma espécie de aglutinador que fixou a obra da Lourdes Castro às palavras poéticas que ele soube traduzir e fê-lo muitíssimo bem. Na minha opinião, só alguém que se torna “uno” com outro o pode fazer.

Quase a terminar esta introdução, gostaria de realçar um dos aspectos fundamentais da presente investigação: na tentativa de acrescentar valor à já preciosíssima obra de Lourdes Castro, nesta dissertação procede-se ao registo fotográfico inédito de obras que têm “vivido na sombra” e afastadas do público. Destaco particularmente seis peças de serigrafia sobre *plexiglas* pertencentes à coleção artística dos CTT (que inclui outros nomes de referência artística regional, como é o caso do Escultor Ricardo Velosa), feitas por encomenda à artista em 1985, e que foram assim descritas, à época, no suplemento exclusivo dos CTT do *Diário de Notícias* (de dia 1 de dezembro de 1985): “...um conjunto de esculturas serigrafadas em acrílico sobrepostas em vários planos, tirando partido do claro escuro e simbolizando os sacos de correio” (p. VIII). São também objecto de registo fotográfico e de catalogação peças da coleção da Caixa Económica do Funchal / Banif CTT (datadas de 1985) e a serigrafia “Ombre d’Aralia” (1973), pertença da Biblioteca Pública Regional da Madeira.

A dissertação *Viver na Sombra* – organizada como uma espécie de tríptico – estrutura-se da seguinte forma: na Parte I trata-se a biografia e o percurso artístico de Lourdes Castro desde a década de 50 do século XX aos nossos dias, dando enfoque especial a um conjunto de diálogos estabelecidos com Lourdes Castro, especialmente entrevistas, por serem escassas e documentos de inegável valor para se poder fazer um retrato desta artista plástica, no contexto das artes plásticas do século XX em Portugal.

A Parte II da dissertação trata do que Lourdes Castro designa como *parentes* seus, isto é, um conjunto de referências literárias – nacionais e internacionais – acerca de sombras e pertencentes à série de *Álbuns de Família* que a artista plástica tem sistematicamente vindo a elaborar desde há décadas.

No presente estudo tentei construir um novo “álbum” em que procedo a uma espécie de inventário de citações contidas nos *Álbuns de Família*, assim como procurei elaborar uma espécie de antologia de textos literários – da autoria de escritores nacionais e internacionais, em prosa e em poesia – que estão dispersos por inúmeros livros, catálogos ou outros itens bibliográficos.

O objectivo desta investigação é estabelecer uma articulação entre textos recolhidos e estudados por Lourdes Castro ou na sua obra inspirados, de modo a permitir que entre a escrita e a obra gráfica de Lourdes Castro (que se trata na Parte III deste trabalho) se possam encontrar pontos de contacto, num diálogo que poderá vir a ser aprofundado em futuros trabalhos – na medida essa tarefa seria demasiado extensa e de certa forma distante do contexto concreto desta investigação de mestrado –, nomeadamente com a análise literária detalhada dos textos aqui transcritos e antologados e com a contextualização das citações que Lourdes Castro acolheu nos seus *Álbuns de Família*.

A reunião do material que consta da segunda parte deste trabalho permitirá dar visibilidade à relação entre o conteúdo textual (quer citações, quer textos literários) e a obra gráfica produzida por Lourdes Castro, sendo esta relação em alguns casos evidente e noutros hipotética, mas que parece reforçar, de forma intencional, a interligação da obra artística física de Lourdes Castro com a sua já longa investigação e coleção textual acerca de sombras inserida nos *Álbuns de Família*.

A terminar esta dissertação, a Parte III dedica-se a trazer à luz obras de Lourdes Castro a *viver na sombra* (e por isso a escolha deste título para a presente dissertação). De facto, um dos objectivos fundamentais desta investigação foi, também, a tentativa de acrescentar valor ao estudo da já preciosíssima obra de Lourdes Castro. Assim, foram situadas, catalogadas e registadas fotograficamente obras de Lourdes Castro (que têm “vivido na sombra”) praticamente desconhecidas e inacessíveis a estudiosos em artes

plásticas e inacessíveis ao público em geral, num trabalho inédito que em muito valoriza o trabalho que agora se apresenta.

De facto, foi possível localizar uma série de seis peças em *plexiglas*, pertença dos CTT – Madeira (datadas de 1985), e realizar o seu registo fotográfico e catalogação. Foram também localizadas e estudadas três peças de Lourdes Castro pertencentes à coleção da Caixa Económica do Funchal / Banif (também datadas de 1985), assim como a serigrafia intitulada “Ombre d’Aralia” (datada de 1973), pertencente e localizada na Biblioteca Pública Regional da Madeira mas inacessível ao público e realizado o seu registo fotográfico e catalogação.

Parte I – Lourdes Castro



**Figura 2 : José Escada – Retrato de Lourdes de Castro, 1952
Desenho (tinta estilográfica sobre papel)**

1. Nota biográfica e percurso artístico

Lourdes Castro nasceu no dia 9 de Dezembro de 1930, na cidade do Funchal, ilha da Madeira, à qual regressou em 1983, depois de ter vivido 25 anos no estrangeiro, nomeadamente em Paris e em Munique. Lourdes Castro vive atualmente numa quinta no Caniço, resguardada do mundo. A ilha onde nasceu foi sempre um lugar de regresso e de memórias e inspiração para muitas das suas obras: “E grata ao céu e à terra eu ter começado a respirar aqui” (Castro, 2006, s.p).

Na infância, Lourdes Castro passava os verões junto dos seus avós maternos (Jacinto e Laura), uma informação de teor biográfico digno de registo na medida em que o livro *A Praia Formosa*, publicado em 2008, para além de ser um espólio fotográfico tornado público, é antes de mais uma homenagem sentida que faz a ambos.

Sobre a sua infância, Lourdes Castro afirma: “brinquei muito quando era pequena e vi coisas bonitas, mas nem sabia se eram coisas bonitas, porque não tinha pontos de comparação” (Castro, 1970, Arquivo RTP). Lourdes Castro aprendeu a ler e a escrever com a avó Laura, professora: “a avó é que nos ensinou a ler e a escrever. Exigia que nos sentássemos com as costas direitas (...) com ardósias e lápis de pedra em punho, fazíamos contas e problemas, escrevíamos os verbos, os ditados. Caderno de papel só para a escola” (Castro, 2008: s/d).

Lourdes Castro estudou no Liceu, atualmente designado Escola Jaime Moniz, onde aprendeu inglês, alemão e francês. Nesta altura ambicionava partir da ilha para conhecer outros países, como Alemanha, Inglaterra e França.

O primeiro contacto com a pintura remonta ao “*kindergarden*”, local onde era dada extrema importância ao desenho e onde fez os seus primeiros “bonecos”, tal como ela própria os designa:

“Sempre desenhei. Não sei quando começou esta vontade de desenhar...sempre fiz. Como sempre estive comigo, não considero que seja uma coisa muito especial, nem muito extraordinária, nem uma profissão, nem que seja arte. Para mim isto é uma maneira de viver, o mais natural possível” (Castro, 1970, Arquivo RTP).

A citação transcrita é fundamental na medida em que, como se poderá ver (por exemplos, nas entrevistas tratadas *infra*), a fusão entre a sua vida quotidiana e a sua obra é um fato explícito e fundamental em todo o percurso de Lourdes Castro: as duas dimensões – arte e vida – fundem-se numa só experiência, o que se torna particularmente visível no

documentário realizado por Catarina Mourão, intitulado *Pelas Sombras* (de 2010), que regista a rotina diária de Lourdes Castro e a sua relação com o espaço físico onde habita e a sua concepção da prática artística.

Lourdes Castro começou a fazer serigrafias em Lisboa, com René Bèrtholo, ao mesmo tempo que frequentava a Escola Superior de Belas Artes de Lisboa (entre 1950 e 56), instituição na qual iniciou o curso especial de pintura, tendo sido posteriormente “excluída” pelos primeiros trabalhos de modelo nu, ao iniciar o curso superior, demonstrando como a escola, através dos seus professores, se mantinha adversa a qualquer inovação. Ao longo deste período Lourdes Castro criou laços de amizade com algumas pessoas que foram e são fonte de inspiração para o seu percurso pessoal e artístico e hoje são igualmente grandes figuras do panorama artístico nacional e internacional.

Ao longo do curso, em Lisboa, Lourdes Castro participou em algumas exposições coletivas, organizadas por grupos de jovens artistas, que agitaram um pouco o cenário artístico lisboeta: a exposição no Centro Nacional de Cultura, com José Escada e Carvalho e Rêgo (em 1954); “Estudos sobre um tema de pintura”, no Museu das Janelas Verdes, com Teresa Sousa, Cruz de Carvalho e José Escada (em 1955), inaugurando uma outra exposição, no mesmo ano, na Galeria Pórtico, com os mesmos artistas. A sua primeira exposição individual ocorreu no Funchal, nomeadamente no Club Funchalense, em 1955. No ano seguinte, em 1956, casou-se com o René Bèrtholo.

Em 1957, Lourdes Castro parte para Munique com René Bertholo, Costa Pinheiro e Gonçalo Duarte, fixando-se naquela cidade por poucos meses: “confesso que tinha medo de ir para Paris, mas precisava deixar tudo e partir” (Castro, 1970, Arquivo RTP).

Voltou para Portugal devido a dificuldades financeiras, mas, juntamente com René Bèrtholo, em 1958, decide ir morar para Paris, onde viveu cerca de 25 anos, sendo nessa altura bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian e tendo como seu orientador Arpad Szènes, o que ajudou a atenuar as dificuldades iniciais de adaptação sentidas em Paris.

Pelo facto de estarem “deslocados”, Lourdes Castro e René Bèrtholo sentiram necessidade de escreverem “cartas” (e desenhar “coisas”) para os amigos de Portugal, o que mais tarde (entre 1958 e 1963) se veio a tornar numa revista intitulada *KWY* (quase inteiramente impressa à mão, em serigrafia, e cujo título advém das três consoantes inexistentes no alfabeto português); esta revista contou, a partir do nº 6, com a colaboração de Jan Voss, Christo, Costa Pinheiro, Escada, Gonçalo Duarte e João Vieira. No total

foram publicados 12 números da *KWY*, hoje completamente esgotados (e, portanto, com elevado valor económico e artístico), pois a tiragem era apenas de 300 exemplares. Nestas revistas predominava uma pintura abstrata de cariz informal, à qual se seguiria um lento, mas progressivo, regresso à neo-figuração.

Em Paris, a artista encontra finalmente um caminho próprio, o que proporcionou convites para expor nos principais centros europeus e várias aquisições de obras suas por diversos museus que se interessaram pelas suas obras.

No princípio da década 60, década notável em termos artísticos, Lourdes Castro decide abandonar os suportes e as disciplinas mais tradicionais, optando por um trabalho interdisciplinar iniciado com “assemblages-collages” (de origem neo-dada, contextualizadas pelo “nouveau réalisme” francês), com a acumulação arbitrária de pequenos objetos (que resultam da coleção “Eu colo tudo o que é para deitar fora”; Castro, 1961 in Castro, 1992: 48) em caixas que sofrem uma monocromatização uniforme de tinta de alumínio (em 1961): “Lourdes Castro liberta-se dos objetos, ao colecioná-los” (Fernandes, 1999: 1). É importante referir que foi a partir destes objetos que surgiram as primeiras sombras em serigrafia, os contornos de figuras (primeiro em tela e posteriormente em *plexiglas* recortados, pintados ou impressos por serigrafia), evoluindo posteriormente para os lençóis bordados, para o Teatro de Sombras, entre outros projetos.

A aura da, então, nova forma conferida ao objeto criado tenderá a converter-se num processo de afirmação subtil em torno do perfil possível de objetos e de pessoas contornadas apenas pelas suas sombras, temática de referência essencial na obra de Lourdes Castro a partir dos anos 60 e que se manterá uma constante, prolongando-se até aos dias de hoje:

“A surpresa do desenho, a simplicidade da forma, do contorno numa sombra, da sua invisível presença fascinou-me tanto que ainda hoje para mim é nova. Uma sombra tem para mim mais significado do que simplesmente um objecto descrito. É uma maneira de contemplar as coisas e as pessoas à minha volta” (Castro, 1962, in Fundação Calouste Gulbenkian, 1992: 50).

As primeiras sombras projetadas (em 1962) de Lourdes Castro são serigrafias realizadas a partir de objetos que são previamente colocados sobre a seda pré-sensibilizada:

“foi com a serigrafia que vieram à luz as minhas primeiras sombras. (...) Fazia colagens com objectos e, querendo realizar obras impressas, coloquei esses mesmo objectos sobre a seda pré-sensibilizada. Obtive assim verdadeiras sombras projectadas... depois de ter feito sair a sombra das sombras, de lhes ter dado cor, de as ter estendido (Castro, 1963: 23)

A pesquisas de Lourdes Castro continuaram, criando uma volumosa investigação sobre a sombra, nomeada *Álbuns de Família*. Estes *Álbuns* são de enorme importância já que, como se verá adiante, são arquivos que guardam a pesquisa, as informações, citações e descobertas que Lourdes Castro encontra e inventaria sobre sombras.

Em 1963, para além de sombras projetadas, a artista adiciona-lhes o contorno: “a sombra ainda é palpável. O contorno já não é. O contorno surpreende-me porque não existia antes de eu o desenhar; é creio, um novo olhar sobre o que me rodeia” (Castro, 1963: 24). O contorno revela-se a subtração necessária de tudo quanto não é relevante numa figura, conservando e sublinhando a sua essência: “O contorno é o *menos* que eu posso ter de alguma coisa, de alguém, conservando as suas características” (Castro, 1963: 24). Ao projetar sombras sobre uma tela e fazer o seu contorno surgia o problema da opacidade da própria pintura, problema que Lourdes Castro resolve contornando as figuras sobre *plexiglas* (a partir de 1966), “material imaterial como as sombras” (Castro, 1963: 24) devido à sua transparência.

Em 1968 e 1969, Lourdes Castro decide aproximar-se da vida, da natureza e do quotidiano; surgem então as “sombras deitadas” em lençóis bordados com o contorno da sombra de pessoas deitadas, que projetam horizontalmente os seus vestígios, sem necessitar da incidência do sol para as definir. A relação com a vida e a acção quotidiana levará estas sombras a erguerem-se, perdendo a fixidez e ganhando “vida própria”, através de eventos projetados no Teatro de Sombras (iniciado em Paris, em 1966), que Lourdes Castro criou e de que fez inúmeras apresentações, com Manuel Zimbro, entre 1973 e 1985. As encenações baseavam-se em situações do dia a dia, através de adereços, objetos e situações em três peças, sendo a primeira *Pic-nic à sombra, Contorno e Noite e Dia*, a segunda *Cinco Estações* e, finalmente, *Linha de Horizonte*. A partir deste projecto a sombra adquiriu movimento, transformando-se relativamente ao processo anterior (bordadas em lençóis, isto é, como sombras deitadas, como referi anteriormente). As experiências com o Teatro de Sombras começaram no espetáculo de Graziela Martinez, em Paris Sainte Geneviève dans la Baignoire. Na década de 70, são inúmeros os espetáculos realizados não só na Europa como também na América Latina.

Em 1970, certo dia, enquanto bordava um lençol com uma sombra deitada, Lourdes Castro tinha a ideia de enviar um catálogo ao seu amigo Hélder Macedo (que lhe tinha escrito um poema dedicado às sombras publicado nesse mesmo catálogo) e desejava

escrever-lhe uma dedicatória; bordou-a no papel, surgindo assim uma luz de inspiração para obras de livros bordados (1974): “Tinha uma agulha na mão com uma linha de cor. Bordei a dedicatória no papel” (Castro, 1992: 111). Estes livros bordados são, na minha opinião, artefactos fascinantes no sentido que materializam a importância deste suporte na obra de Lourdes Castro e talvez revelem uma íntima e ainda não explorada relação entre o ato de bordar e a criação artística no percurso desta artista.

Feito na ilha da Madeira, em 1972, uma vez mais explorando o suporte “livro”, Lourdes Castro cria *o grande herbário de sombras*, que contém cerca de cem espécies botânicas (etiquetadas com o nome científico de cada uma das espécies, o seu nome comum e o seu habitat) e caracteriza-se por guardar sombras fixadas diretamente pelo sol sobre papel heliográfico.

Não se deverá esquecer a estadia de Lourdes Castro em Berlim entre 1972 e 1974 que, acima de tudo, contribuiu para o aperfeiçoamento da técnica teatral e dos Teatros de Sombras, nomeadamente na primeira peça que apresentou.

Em 1980, Lourdes Castro regressa ao desenho, processo de que surge *sombras à volta de um centro*. A artista explicou a técnica utilizada do seguinte modo: “pouso a jarra com as flores a base da jarra é o centro a luz vem de cima as sombras das flores projetam-se à volta envolvidas pelo espaço do papel” (Castro, 1992: 58).

Lourdes Castro regressou ao Funchal, Madeira, em 1983, local onde reside atualmente, tendo realizado alguns trabalhos com azulejos e as tapeçarias. Em 2000 foi-lhe atribuído o Grande Prémio EDP e em 2003 realizou uma grande exposição no Museu de Serralves.

Apesar de Lourdes Castro ser uma artista reconhecida nacional e internacionalmente, ao longo dos anos tem-se revelado uma pessoa discreta e reservada, tal como se pode constatar pelas poucas entrevistas que concedeu ou pela sua ausência em acontecimentos culturais (não só na Madeira como no Continente ou Paris, cidade em que viveu 25 anos) e pela sua relação atual com “a sua porção de terra insular, que é agora a obra em que trabalha” (do Vale, 2010, s/d); nas palavras da própria, este processo é descrito nas seguintes palavras:

“Continuo a pintar. Um quadro, um só que nunca mas nunca estará pronto e mesmo depois de mim ele se irá fazendo... só quando o mundo acabar.

Antes de nós já muitos, desde o início desta ilha, a pintaram.

Continuamos. Continuo.

Esta é a minha “tela”, a última com certeza porque trabalho, trabalho, nunca estará pronta, acabada, por isso não assino.

Está sempre em transformação.”

(Castro, 2010: 139)

A terminar este percurso artístico de Lourdes Castro, listam-se de seguida as exposições individuais e colectivas da artista – nacionais e internacionais – por ordem cronológica e com indicação do título (quando existe) e do local (galeria e cidade) em que ocorreram³:

Exposições individuais

1955: Funchal, Club Funchalense

1957: Lisboa, Galeria Diário de Notícias (com René Bertholo)

1964: Lisboa, Galeria Divulgação (com René Bertholo)

1965: Munchen, Galerie Buchholz

1966: Baden-Baden, Stattliche Kunsthalle

1966 : Paris, Galerie Edouard Loeb

1967: London, Indica Gallery

1967: Amesterdam, Gallery 20

1967: Malmo, Limhamns Konstforening

1968: Basel, Galerie Handschin

1968: Hannover, Galerie Ernst

1969: Koln, Galerie Reckermann

1969: Essen, Galerie Thelen

1969: Milano, Studio Maeconi

³ Na bibliografia podem encontrar-se as referências bibliográficas dos catálogos relativos a cada uma das exposições aqui enumeradas.

- 1969: Frankfurt, Galerie Lupke
1970: Amsterdam, Galery 20
1970: Lisboa, Galeria 111
1971: Ljubljana, Moderna Galerija
1972: Praga, Galerie National
1972: Nurnberg, Institut fur Moderne Kunst
1973: Bordeaux, Galerie du fleuve
1973: Berlim, Akademie der Kunste (com René Bertholo)
1974: Antwerpen, Galerie Kontakt
1975: Lombreuil, Galerie Nouvelles Images
1976: Ciudad Bolívar, Museo de Arte Moderno J. Soto
1978: Paris, Galerie Jean Briance
1979: Lisboa, Galeria 111
1979: Porto, Galeria Zen
1980: Funchal, Direção Regional dos Assuntos Culturais
1992: 2VII Lisboa, “Ratton Cerâmicas, Azulejos”
1992: 3VII Lisboa, Galeria 111, “Sombras e Chocolates”
1992: 14 VII Lisboa, Galeria Tapeçarias de Portalegre
1992: 20 VII Lisboa, F. C. Gulbenkian “Além da Sombra”
1999: Galeria Porta 33, Arco 99, Madrid, “Sombras Projetadas”
2002: F. C. Gulbenkian, Lisboa, “O Grande herbário de Sombras”
2003: Fundação Serralves, Porto, “ Sombras à volta de um Centro”
2005: Fundação Arpad Szenes–Vieiera da Silva, Lisboa, “à sombra”
2009: Galeria Porta 33, Funchal, “A Praia Formosa”
2011: Galeria dos Prazeres, Calheta, “Lourdes Castro”

Exposições individuais

- 1959: V Bienal de São Paulo
1960: Grupo KQY: Universidade de Saarbrücken, SNBA, Lisboa; G. Le soleil dans la tête, (61) Paris; G. 2000, Bologna (62)
1961: 1ª Bienal de Paris

- 1962: “Le relie2” Galerie XX siècle, Paris
- 1962: “Arte Portuguesa Contemporânea” Coleção Calouste Glubenkian, Açores e Madeira
- 1962: “Autonome Architectur” Stedelijk museum, DELFT
- 1963: “Exposition eropéenne de la serigraphie”, Palais de la Defense, Paris; C/ Marta Minujine A.Otero, Paris
- 1964: “Illustrationen”, Staatliche Kunsthalle Baden-Baden
- 1964: “Cinquante ans de collages”, Musée dès Arts Decoratifs, Paris
- 1964: Salon de Mai, Paris
- 1964: Salon de la Jeune Peinture, Paris (65, 66, 67)
- 1965 “La fête à la Joconde”, Paris
- 1965: “Fête Garderobe”, Arcueil
- 1966: “Schèmes 66” Musée d’art Moderne de la Ville de Paris
- 1967: “Aktual Art International”, San Francisco Museum of Art
- 1967: VI Biennale di S. Mariano “Nuove Techiche d’Immagine”
- 1967: Salon de Mayo, La Hagana
- 1967: “Superlund”, Lunds Kunsthall, Suécia
- 1967: “Objects” 67, Gal. Mathias Fels, Paris
- 1968 “Ars vivant” Fondation Maeght, S. Paul de Vence
- 1968: “Three Blind Mice” Stedelijk van Abbemuseum, Eindhoven
- 1968: “Biennale Internation del Estampe”, Musée d’art moderne dela ville de Paris
- 1968: Galeria Galetea, Buenos Aires
- 1968: Galeria 212, Belgrado
- 1968: Livres de Peintres, Victoria and Albert Museum
- 1968: Art Experimental, Musée d’art et d’Industrie, St. Etienne
- 1969: “Distances”, ARC, Paris
- 1969: “Sérigraphies”, La Hune, Paris
- 1969: “Naissance d’une Collection”, Musée Cantini, Marseille
- 1969: “Moderne Kunst aus Privatbestz” Kunstverein, Hannover
- 1969: Festival NON ART, dans le monde entier
- 1970: “Europlastic”, Grand Palais
- 1970: “Modern fransk grafik”, Finland

- 1970: “Coordonnés nouvelles”, Musée des Beaux Arts, Nantes
- 1971: “Multiplication”, Sodertälje Konsthall, Suède
- 1971: Exposition 10 ans d’Art Portugais à la Paris, Fundação Calouste Gulbenkian
- 1972, 73, 74, 75, 76, 77: Bienais Internacionais de Gravura de Ljubjana, Paris, Krakóvia, Tokyo, Veneza; Noruega, Bradford, Irlanda (prémios na Jugoslávia e Polónia)
- 1974: Arts Festival for Democracy in Chile, Royal College of Art, London
- 1975: “Stamp Art”, Utrecht, Holanda
- 1975: “Visuale Poezie, den Haag
- 1977: Internationale Buchkunst- Ausstellung, Leipzig (exposição internacional do livro)
- 1975: “Boîtes” ARC, Paris
- 1978: “Lourdes Castro de Madère” programa Tv francesa (D’un pays à l’autre, Portugal)
- 1978: Festival Internacional de Desenho, Christchurch (Nova Zelândia)
- 1979: “Daum, 100 ans de création dans le verre et le cristal”, Musée des Beaux Arts, Nancy
- 1979: “Renaissance de la Pâte de Verre”, Paris
- 1979: “LIS’79, Exposição Internacional de Desenho (Portugal)
- 1979: “L’ombra”, Casa del Mantegna, Mantova
- 1980: “Metronom”, Mail Art, Barcelona
- 1979: “Photocopies”, Galerie Forain, Paris
- 1981: Pintura Portuguesa Contemporânea, Museu Luís de Camões, Macau
- 1981: Nove cartoline, Roma
- 1981: XVI Bienal de S. Paulo – Art Exhibition Califórnia, Contemporary Art Forum, St. Barbara
- 1981: “La Carte Postal d’avant garde”, Paris
- 1983: Mediarte, comune di Genova
- 1983: “Art against apartheid”, Paris, Suède, Finlande, Danemark
- 1984: Galeria 111, 20 anos
- 1984: Mail art, Wiener Secession
- 1985: Mail art, Postmuseum Stockholm
- 1985: “Diálogo”, CAM – Fundação Calouste Gulbenkian
- 1986: “1ª exp. Int. De Esculturas efémeras”, Brazil
- 1987: “Bilder und Bucher”, 20 Jahre Rainer Verlag, Berlin (Quadros e Livros)

- 1988: “Vraiment faux”, fondation Cartier
- 1989: “Visual Poetics”, Museum of Contemporary Art, Brisbane, Austrália
- 1989: “As cores da Revolução”, Palácio da Ajuda
- 1991: “Artistes Portugais dans les collections privées en Belgique”, Musée de Louvain-la-Neuve
- 1991: Tapeçarias de Portalegre, mosteiro dos Jerónimos
- 1992: “Livros de Artista”, Assírio & Alvin, The Normal Museum e CML
- 1994: “Coleção Manuel de Brito-Imagens da Arte Portuguesa do Século XX”, Museu de Chicago, Lisboa
- 1995: “Coleção Manuel de Brito-Imagens da Arte Portuguesa do Século XX”, MAM, Museu de Arte moderna do Rio de Janeiro
- 1995: “Coleção Manuel de Brito-Imagens da Arte Portuguesa do Século XX”, MASP, Museu de Arte de São Paulo
- 1995: “Artistas Portugueses do século XX”, Casa do Povo, Cidade Proibida, Pequim
- 1995: “Coleção Manuel de Brito-Imagens da Arte Portuguesa do Século XX”, Leal Senado, Fórum, Macau
- 1996: Galeria 111, Lisboa
- 1996: Galeria 111, Porto
- 1997: “Pop´60s”, Centro Cultural de Belém, Lisboa
- 1997: Marca 97 – Madeira, Funchal
- 1997: Galeria 111, Lisboa
- 1997: “Signos, Símbolos, Siluetas, sombras, Nouveau Realisme, Nouvelle Figuration”, Palácio Municipal de Exposiciones Kiosko Afonso, Corunha, Faculdade de Belas Artes, Pontevedra
- 1998: Bienal de São Paulo (Participação portuguesa de Lourdes Castro e Mário Tropa)
- 1998: III Bienal Portense, Europarque, Santa Maria da Feira
- 1998: “Arte Portuguesa Anos 60/90”, Galeria 111, Lisboa
- 1998: “Arte contemporânea Anos 60/90”, Galeria 111, Porto
- 1999: “A indisciplina do Desenho”, fundação Cupertino de Miranda, Vila Nova de Famalicão
- 1999: Arco 99, galeria Porta 33, Madrid

- 1999: Exposição inaugural CIRCA 1968, Museu de Arte Contemporânea de Serralves ,
Porto
- 2000: Festival de Arte Contemporânea – Marca – Madeira, Funchal
- 2000: “A Indisciplina do Desenho”, Museu de José Malhoa, Caldas da Rainha e Museu de
Aveiro
- 2002: “Azulejos-12 Artistas Portugueses Contemporâneos”, Galeria da Livraria
Portuguesa, Macau
- 2003: “Lourdes Castro: Sombras à volta de um centro”, Museu de Serralves, Porto
- 2010: “À Luz da Sombra de Lourdes Castro e Manuel Zimbro”, Fundação de Serralves,
Porto
- 2010: “Linguagem e Experiência Obras da Coleção da Caixa Geral de Depósitos”, Museu
Grão Vasco, Viseu e Museu de Aveiro, Aveiro
- 2012: “AMIGOS DE PARIS. Lourdes Castro, René Bértholo, José Escada, Jorge Martins”,
Fundação Arpad Szenes – Vieira da Silva, Lisboa

1.1. Diálogos com Lourdes Castro (entrevistas e depoimentos)

Em 1992, a pretexto da exposição *Além da Sombra* (realizada na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa), João Pinharanda referia-se a um “regresso e revisão, antologia e revelação” de Lourdes Castro (Pinharanda, 1992: 8). Este crítico de arte considera que a obra de Lourdes Castro “[se] integra e contribui para a definição de uma das épocas internacionais (e nacionais) de maior dinamismo criativo e maior (re)problematização do modernismo (o período da “pop art”, do “nouveau réalisme”, da “arte povera”, da nova figuração) (Pinharanda, 1992: 8).

Independente de qualquer categorização, catalogação ou inclusão nos diversos movimentos artísticos do século XX, Lourdes Castro sempre se pautou por um percurso individual, afectivo e seguiu uma investigação privada em benefício do seu trabalho. Para João Pinharanda, nesta exposição “oferece-nos uma memória, de amizades, de casos e episódios heróicos; oferece-nos uma vibração sensorial, pelas imagens do mundo imediato e pela transformação a que a atitude de intervenção artística os submete; oferece-nos uma paixão, pela experimentação constante das/com as imagens, pelo jogo do seu duplo” (Pinharanda, 1992: 8).

Como ficou claro no capítulo anterior (cf. “1. Nota biográfica e percurso artístico”), o percurso artístico de Lourdes Castro tem sido, desde há décadas e ainda hoje, muito afetado pelas suas experiências biográficas, não havendo uma separação clara entre vida e obra. Poderá mesmo dizer-se, em concordância com João Pinharanda (Pinharanda, 1992: 8), que em Lourdes Castro se trata sobretudo de criar por experimentação, com paixão.

Por poderem iluminar a vida (e, portanto, também a obra) de Lourdes Castro – e sobretudo por serem escassas as entrevistas concedidas pela artista, que “confessa não ser muito apreciadora de entrevistas” (Ponte, 2010: s.p.) – parece-me importante dedicar atenção a um conjunto de diálogos com a artista realizados entre os anos 80 e 2010.

Para além de poderem confirmar pela voz da própria Lourdes Castro a maior parte das informações biográficas recolhidas e descritas no capítulo precedente, estas entrevistas permitem trazer à luz ideias, palavras, referências, memórias, processos de criação e factos que marcam o percurso desta artista maior no panorama da arte portuguesa do século XX.

O retrato de Lourdes Castro que antecede uma entrevista realizada para o *Jornal de Letras, Arte e Ideias* por Daniel Ribeiro, em 1896, é feito deste modo: “Lourdes Castro é uma pessoa. Daquelas perante as quais tudo parece ser, a um tempo, simples e complicado. Perante as quais tudo parece demasiado simples” (Ribeiro, 1986: 20). O traço de carácter que mais caracteriza a personalidade de Lourdes Castro é este mesmo, o da simplicidade, quer na forma como se exprime e explica os processos de criação, quer no modo como conta os diversos episódios da sua vida.

Estabelecendo um paralelismo entre a vida e a obra de Lourdes Castro, Daniel Ribeiro afirma: “Lourdes Castro parece uma sombra... E estranho dizer isto de uma pessoa que faz precisamente isso: não só sombra como as outras, mas que trabalha *na sombra*” (Ribeiro, 1986: 20).

Em retrospectiva pelo seu percurso artístico, Lourdes Castro recorda o momento “de um dia ter reparado nas sombras... Isso fascinou-me de tal maneira que desde 1962 me ocupo de sombras... (...) “um dia olhei para as sombras... Em vez de olhar para o objeto, olhei para a sombra, e foi assim que começou. Bem... Exatamente, exatamente..., eu fazia aquelas coisas, como é que se diz, uns objetos... não eram colagens, assim umas caixas que tinham muitas coisas. Depois eu pintava tudo de alumínio.” (Ribeiro, 1986: 20).

Deste modo, Lourdes Castro situa a génese da sua longa investigação em torno das sombras em 1962 e explica, de uma forma muito pessoal e subjetiva, o processo que segue na sua observação e experimentação deste acontecimento: “sempre que vejo sombras dá-me imenso prazer, porque são, porque é sempre uma surpresa... mesmo que tu saibas que ou ficam maiores ou distorcidas ou assim, não é...?” (Ribeiro, 1986: 20).

Em diálogo com o jornalista, Lourdes Castro assume que, em 1986, “isso ainda me fascina” (Ribeiro, 1986: 20) e recua no tempo para, em palavras muito breves e num registo memorial, rever os diferentes processos que ao longo de décadas usou para trabalhar as sombras:

“Primeiro fiz as sombras em papel, depois sobre tela, as telas pintava-as todas de branco para ter a melhor matéria possível. Depois, como são as sombras, lembrei-me de trabalhar com plexiglas, depois o plexiglas trouxe-me as transparências, as projecções, depois um dia lembrei-me de fazer sombras deitadas... foi isso que deu origem aos lençóis... Depois as sombras também se mexem, e é essa a ideia do teatro...” (Ribeiro, 1986: 20)

O entrevistador, Daniel Ribeiro, sublinha a ideia deque “ela é assim, como fala. Com suspensões, reticências... (...) Em Lourdes Castro não há conclusões (...) as coisas

prolongam-se, há sempre a sensação de que há mais qualquer coisa a fazer, a dizer” (Ribeiro, 1986: 20).

Com a mesma naturalidade com que percorre décadas de produção artística, Lourdes Castro descreve a génese do seu trabalho *Álbuns de Família* e a sua relação com o Teatro de Sombras:

“Comecei a juntar todas as coisas que diziam respeito a sombras, a contorno... e chamo-lhes álbuns de família... quer dizer, são os meus parentes. Tenho parentes de que não gosto nada, tenho parentes muito afastados, tenho parentes mais próximos... E nesse álbum de família tenho muita documentação sobre o teatro de sombras... oriental. Disso e da minha vontade de pôr as sombras em movimento resultou o teatro de sombras” (Ribeiro, 1986: 20).

Na entrevista realizada para o *Jornal de Letras, Arte e Ideias*, em 1996, Daniel Ribeiro convoca palavras de Manuel Zimbro, “o seu companheiro e cúmplice” (Ribeiro, 1986: 20), pois este acrescenta – a propósito de palavras de Lourdes Castro sobre o conceito de contorno e de este ser a essência de algo ou de alguém – que a simplicidade “é como os sinais de trânsito. Que não tem a ver nem com o que está fora nem com o que está dentro. Tem a ver com o essencial – *rapidamente*. Simplificação. Não é no sentido de ler rápido. É pôr simplificado. Com pouco, dizer tudo.” (Ribeiro, 1986: 20).

Em claro acordo e em plena cumplicidade com o seu companheiro de vida e de percurso artístico, a uma pergunta do jornalista sobre a procura de “efeitos especiais” na sua intervenção artística Lourdes Castro afirma que “não. Nós procuramos sempre a simplicidade, que seja o que corresponde ao que a gente quer, o Manuel e eu, que seja ‘justa’... Não é preciso mais, é chegar ao essencial da coisa...” (Ribeiro, 1986: 21). Para Lourdes Castro “é isso que no fundo reflecte a nossa maneira de ser, de ver, é isso, são os sonhos de cada um, a gente pode sonhar com coisas assim, muito simples...” (Ribeiro, 1986: 21).

Se Daniel Ribeiro (Ribeiro, 1986: 20) sublinhou o facto de Lourdes Castro ser “conhecida, ‘apreciada’”, de “ter feito exposições um pouco por todo o mundo” e de ter sido realizado “um programa na televisão francesa sobre ela” (Ribeiro, 1986: 20-21), numa outra entrevista feita à artista Inês Pedrosa afirma: Lourdes Castro “fez-se célebre sem querer, através das sombras” (Pedrosa, 1987: 16).

Em entrevista concedida a Inês Pedrosa publicada no *Jornal de Letras, Arte e Ideias*, em 1987, o retrato que de Lourdes Castro a jornalista faz é este: “é uma figura irreal, vestida de branco bordado, um contorno de luz” (Pedrosa, 1987: 16). Para a jornalista, são incertos os “limites de irrealidade de Lourdes Castro. Toda a sua vida tem sido um sublinhar dos contornos para apagar as fronteiras entre os seres e os sonhos deles” (Pedrosa, 1987: 16).

À semelhança da rememoração sobre os processos artísticos de Lourdes Castro que a entrevista dada a Daniel Ribeiro faz, também nesta se realiza uma revisitação ao passado. Em discurso indireto, Inês Pedrosa refere que

“tudo começou com objectos, caixas, coisas de deitar fora pintadas em tons de alumínio. Um dia, (...) ela lembrou-se de pôr os objectos sobre a seda da serigrafia. E os objectos fizeram sombra sobre a seda, e foi atrás dessa sombra que Lourdes Castro decidiu continuar. As sombras correram do papel para a tela e da tela para a matéria plástica talhada a serra eléctrica. Como as sombras também se deitam, ela bordou-as em lençóis. E como acordam e mexem, ela pô-las em teatro” (Pedrosa, 1987: 16).

Na sua peça jornalística, Inês Pedrosa recorda o ano de 1973, data em que, com René Bèrtholo, em Berlim, começou a “gerar este movediço mundo de magias” (Pedrosa, 1987: 16). Passada mais de uma década, é inevitável constatar a “libertação de energia cada vez mais próxima do espontâneo, cada vez mais sucessora de si própria” (Pedrosa, 1987: 16).

De facto, para Lourdes Castro, o processo de criação é simples de explicar:

“se alguma coisa inovei foi porque fiz o que sentia que estava de acordo comigo, só isso. Se as pessoas fizessem isso mais vezes, se estivessem atentas a si próprias, se gostassem do que faziam, apareciam mais coisas novas, não acha? Porque não há duas sombras iguais, não é? Tudo muda permanentemente, e cada pessoa é única. Nós vivemos assim, de acordo conosco...” (Pedrosa, 1987: 16).

Tal como na entrevista referida anteriormente, e num diálogo em que as fronteiras entre a vida e a obra se mostram, uma vez mais, diluídas, é referida a cumplicidade da relação entre Lourdes Castro e Manuel Zimbro, que a artista plástica formula nestas palavras: “O Manuel é a luz, eu sou a sombra” (Pedrosa, 1987: 16). O termo “nós” usado por Lourdes Castro na citação acima transcrita designa esta mesma interligação entre ela e Manuel Zimbro, que Lourdes Castro – regressada nesse ano à Madeira – descreve nestas

palavras: “Viemos como dois passarinhos. Gostamos muito de árvores, de terra, de plantas. É isso que dá as forças todas aqui.” (Pedrosa, 1987: 16).

Na entrevista mencionada, Inês Pedrosa recorda alguns dados da biografia de Lourdes Castro: a partida do Funchal com de vinte anos, em 1950, quando “não havia aviões” (Pedrosa, 1987: 17); a chegada a Lisboa, sobre a qual Lourdes Castro refere que sentiu que “as pessoas lá eram muito mais fechadas do que aqui.” (Pedrosa, 1987: 17); o abandono da Escola de Belas Artes, em 1957, e a necessidade de sair do país: “queríamos ver, precisávamos de tocar com os olhos na pintura verdadeira” (Pedrosa, 1987: 17). Depois da passagem por Munique, a chegada a Paris, com René Bértholo e Escada (Pedrosa, 1987: 17); o projecto *KWY*, em que colaboraram Christo e Gonçalo (Pedrosa, 1987: 17).

Sobre Paris, segundo Lourdes Castro, “é difícil do princípio ao fim” (Pedrosa, 1987: 17); a artista recorda que “a nossa casa em Paris era muito pequenina” (Pedrosa, 1987: 17), facto que José-Augusto França, amigo de Lourdes e Bértholo, recorda também: “os portugueses continuavam a ser (...) o René e a Lourdes que ia ver no seu minúsculo apartamento da Rue des Sains Pères, ao alto de uma escada (França, 2000: 179).

Regressada à ilha, Lourdes Castro explica o impulso que a fez querer voltar: “um dia vim aqui e apeteceu-me voltar a ver o mar todos os dias. O mar é muito grande, maior que Paris” (Pedrosa, 1987: 17).

Sobre as sombras, Inês Pedrosa conta como, para Lourdes Castro, “sombra é aquilo que faz com que a luz brilhe, é a colecção de marcas que vamos deixando para trás, é aquilo que melhor nos define” (Pedrosa, 1987: 17). Desta forma, de novo aparece a ideia de essência, de simplicidade, de identidade e de presença.

Em coerência com toda a sua obra e com a experimentação e as investigações que desde sempre desenvolveu em torno das sombras, Lourdes Castro afirma: “não tenho uma visão nada subalterna das sombras, não acho que sejam coisas desprezíveis. De momento para momento, o que fica é a sombra” (Pedrosa, 1987: 17).

O título da entrevista realizada, em 1991, por Isabel Fragoso, “Lourdes Castro, na vida como na vida” (Fragoso, 1991: 24), pode bem ser a síntese da simbiose que nesta artista se encontra: para a jornalista, coloca-se a interrogação sobre se se trata de uma “simplicidade enganadora ou complexidade autêntica” (Fragoso, 1991: 24). A esta questão

dá-se uma resposta que esclarece o olhar de Isabel Fragoso sobre Lourdes Castro que sublinha a estreita relação entre a personalidade da artista e a sua obra: “uma artista que tem uma forma linear de estar na vida”, com um “talento também ele frequentemente desconcertante” (Fragoso, 1991: 24).

Para Isabel Fragoso é omnipresente a ideia de sombra em Lourdes Castro: “quando se fala de Lourdes Castro fala-se necessariamente de sombra e de Teatro de Sombras, que nada tem a ver com sombrio; pelo contrário, tem que ver com cor e com vida” (Fragoso, 1991: 24).

Destacado o traço marcante da obra (e da vida) da artista, a jornalista detém-se na exposição que motiva este diálogo – a exposição “Linhas de Sombra” (em 1991), com as Tapeçarias de Portalegre (de que houve anteriores experiências, respectivamente em 1984 e em 1985) – recuando, no entanto, à exposição de “Sombras Deitadas”. Para se compreender a relação entre a exposição anterior e esta, das tapeçarias, Lourdes de Castro explica: “Lembrei-me de fazer sombras deitadas e, sendo assim, teriam de ser lençóis, e lençóis eu não os ia pintar, por isso bordei-os com aquele pontinho pé de flor. É tão simples quanto isso” (Fragoso, 1991: 24).

Numa secção da entrevista dedicada à biografia de Lourdes Castro, a artista afirma: “não tenho pressa para nada, nem nunca cuidei muito da minha carreira. Quero é viver cada momento da vida de modo intenso” (Fragoso, 1991: 24). De facto, tendo já regressado à ilha há anos, em 1991 Lourdes Castro declara que “se vivo num sítio tão bonito como a Madeira, onde posso plantar árvores, acho que devo viver isso e não complicar a vida” (Fragoso, 1991: 24-25).

Em retrospectiva, Lourdes Castro lembra ter saído da Madeira “com 20 anos” e recorda os seus anos iniciáticos como estudante de belas-artes e, posteriormente, como artista internacional:

“Vim estudar pintura para a ESBAL. Não acabei o curso porque acabei por ir para o estrangeiro. Primeiro Munique, depois Paris. Aqui [Lisboa] não havia quase nada. Naquela altura havia a SNBA, o Museu de Arte Contemporânea, a Galeria Pórtico, na qual o grupo da escola chegou a fazer exposições, e a escola era o que era. Não havia uma Fundação Gulbenkian, que fez muito pela nossa cultura (...). Ficar cá era não continuar. Se queríamos continuar não o podíamos fazer aqui” (Fragoso, 1991: 25).

A propósito da sua demorada presença em Paris, por cerca de 25 anos, Lourdes Castro é muito clara: “não quero criar raízes em lado nenhum. Estamos nesta terra e tudo passa: nós passamos, portanto não nos devemos fixar às coisas. Regressar à Madeira não foi para estar ‘agarrada’ a ela” (Fragoso, 1991: 25).

A terminar a entrevista a Isabel Fragoso, e em forma de síntese sobre a sua natureza e sensibilidade, sobre o modo como olha, concebe e pensa a vida, Lourdes Castro declara: “Quero ser livre, não quero pertencer a nenhuma religião nem a nenhum clube. Não, não quero, eu não quero nada. Quero ser livre e pensar em cada instante, rever e duvidar” (Fragoso, 1991: 25). Em acordo com declarações feitas anteriores entrevistas, Lourdes Castro reafirma a ideia de que “sou deste mundo”, “tento ser o mais simples possível” (Fragoso, 1991: 25).

Simplicidade, liberdade e espontaneidade; eis como se poderá descrever a natureza desta artista maior em Portugal.

No contexto da exposição “Além da Sombra” (de 1992), João Pinharanda entrevistou Lourdes Castro, questionando a seleção das peças incluídas na exposição, o processo da sua montagem e os critérios da elaboração desta “antologia”, como a própria artista define a sua exposição (Pinharanda, 1992: 9).

Lourdes Castro começa por contar que esta exposição se iniciava “com um quadro que foi rejeitado no [seu] exame para o curso superior de pintura (...). Era pintura de modelo, não tem a ver com as ‘sombras’, mas acho que já se integra no que eu viria a fazer – contornos bem acentuados, fundos e formas lisas, muita cor...” (Pinharanda, 1992: 9).

Porque permitia rever o percurso de toda a sua vida artística, Lourdes Castro explica que excluiu “toda uma primeira fase de pintura abstracta da Escola e dos primeiros tempos de Munique e Paris” (Pinharanda, 1992: 9), apesar de declarar que “são experiências que, por vezes, [lhe] agradam muito” (Pinharanda, 1992: 9).

Na retrospectiva pessoal da sua obra, Lourdes Castro refere que “na Alemanha, em 1957, foi a primeira vez em que [se sentiu] livre a pintar, completamente livre e feliz” (Pinharanda, 1992: 9), o que talvez possa ser explicado pelo seu afastamento de uma prática da pintura escolar e académica, tal como, então, seria prática curso superior de pintura. De facto, João Pinharanda refere-se à liberdade que Lourdes Castro sentia e questiona a origem deste sentimento, se decorria do afastamento do país, da Escola de

Belas Artes. Na sua resposta, Lourdes Castro menciona o grupo de artistas que, em 1957, decidiu partir para Munique: René Bértholo, João Vieira, José Escada, Gonçalo Duarte e Costa Pinheiro. A este grupo e ao grupo que, mais tarde, foi viver para Paris e fundou a revista *KWY* Lourdes Castro chama “amigos de emigração” e explica que “não nos limitávamos a uma linha. Dávamo-nos com quem gostávamos. Não era uma escola” (Pinharanda, 1992: 9). Ao referir-se à *KWY* (publicada entre maio de 1958 e o inverno de 1963 e que reunia artistas internacionais, provenientes da Alemanha e da Hungria⁴, por exemplo), a artista afirma: “a revista que editámos não tem muitos textos teóricos; são mais poéticos e criativos...” (Pinharanda, 1992: 10).

Gostaria de referir que, de acordo com João Pinharanda, “o nome do grupo terá sido invenção dos portugueses, seduzidos pelo valor visual e simbólico de três letras inexistentes no nosso alfabeto (numa altura em que a relação entre escrita e pintura era intensamente explorada) e, depois, pelos trocadilhos verbais que possibilitava (‘Ká Wamos Yindo’; ‘O KeWYmos’) (...), etc.)” (Pinharanda, 1992: 10). A relação entre este grupo de artistas plásticos e escritores foi muito intensa, pois a revista contou com a colaboração de José Gil, Hélder Macedo, Nuno Bragança, Cristovam Pavia, Alfredo Margarido e José-Augusto França, entre outros (Pinharanda, 1992: 9).

Deve, ainda, notar-se que a revista *KWY*, com uma tiragem de cerca de 300 exemplares, “foi vendida em galerias e livrarias especializadas de Nova Iorque a Basileia, de Tóquio a Bolonha e de Bruxelas a Lisboa” (Pinharanda, 1992: 11), mas “não existem colecções completas disponíveis nas bibliotecas portuguesas” (Pinharanda, 1992: 11).

No decurso da entrevista, João Pinharanda pergunta a Lourdes Castro se esta chegou ao tema da sombra “através de uma pesquisa teórica, digamos que literária e historiográfica” (Pinharanda, 1992: 9). Na sua resposta, a artista explica que “estes trabalhos começaram exatamente em 1962” (Pinharanda, 1992: 9) e conta que

⁴ Para um estudo aprofundado desta publicação, deve consultar-se a dissertação de Mestrado em História da Arte Contemporânea realizada por Ana Filipa Candeias (apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, em 1996); no volume 1 desta investigação – intitulada *Revista KWY: da abstracção lírica à nova figuração (1958-1964)* – a autora estuda os “Antecedentes lisboetas” da publicação e “Os ciclos da criação plástica e literária” da *KWY*, concluindo a sua dissertação com um “Balanço final. Depois de *KWY*”. Note-se que o volume 2 da presente dissertação procede a uma “Reprodução fac-similada da revista *KWY* (selecção)” (cf. CANDEIAS, 1996).

“eu fazia com o René Bèrtholo, praticamente sozinhos, a revista do nosso grupo, a “KWY”. Fazíamos as serigrafias no quartinho onde vivíamos e, como resolvi imprimir directamente os objectos que na altura usava em colagens e ‘assemblages’, reparei que eram as suas sombras que a seda serigráfica imprimia” (Pinharanda, 1992: 9).

O carácter quase ocasional e experimental destas descobertas é reforçado pelas seguintes palavras de Lourdes Castro: “eu estava aberta a todo o tipo de novas imagens e processos. Não me sentia presa a nada, estava era atenta a tudo” (Pinharanda, 1992: 9).

Como em palavras presentes em outros textos, nesta entrevista Lourdes Castro reafirma as suas ideias acerca da sombra: “A sombra pertence ao mundo real, não é uma fantasia; existe, nós é que a não vemos ou não lhe damos importância e por isso somos mais pobres” (Pinharanda, 1992: 9).

Detendo-se nos anos mais recentes, Lourdes Castro afirma: “Tenho feito os meus ‘álbuns de família’, onde recolho memórias e testemunhos da utilização ou referência da sombra ao longo do tempo e das civilizações...” (Pinharanda, 1992: 9).

Em 2001, Ana Marques Gastão entrevista Lourdes Castro, assinalando, a iniciar a sua peça jornalística, o facto de que “a pintora não parece atribuir mais do que um valor humano a esta aventura artística centrada (...) no transporte ou rarefacção de uma luz suprema” (Gastão, 2001: 14).

Entrevista de teor sobretudo biográfico, neste diálogo com Ana Marques Gastão Lourdes Castro revê alguns dos períodos fundamentais da sua vida, desde a infância, sobre a qual diz: “ a infância ajudou-me a ter esse equilíbrio. Vivi uma grande harmonia familiar com os meus pais, os meus tios, a avó, vivíamos numa casa grande, com jardim e fazenda. Podia-se correr, ir para o mar (...), estar muito perto das árvores, das plantas, da terra, dos bichos” (Gastão, 2001: 16).

Tal como anotei antes, há em Lourdes Castro uma relação muito estreita entre a sua vida e a arte que ao longo do tempo tem vindo a criar. De facto, Lourdes Castro afirma que “talvez eu tenha sido influenciada [na pintura] pelo facto de vivido rodeada de cores, de estar entre as árvores e o mar, sempre em contacto com a natureza, que também somo nós, não é?” (Gastão, 2001: 16).

É com absoluta naturalidade que Lourdes Castro pensa e executa a sua arte, pois, como diz, “nunca me preocupei com a motivação. Fui fazendo as coisas conforme foram

acontecendo. Respirando... Por isso arte é, para mim, uma questão de vida ou de morte, pois só pode partir de uma necessidade muito forte” (Gastão, 2001: 16). Em suma, para Lourdes Castro a arte é algo vital, tão natural como o ato de respirar, e livre de qualquer plano ou intenção, a fluir em acordo com o curso e os acontecimentos da vida.

Nesta entrevista com Ana Marques Gastão, Lourdes Castro menciona alguns autores – sobretudo poetas como, por exemplo, Rilke, Goethe ou Hölderlin – com quem tem uma especial afinidade. Sobre Herberto Helder afirma: “sou muito amiga do Herberto, embora nos vejamos pouco. Mas, sabe?, o que eu faço tem a ver com tudo. Talvez se possa dizer poético, sim. Sempre li poesia, fiz livros com desenhos e poemas” (Gastão, 2001: 16). Por estas palavras fica claro o interesse e a cumplicidade que para Lourdes Castro existe entre as artes plásticas e a literatura, na medida em que – tratando-se de criação – para esta artista a sua obra “tem a ver com tudo” e, portanto, também com a poesia. Para além do poeta português, Lourdes Castro refere Rilke:

“Quando leio Rilke, não vejo só as letras; quando observo um quadro, também não observo só as tintas nem a grade, a tela com cores em cima. Nada pode ser visto como algo à superfície. Quando se está a ver, já se está a aprender o invisível. Não faço essa separação. Os sons tocam em tudo e não apenas nos ouvidos” (Gastão, 2001: 16).

Para além de não separar os métodos e os materiais da linguagem visual e da linguagem verbal – as artes plásticas e a literatura – Lourdes Castro pensa a relação entre ambas do ponto de vista da percepção (“invisível”), sensorialmente. A confirmar esta ideia, sublinhe-se que Lourdes Castro revela, nesta entrevista, uma afinidade especial da sua obra – e em particular com as sombras – com Goethe, ao citar o seu livro *A metamorfose das plantas* e ao referir-se ao método de investigação desenvolvido ao longo dos anos para os seus *Álbuns de Família*:

“Ele [Goethe] olhava para muitas coisas. Observou a sombra. Até hoje, talvez tenha sido o único a falar da sombra colorida, a maior parte dos poetas fala dela como algo de negro, de sombrio, e a sombra é tão fresca. Nos meus ‘Álbuns de Família’ quis perceber o que estava a fazer: fiz uma pesquisa intensa sobre a sombra, na literatura, na poesia, na História. E continuo a fazê-la.” (Gastão, 2001: 19).

Ao rever o seu percurso de vida, tal como em anteriores entrevistas, Lourdes Castro recorda os anos 50 em Portugal e os motivos que a levaram a sair do país: “É muito difícil imaginar Portugal em 1957 (...) Era enorme o deserto” (Gastão, 2001: 17-18). Depois de

contar a constituição do grupo *KWY* em Paris (Gastão, 2001: 18), Lourdes Castro refere que “Maria Helena [Vieira da Silva] adorou a revista *KWY*. Quando se iniciaram as assinaturas, o Arpad e a Maria Helena compraram dez para dar aos amigos” (Gastão, 2001: 19). Para além deste motivo concreto de afinidade entre as duas artistas, entre Lourdes Castro e Vieira da Silva parecia existir alguma cumplicidade na forma de pensar e de ser: “A Maria Helena gostava de ver no jardim muitas flores juntas, aqui e acolá uns pontinhos de cor que ressaltavam, uma minúscula flor, vermelho ou azul intenso... como nos seus quadros. Não estava separada das coisas. (...) Arpad e Maria Helena conheciam muitos poetas, músicos, artistas, enfim...” (Gastão, 2001: 19).

Numa revisão da sua obra plástica e dos seus diversos processos criativos no trabalho com as sombras, Lourdes Castro refere os lençóis bordados, que “são uma espécie de quadros” (Gastão, 2001: 19), o *plexiglas* (vidro acrílico), “uma matéria ainda mais imaterial, [que me] ajudou, mais do que o papel e a tela, a chegar à transparência” (Gastão, 2001: 19), as “sombras deitadas e o teatro de sombras” (Gastão, 2001: 19).

Em absoluta coerência com o seu percurso de vida e com o seu trabalho em torno das sombras, numa muito clara síntese da concepção da sua produção artística, Lourdes Castro declara que “no que faço a sombra está presente, mas o objecto não. No fundo, despeguei a sombra da superfície onde se projectava, passando esta a ter vida própria. Quis torna-la mais visível.” (Gastão, 2001: 19).

Em 2009, por ocasião da publicação do livro de fotografias *A Praia Formosa – fotografias do meu avô Jacinto A. Moniz de Bettencourt* e da exposição com o mesmo nome na Galeria Porta 33, Alexandra Lucas Coelho entrevista Lourdes Castro. Neste diálogo, Lourdes Castro lembra a casa dos avós Jacinto e Laura, a sua infância, “nos anos 30 do século XX” (Coelho, 2009: 4) e um outro tempo: “Há tanta coisa que se perde. Este tempo foi este tempo e nada volta para trás. Mas estas fotografias estavam ao pé de mim, pude cuidar delas. É um espaço mágico – se tens isso em ti e podes oferecer...” (Coelho, 2009: 5).

Gesto de dádiva e de memória, na opinião de Alexandra Lucas Coelho a edição deste álbum assinala o facto de estas terem sido “das primeiras imagens a marcar Lourdes de Castro” (Coelho, 2009: 5).

Em 2010, Catarina da Ponte entrevista Lourdes de Castro; à pergunta “– O que está a fazer neste momento?”, Lourdes Castro responde desta forma:

“Gosto de estar no jardim comigo, com os bichinhos que passam, os pássaros e as árvores, muitas plantadas por nós (o Manuel Zimbro e eu) e que hoje dão sombra. Criar sombra. Mostrar a sombra, como na nossa exposição em Serralves (...). Aliás, o filme que a Catarina Mourão fez comigo revela parte disso!” (Ponte, 2010: s.p.).

José Tolentino Mendonça, num belíssimo texto intitulado “Santa Lourdes Castro”, datado de 2011, afirma: “senti muito o desejo de escrever sobre Lourdes Castro agora que revi (...) o filme de Catarina Mourão que nos leva até Lourdes (...) de uma forma tão coerente, comovente e impressionante” (Mendonça, 2011: 24).

O poeta e ensaísta escreve que Lourdes Castro, ao afirmar, numa entrevista que Tolentino Mendonça recorda, que “arte é fazer bem feito, é levar até ao fim” revela “o segredo da artista espantosa que Lourdes Castro é” (Mendonça, 2011: 24) e que esta “testemunha que a arte é uma actividade humana total, que mergulhar nos meandros da criação é também maturar nos meandros do conhecimento de si” (Mendonça, 2011: 24). Se se comparar esta opinião com as palavras de Lourdes Castro transcritas a partir das entrevistas por si concedidas, não pode deixar de se aceitar como justíssima esta afirmação, na medida em que, em Lourdes Castro, a obra não está separada da vida e de todas as experiências – pessoais, intelectuais, sensoriais, espirituais – que engloba.

José Tolentino Mendonça escreve, ainda, que se lembra de ter ouvido (aquando de um seu encontro com a artista na Praia dos Reis Magos) Lourdes Castro afirmar que “as mais belas imagens são as que a natureza nos dá” (Mendonça, 2011: 24).

Recordando quer o conjunto da sua obra, quer as descrições das suas memórias de vivência do espaço natural – de jardins, por exemplo, e da sua relação tão especial com plantas e árvores – é inevitável sublinhar o modo como Tolentino Mendonça é justo, atento e muito certo ao escrever que “Lourdes ensina a ver o natural e a natureza como nunca o vimos” (Mendonça, 2011: 24).

A terminar este seu texto sobre Lourdes Castro, José Tolentino Mendonça explicita a que “a sombra funciona como uma espécie de educação para aquilo que as nossas práticas tornam invisível” (Mendonça, 2011: 24), em total acordo com a ideia de Lourdes Castro – largamente exposta em várias respostas a entrevistas – de que sempre procurou dar

visibilidade às sombras. Para além desta espécie de pedagogia da visibilidade das sombras, para José Tolentino Mendonça “a arte de Lourdes Castro devolve-nos o esplendor do real sem ocultações, nem parcialidades: um real até ao fim, onde a sombra é transcrita e valorizada” (Mendonça, 2011: 24).

Lembre-se a afirmação – frequente, aliás – de Lourdes Castro de que as sombras são deste mundo, e reais, e não se pode concordar mais com Tolentino Mendonça. Arte e natureza em comunhão, eis o que se pode concluir da leitura deste belo texto de Tolentino Mendonça sobre Lourdes Castro; ou, em síntese da personalidade e da obra da artista, “num imenso sentido humano”, “dizer o que está tão manifesto em Lourdes Castro: inteireza, inteireza, inteireza.” (Mendonça, 2011: 24).

Nas palavras de Manuel Zimbro – que me parecem perfeitamente adequadas para terminar esta nota biográfica e o percurso artístico de Lourdes Castro – com esta artista aprende-se que “tudo pode ser obra de arte, desde que a arte não signifique outra coisa que a vida” (Zimbro, 2001: 171).

Parte II – *Parentes* da pintura em Lourdes Castro: palavras

1. Influências literárias em Lourdes Castro: os *Álbuns de Família*

Há em Lourdes Castro uma particular e muito estreita relação com o mundo literário, visível, por um lado, nos seus *Álbuns de Família*, que define da seguinte maneira:

“O meu Álbum de Família comecei-o em 1965, para me pôr ao corrente de tudo o que se relaciona com as sombras na pintura, na publicidade, na poesia, na literatura, etc., tanto no passado como no presente. Fico contentíssima sempre que encontro um parente. A minha identidade profunda está aqui, neste álbuns.” (Castro, 2010: 47)

Como Lourdes Castro refere, os materiais descobertos e arquivados são seus “parentes”, o que revela, portanto, uma relação afetiva, familiar, com estes elementos, principalmente os literários. Esta relação materializa-se particularmente nos seus “livros escritos”, que vão muito para além o tema das sombras, embora estejam sempre intimamente relacionado com esta temática constante na obra de Lourdes Castro.

De certa forma, os *Álbuns de Família* podem ser considerados objetos complementares – mas diferenciados – da sua obra, que revelam uma relação íntima e particular, um fascínio, até, por esta área (também) artística que é a literatura. Observe-se a seguinte citação:

“Tinha uma agulha na mão com linha de cor. Bordei a dedicatória no papel. Virando a folha tive uma surpresa com o avesso das letras: em desenho estranho, apenas alguns pontos a coincidir com o que acabara de escrever do outro lado.

E se continuasse a bordar o avesso do avesso e assim por diante.

Um livro que nunca acabasse.

Fiz vários, com palavras diferentes, cada página a transformação da precedente, jamais reconhecível nem legível.

Sombras?”

(Castro, 1992: 111)

É interessante observar como Lourdes Castro explora o universo literário com as ferramentas sobre as quais tem maior domínio. O desejo de escrever surge e ela fá-lo da maneira com a qual se sente mais à-vontade, utilizando palavras simples, imprimindo-lhes a sua identidade, criando uma textura palpável com recurso a materiais poucos comuns na escrita (linha e lençóis, por exemplo).

Lourdes Castro frequentemente desconstrói as palavras, levando-as a ‘passar’ pelo seu universo artístico e atribuindo-lhes uma outra materialidade e identidade, virando-as – literalmente – do avesso. Com este processo, Lourdes Castro retira um desenho de uma palavra, da mesma forma que retira luz das sombras. A citação acima transcrita termina com uma questão que a própria artista coloca: “Sombras?”. Esta questão é fundamental para entender a relação que aqui descrevo.

Na sua enorme simplicidade e quase minimalismo, as palavras acima transcritas poderiam justificar inteiramente a presente dissertação, pois revelam algo que tem vivido na sombra de uma obra imensa sobre o tema da sombra – o fundamento e a identidade da obra de Lourdes Castro. Esta questão transporta a sua obra para um outro nível, levando-nos a olhar com uma nova frescura para a sua produção artística. Esta descoberta é fascinante e poderá revelar muitos outros segredos escondidos nela.

Reforçando ainda mais esta sua relação entre a arte de Lourdes Castro com o mundo literário, volto a citar a resposta desta artista a uma pergunta de Ana Marques Gastão, em uma entrevista (anteriormente referida), na qual se pode ler

“Nasceu na mesma ilha, com uma diferença de dias, e é do mesmo signo (Sagitário) que Herberto Helder – a quem a une uma amizade. Até que ponto a sua arte se funde com a poesia?

– Pois é [risos...]. E sou muito amiga do Herberto, embora nos vejamos pouco. Mas, sabe?, o que eu faço tem a ver com tudo. Talvez se possa dizer poético, sim. Sempre li poesia, fiz livros com desenhos e poemas. Na escola Alemã recitava-se imenso, cantava-se Schubert, Mozart. Ainda dei os versos de cor...”

Diário de Notícias – DNA (19 de maio de 2001, p. 16)

Considerando que é relevante um exercício de articulação (hipotética) entre a palavra e a obra gráfica de Lourdes Castro que poderá materializar e dar visibilidade à relação entre a obra de arte e a literatura, e tentando aprofundar a relação da produção visual de Lourdes Castro com a literatura, apresento de seguida uma relação de citações de inúmeros autores

– poetas e prosadores, estudiosos ou criadores, clássicos e contemporâneos, consagrados e anónimos – que fazem parte dos *Álbuns de Família*, seus “parentes” (como a própria Lourdes Castro os nomeia), com os seus diretos ‘descendentes’, ou seja, as suas obras.

Posteriormente, apresenta-se um levantamento – tão exaustivo quanto possível – de materiais escritos por autores – portugueses e estrangeiros – que encontraram na obra desta artista uma inspiração, marcados pelo fascínio pela obra de Lourdes Castro que os levou a escrever sobre as suas obras.

Gostaria de fazer notar que o que pretendo nesta Parte II da presente dissertação é construir uma espécie de inventário de citações contidas nos *Álbuns de Família* e construir uma espécie de antologia de textos literários dispersos por inúmeros livros, catálogos ou outros itens bibliográficos, para que entre a escrita e a obra gráfica de Lourdes Castro (que se trata na Parte III deste trabalho) se possam encontrar pontos de contacto, num diálogo que poderá vir a ser aprofundado em futuros trabalhos (na medida essa tarefa seria demasiado demorada e de certa forma distante do contexto concreto desta investigação de mestrado), nomeadamente com a análise literária detalhada dos textos aqui recolhidos e com a contextualização das citações que Lourdes Castro acolheu nos seus *Álbuns de Família*.

No capítulo seguinte faz-se um convite, plenamente justificado – quer pela sua importância intrínseca, quer pela sua estreita articulação com a obra de Lourdes Castro – para que se entre em relação com o universo literário e poético, mágico, repleto de sombra e dos seus ecos na personalidade e no trabalho de Lourdes Castro.

Não poderei considerar o conjunto de citações que a seguir se elenca como anexos a este trabalho, pois a sua leitura é imprescindível para se poder entender mais claramente a relação entre a palavra e a imagem que aqui se defende ser muito estreita em Lourdes Castro e para se compreender um pouco melhor a poesia que a obra da Lourdes subliminarmente transporta.

É de facto uma experiência rica em emoções, espiritual, portanto, entrar em relação com o conteúdo apresentado nas páginas que se seguem, e é intencional e de forma assumida que aqui se tenta imprimir esse mesmo espírito e essas emoções nesta dissertação; citando José Tolentino Mendonça,

“Era Paul Tillich quem dizia que uma pintura pode construir acesso a uma nova dimensão do ser, se, ao mesmo tempo, possuir a força de abrir a camada correspondente da alma. É o seu caso. (...) Sinceramente, não me ocorre melhor palavra que santidade (não no sentido

religioso, mas num imenso sentido humano) para dizer o que está tão manifesto em Lourdes Castro: inteireza, inteireza, inteireza. (2011: 24).

Com os registos literários transcritos nas páginas seguintes, convido o leitor, portanto, a mergulhar na relação entre arte e literatura, no caso concreto entre Lourdes Castro e os autores por si lidos, descobertos e aqui citados.

1.1. *Álbuns de Família*: citações e influências

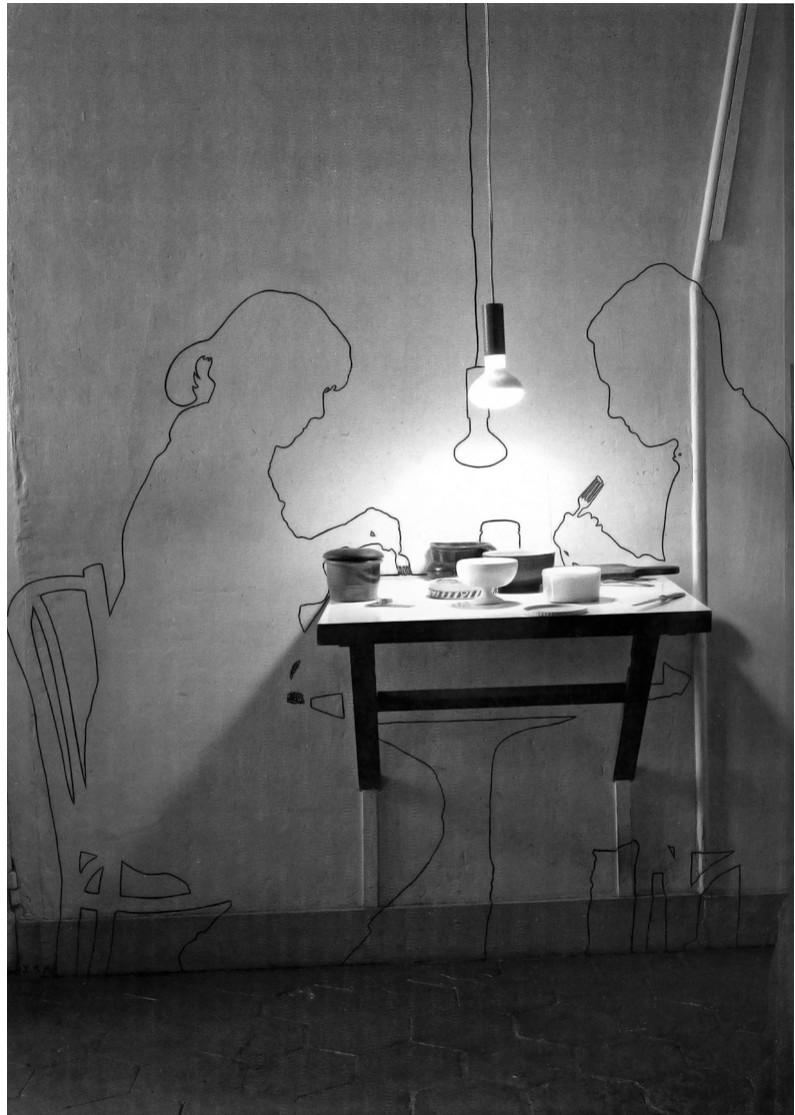


Figura 3 : Sombras de Lourdes e René projectadas na parede. 1964
Rue des St. Pères, Paris.

Leonardo da Vinci
“La Peinture” – André Chastel
Álbum de Família, vol. I

... Na minha primeira preposição sobre as sombras afirmo que todo o corpo opaco é envolvido e revestido na sua superfície, de sombras e de luz, e sobre isso edifico o meu primeiro livro.

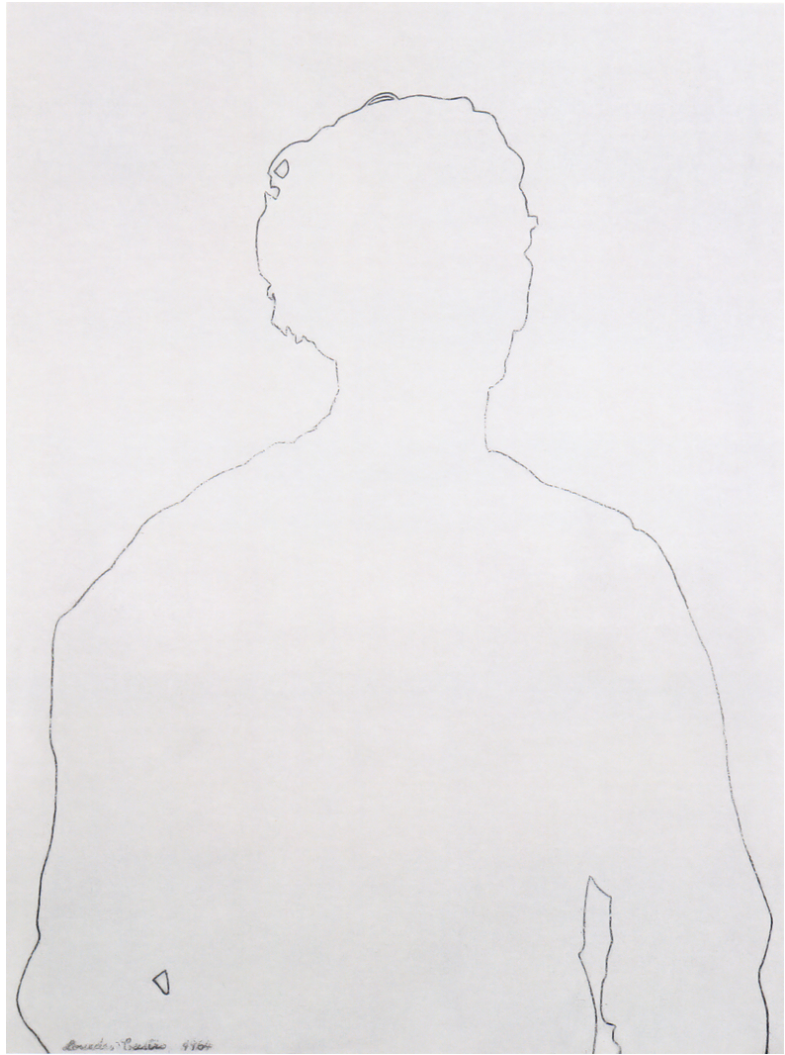


Figura 4 : Sombra projectada de Cristo. 1964

Larousse
Álbum de Família, vol. I

Silhouette (Etienne de) Inspector Geral das Finanças de Louis XV (17009-1767). Quiz realizar economias, fazendo pagar impostos aos priverligiados e aos ricos. Os seus inimigos deram o seu nome a desenhos que o representavam só com alguns traços, simbolizando assim o estado a que essas medidas os reduziam.



Figura 5 : Sombra projectada de René Bérhtolo. 1964
Pintura sobre tela (100 x 81 cm)

“*Historia Naturalis*” - Plinio il Vecchio
Álbum de Família, vol. I

(A pintura na Grécia) “Começa por delimitar com um traço o contorno da sombra humana.
Esse foi o primeiro método.”



Figura 6 : Sombra projectada da minha mãe. 1964
plexiglas recortado.

Átrio do grande Anfiteatro. Sobornne Maio 1968
Álbum de família, vol. V

O reflexo da vida é apenas a transparência do vivido.

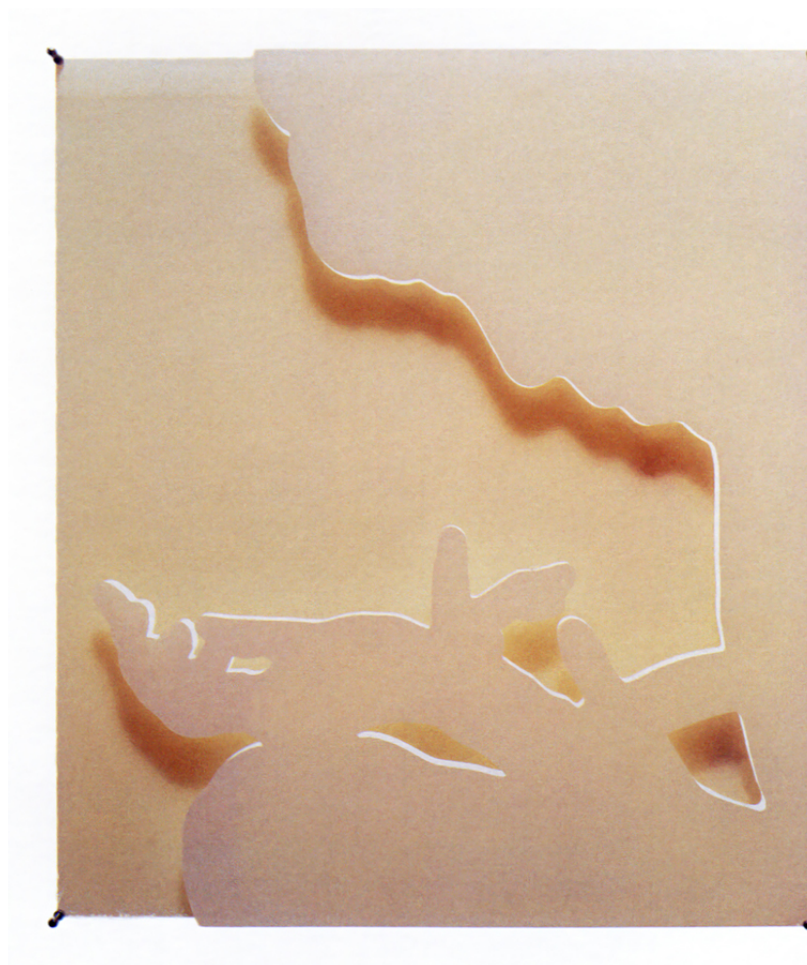


Figura 7 : Branco e branco. Serigrafia sobre *plexiglas*. 1966
duas placas (46 x 40 cm)

“Quelques opinions de Cézanne” -Emile Bernard
Álbum de Família, vol. XV

“A sombra é uma cor como a luz, mas é menos brilhante; luz e sombra são apenas uma
relação de dois tons.”

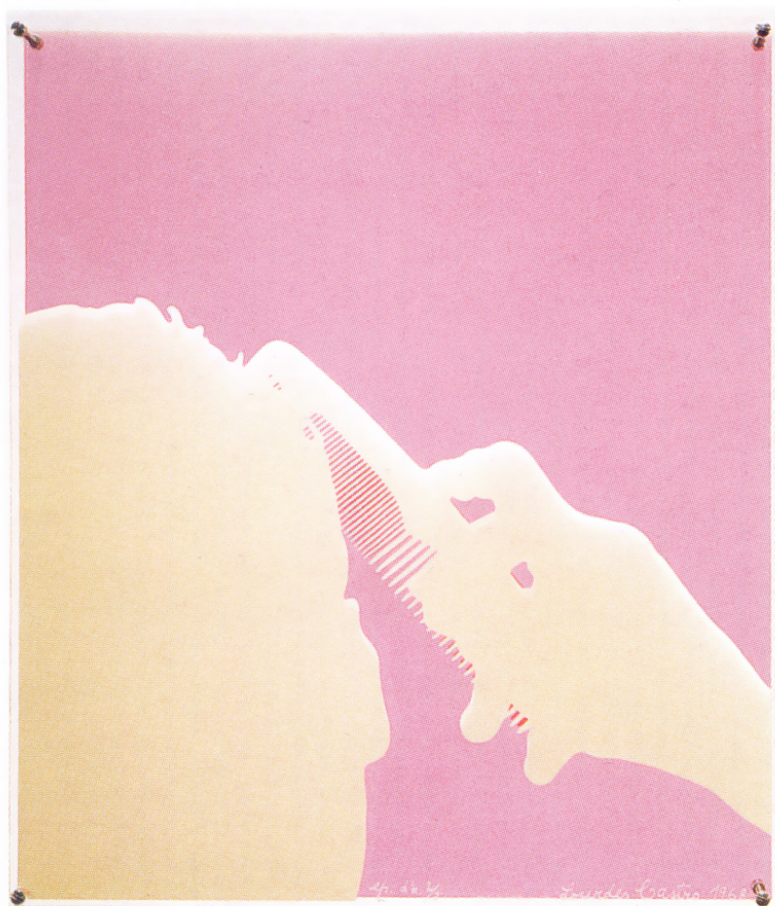


Figura 8 : Rosa fluo. serigrafia sobre *plexiglas*. 1968
(36 x 31 cm)

“Voix” – Antonio Porchia
Álbum de Família, vol. XVII

Sombras: umas encobrem, outras descobrem.



Figura 9 : Sombras deitadas. 1972

“La vue” – Raymond Russel
Álbum de Família, vol. V

A agulha que ela segura, ao mesmo tempo desenha sobre o trabalho a sua sombra apreciável e finita cujos lados são desfocados e transbordantes; o fio muito Curto, não podendo durar mais, corre o risco de uma súbita separação.



**Figura 10 : Sombra deitada de Umberto Spínola. 1971
Bordado sobre Linho.**

A imagem expansiva “Retrato em movimento” –
Herberto Helder
Álbum de Família, vol. IX

É no verão que o seu corpo se transmite ao vestido. Penso que o mundo é uma imagem como um lençol: uma coisa unânime, horizontal, inteligente. Ela começa no verão como um peixe que sobre uma brancura de águas íngremes, e os dedos que sobem as mãos dormindo sobre as próprias vivas palmas.



Figura 11 : Teatro de Sombras. Linha do Horizonte, 1981

“L’amour Fou” - A. Breton
Álbum de Família, vol. X

Apraz-me figurar todas essas luzes de que gozou o espectador convergindo neste ponto de
sombra.

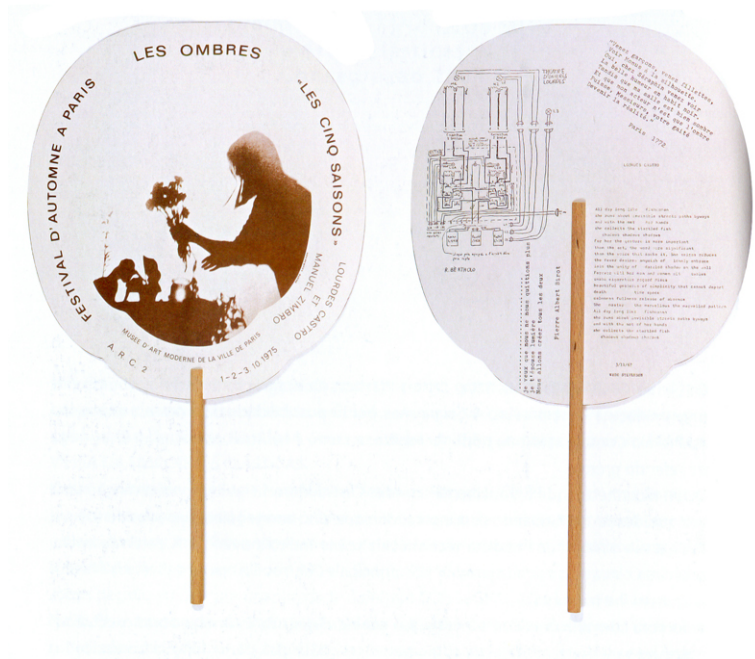


Figura 12 : Teatro de Sombras. Les Ombres, 1975

“Os Eclipses” – P. Couderc
Álbum de Família, vol. III

... há eclipse quando a sombra da lua se projecta sobre a terra ou quando a sombra da terra se projecta sobre a lua... - Velocidade da sombra da lua - A lua avança à velocidade de cerca de 1km/s: A sua sombra varre, de oeste a este, com mais ou menos esta velocidade, a superfície da terra suposta fixa...

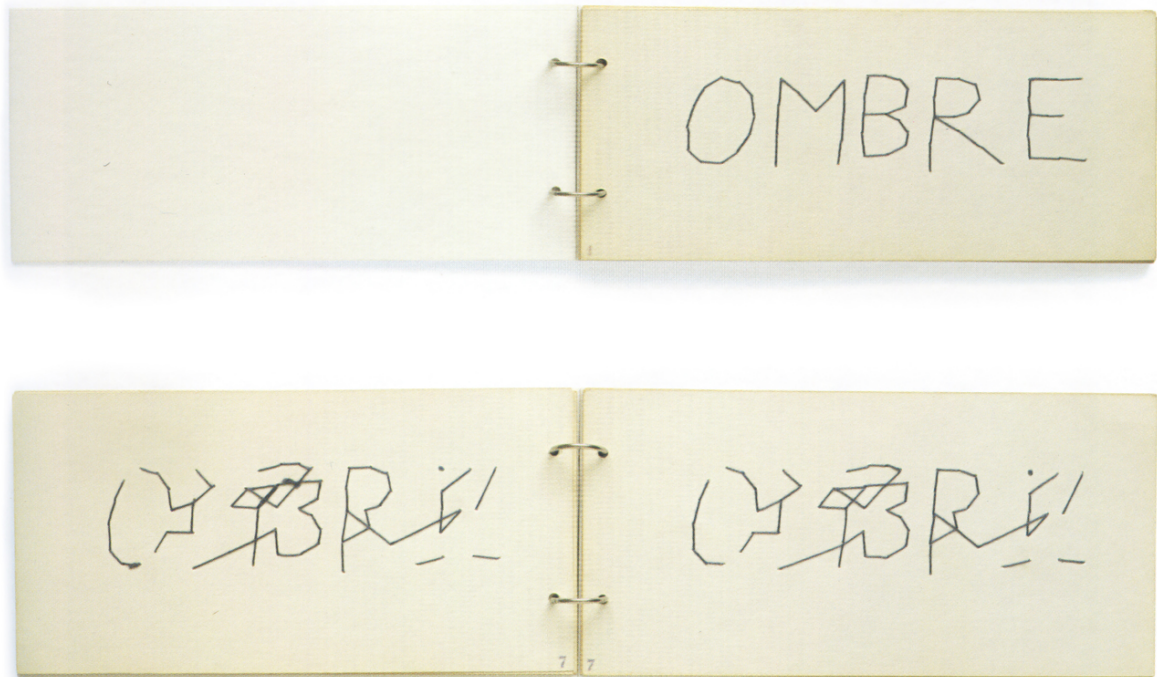


Figura 13 : Aessos encadeados

(Relação entre as palavras oito e noite em diversas línguas)
Contada pela M. Helena Vieira da Silva
Álbum de Família, vol. X

oito - noite
acht - nacht
buit - nuit
eight - night
ocho - noche
otto - notte

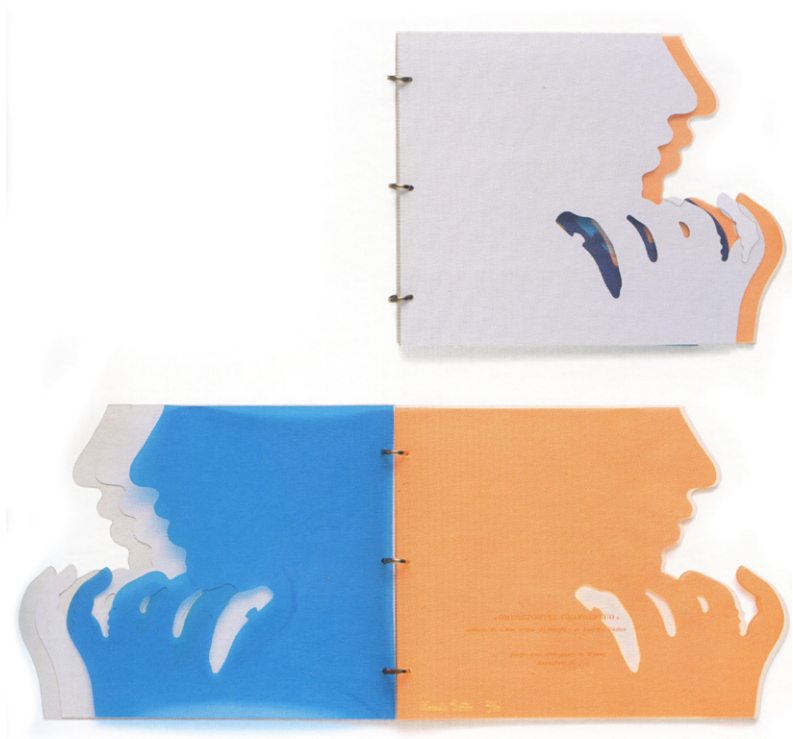


Figura 14 : Ombre portée orange fluo
Livro de artista, ed. 21/70, s.d.

“Auto portrait” – Man Ray
Álbum de Família, vol. X

... Em Duchamp, essas preocupações de vidro e corda, vinham de tempos a tempos ao de cima. Talvez tentava ele realizar a transparência, a invisibilidade, de que fala André Breton no ‘Les Grands Transparents’.



Figura 15: Rosa. Papel heliográfico, 1972

“Entretien avec Man Ray” - Pierre Bourgade
Álbum de Família, vol. X)

... Fiz composições sem aparelho fotográfico, fazia aquilo que chamo “rayographes”. No laboratório, pousava objectos sobre um papel fotográfico exposto à luz: obtinha as “rayographes”. Pintava com a luz e produtos químicos, mas ninguém o compreendeu... Ninguém..., salvo alguns.



Figura 16 : Trombeteira. 1972
Papel heliográfico

- criança de cinco anos -
Álbum de Família, vol. XIV

Porque nunca há sol à sombra?



Figura 17 : Salsa. 1980
Tinta da china e recorte

“Marchand du Sel” - Marcel Duchamp
Álbum de Família, vol. IV

... Sombras projectadas formadas pelos salpicos vindos debaixo como certos jactos de água penduram as formas na sua transparência.

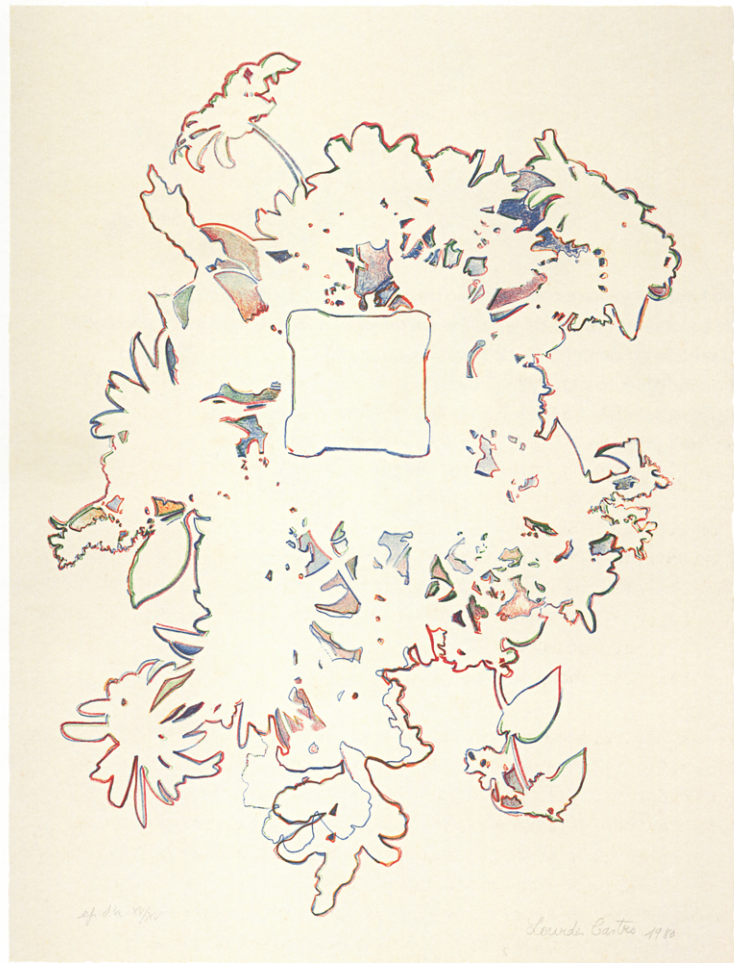


Figura 18 : Malmequeres. 1980
Litografia, 4 pedras

“Die Farbenlehre” - Goethe
Álbum de Família, vol. XIII

Ao crepúsculo, coloquemos uma vela acesa, não muito grande sobre uma superfície branca.
Entre a vela e luz do dia coloca-se um lápis verticalmente de modo a que a fraca luz do dia
ilumine sem fazer desaparecer a sombra, que aparecerá então com uma bela cor azul.

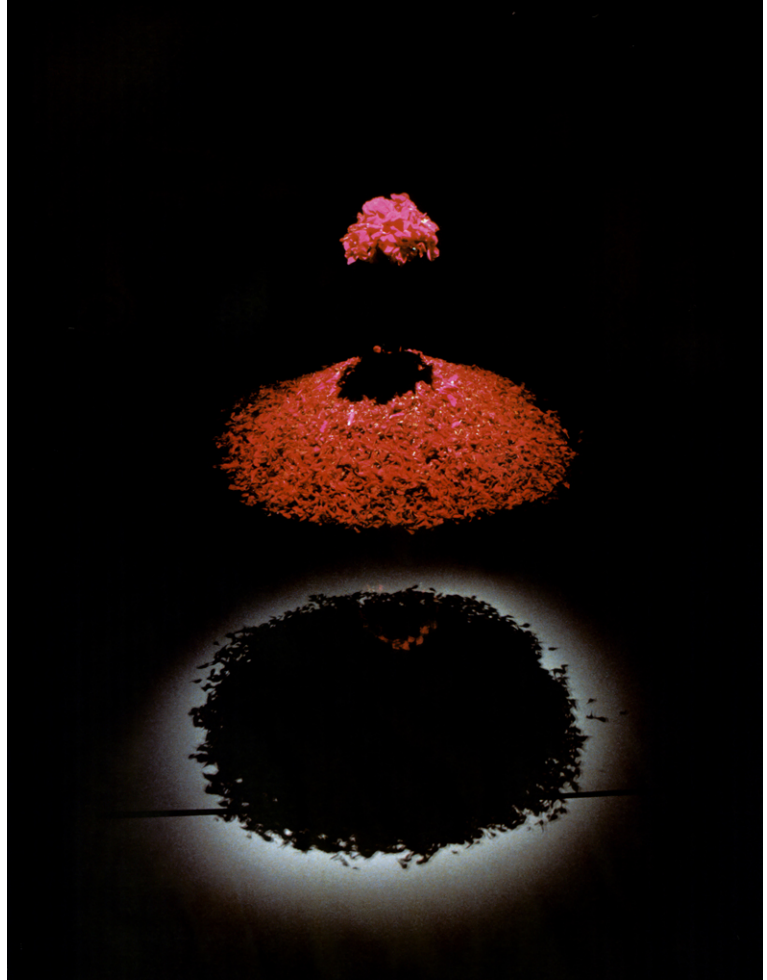


Figura 19 : Montanha de flores iniciada em 1988
(work in progress)

“La lumière” - Pierre Rousseau
Álbum de Família, vol. XIII)

A luz propaga-se em linha recta. “A primeira demonstração encontra-se na “Óptica” de Euclides. Ela é baseada sobre a formação de sombras projectadas por objectos e sobre os fenómenos da reflexão e refacção...

1.2. Inspiração: ecos de Lourdes Castro em alguma produção literária (antologia)

ALMEIDA FARIA

“Caminhávamos de cabeça baixa em direcção a Mariannenplatz quando, ao levantar os olhos, vi um anjo esvoaçando diante das vidraças de um edifício imenso. Ou seria uma sombra? À tarde visitáramos num dos cemitérios de Kreuzberg a campa de Chamisso, autor desse Schlemihl que se excluía do convívio dos homens por ter vendido a sua sombra a um cavalheiro de casaca cinzenta. Senti um arrepio e olhei melhor. A sombra à janela não era rilkeana, nada tinha de terrífico, de soturno ou sombrio. Era clara e luminosa, talvez uma anunciação. (...)”

O enigma estava explicado. Aprendi, a partir de então, a dar mais atenção às sombras, ao que elas encobrem e revelam, não enquanto negativo mas enquanto o outro lado, o lado misterioso da luz, que nelas se revê como num espelho. (...)”

CASTRO, Lourdes. PEREIRA, Maria (coord). 1992. *Além da Sombra* –
Exposição. Lisboa, FCG-CAM, 136 pp, p. 27.

HELDER MACEDO

“Para as sombras de Lourdes Castro”

“A solidão da morte gera sombras
que os corpos cristalizam
nas fronteiras de sombra dos destinos
para dar um nome pessoal
e exacto
à nossa identidade transitória.

As sombras pré-existem os destinos
como a morte pré-existe a vida
mas a luz que as sombras libertaram
projectadas
somos nós
aprisionados livres
nos espelhos paralelos
duma sombra e sua ausência.”

CASTRO, Lourdes. 1970. Exposição. Lisboa, Galeria 111, 14 pp., p. 3

JOSÉ LUÍS PORFÍRIO

“AZULEJO

O azulejo vem da terra, da lama que é barro seco, vidrado depois na ilusão de uma superfície que capta a luz e que, ao fazê-lo, vai prender a sombra fingindo imobilizá-la. Porém a luz, a sombra, têm aqui a sua vida quieta que é, sempre, um contínuo vibrar.

LOURDES

Reune a armadilha que faz durar um reflexo num presente contínuo e denso, ao corpo sem corpo que é a sombra. A cor, a sua cor, é bebida na luz ao entornar-se em sombra ou, em mais luz!

Neste seu modo de existir, os azulejos são o lugar oposto ao da “arte decorativa”, aliás, esta só acontece quando um objecto perde no corpo e no ser a memória da sua vibração inicial, do seu sentido, do seu não sentido e, assim se instala, imóvel. Estes azulejos são lugares para viver a cada instante que passa.

LUGARES

Transportados no tempo aqui estão os lugares. É o espaço, são vários espaços, que encontramos neste lugares: Paris, o Monte, o Teatro também. Todos eles se concentram nestas sombras fixas, agora reunidas numa exposição e num Museu, assim uma e outra, exposição e Museu, cumprem a sua maior obrigação: tornar presente.”

PRESCOTT, David (trad.). 1999. *Azul sombra = Shadow blue : azulejos de Lourdes Castro*. [S.l.] : C.M.F.F., 24 pp.

ROBERT FILLIOU

“Lourdes Castro est Portugaise.

Le Portugal e l’Espagne sont voisins.

Barcelone est une grande ville espagnole, ainsi que Madrid, qui est aussi la capitale du pays.

Les Madrileños méprisent les français. Ils doivent avoir leurs raisons.

Moi j’aime l’Espagne, e les espagnoles, la raison - sera la preuve - en est que j’ai écrit un jour un poème en espagnol, que je te dédie, puisque tu es portugaise:

yo soi fancés

casado

poeta

feo

pobre

padre

alegre

protestante

amigo tuyo

...

...

Fin del poema:

Nosotros los hombres somos mas desgraciados.

A Madrid, donc, quand on dit de quelqu’un qu’il est “afrancesado”, c’est une insulte.

Et au Portugal, Lourdes?”

CASTRO, Lourdes. PEREIRA, Maria (coord). 1992.

Além da Sombra – Exposição. Lisboa, FCG-CAM, 136 pp., p. 35.

MANUEL ZIMBRO

“A sombra da flecha

Num caminho, seja vereda, ponte ou destino, o que importa, em primeiro lugar, vem do que por lá passa. Depois, porque permite ao que passa, passar de um lugar para outro.

Caminhar, ir mais longe, só é possível graças ao fogo que anima as mais íntimas disposições.

Foi à Lourdes que ouvi dizer: “A pintura é para mim uma questão ‘de vida ou de morte’”.

Desconfortável, e por vezes temporário, é contudo o ímpeto que aquece uma questão, que produz a única maneira de avançar e de plenamente viver. Só assim, a qualquer momento, sob qualquer constelação, podem ser superados os obstáculos, padrões, verdades acabadas e aceites, talvez já instituídas ou até mesmo enraizadas. E nada disto é estranho ao mundo das artes, tanto mais que só através dele – figura em equilíbrio – podem ser, de facto, superadas com espírito inelutável as formas viciadas deste nosso grande Mundo que, acima de tudo, é uma realidade espiritual.

Qualquer que seja a dúvida, enquanto estiver posta em termos ‘de vida ou de morte’, nunca poderá por nada ser submetida a coisa alguma. Pelo contrário, uma questão revestida de tão ‘pura’ e quente roupagem não só não arrefece como, ao usar-se, aviva-se, ateadada pela crescente veemência do que está a ser queimado. E isso é um caminho libertador.

Por outro lado: desobediência, provocação, irreverência; insolência ou ‘insubmissão’ podem muito bem provir de uma qualquer arte pirotécnica estimável sem dúvida, mas só fogo de artifício, que arde para o histórico espetáculo de se apagar.

Sem fumo e em silêncio, pacificamente, o fogo aqui descrito, que todos nós conhecemos e de perto, é simultaneamente nascer e morrer sem se extinguir, arde neste eterno entretanto.

Esse fogo tema idade da Vida. Sendo o mesmo, é igual no universo, mas diferente nas espécies. Alojado no ser, propicia-lhe o terreno onde tudo pode crescer, sejam ervas daninhas ou a mais rica cultura.

Ao homem dá-lhe tudo. Em troca, pede-lhe que livremente circule, para plenamente a sua missão poder ser cumprida: escoar-se. Conjugada com a mais admirável das ofertas... o presente.

A livre circulação desse fogo tem grandes analogias com um circuito de água canalizada. Se um artifício (torneira) momentaneamente bloqueia a “coisa” se escoe...

Intimamente unida ao fogo – que a queima – a questão ‘de vida ou de morte’ não nasce de uma revolução nem num momento do tempo. É nascente e escoa-se numa evolução.

Ao cuidarmos desse curso, com inteira presença, de forma verdadeiramente intrínseca, parecida com a particular oração dos gnósticos ou com a respiração do zen, incessante, as aptidões que temos podem ser desenvolvidas a tempo e não ficarem como se para sempre desconhecêssemos que as tínhamos.

Que atitude é esta senão encontrar? Coincidir com o que está a acontecer. Por tudo isto, mesmo terem-nos dito que um dia nascemos, não nos deve chegar, mesmo isso tem que ser polido pelo próprio.

O que é que nasce? O que é que nasce senão a forma impermanente que, lá por ter poder de reflexão, não é por isso menos dependente e conseqüentemente vazia? Com falcatruas deste tipo, corremos o risco – por falta de presença de um dia conseguirmos distraidamente ausentar-nos, sem nunca ter aparecido.

Na verdade, somos um ser nascente. Ver isso é dar o primeiro passo que faz desaparecer uma ilusão refletida num espelho, assim como a urticária mental que lhe serve de moldura.

Como o tempo, também a arte é nascente. Só a obra de arte existe e nasce. Produto directo do fogo da insubmissão, uma vez alojado no anónimo do paleolítico, fez nascer o acto que produziu e, segundo dizem, engendrou: arte, religião, ciência, política, fábulas, mitos, etc.,... até ao último modelo de vai-e-vem espacial.

Quanto a mim não vejo nada disso. A arte não nasceu nada nesse momento. Nesse momento o que nasceu foi a arte da caça. Porque, mesmo presentemente, quando alguém se interroga: “que faço aqui?”, está a actualizar o primitivo gesto, está já a levantar o braço para desferir o golpe que irá soltar a primeira lasca do sílex dos preconceitos e fazer aparecer a preliminar indicação: a Flecha da Arte.

Se a história começasse aqui, antes de começar, bem diferentes seriam os seus heróis!

Sem começo nem fim, a arte não morre porque não nasceu. Aqui levanto o braço para tentar retirar outra lasca ao mesmo material e desfiro: a arte não existe.

A obra está para a arte como o relógio está para o tempo. Parecidos – são instrumentos de medida. Diferentes – um deve descondicionar, o outro pode condicionar. Ambos se alimentam de energia apropriada.

Ardendo sem se extinguir, o invisível fogo aquece as quatro estações da vida alimentado pela solidária e experimental reverberação daquilo que desde já designo por obra da arte: a vida quotidiana. Ou seja, a incessante obra da vida doméstica ou a frenética rotina, que são só umas das suas muitas manifestações, neste caso denegrada por uma vida mal vivida.

Entre a primeira inspiração e a última expiração, vertiginosamente nada para. A mobilidade que dorme também é acto. Uma vez feito, nada volta a repetir-se e fica para sempre, como um peixe cozido não pode voltar a ser cru.

Portanto toda a atenção é pouca quando se trate de “fazer”.

Chegados aqui, consultemos só de relance os ficheiros da história, para ver qual é a preocupação maior da quase totalidade da obra da arte dos últimos cinquenta anos:

Abolir fronteiras ente a arte e a vida!

Desconsagrar, desmistificar, desendeusar, despor. Nuns casos com escândalo ao “fazer não importa o quê”, noutros, em silêncio, ao “fazer nada”, o que é fazer alguma coisa, melhor seria dizer ao “não fazer o não fazer”. Em todo o caso, sempre através da obra correr corajosamente o risco de produzir uma afirmação que dê vida.

É essa preguiçosa virtude que ao alterar uma letra ao artigo, passa a obra de, a obra da, arte.

Aqui estamos a deixar o verniz relativo das velaturas para entrar em terras virtualmente transparentes que desafiam as leis da gravidade, por aspiração a domínios mais rarefeitos.

E, da ciência do corpo cheio, passamos à do vazio... para dizermos que a Lourdes sempre fez-faz-fará o “não fazer”... Mas já lá vamos, antes de atravessarmos esta ponte que nos leva até à frescura da sombra; e para não perdermos o folgo da insubmissão, recomecemos a sideral investigação. Vamos até ao signo do sagitário que curiosamente está armado também com uma flecha.

A Lourdes saiu pela primeira vez da ilha da Madeira com vinte anos. Em Lisboa, frequentou a escola superior de belas artes, que deveria abandonar passados cinco anos após o resultado de uma prova que lhe valeu a irrevogável menção: excluída.

Fortemente escrito a giz sobre óleo, pela mão do mestre que não tolerou a insubmissa lucidez, quando era pintar o modelo-nu-de-cor-ce-rosa, tal como se estava a ver, e ela pintou-o verde, pintou-o amarelo, pintou-o roxo, pintou-o como ela o VIA.

(E lá porque na repressiva menção se encontra implícito um elemento libertador – segundo a confissão da herética – e não um depressivo vale de lágrimas – evaporado pelo fogo, nela -, nada, mas mesmo nada, pode justificar a existência desses anfíbios diplomados que servilmente e em todas as épocas alimentam sistemas, ignorando as moradas da resistência à alimentação. Ou até talvez mesmo só ignorem, pura e simplesmente, como se barra o pão com a manteiga.)

Mais tarde, a heresia esteve exposta para todos os colegas verem.

Dito isto, o que importa é acto.

Postura sem inferência, face ao que se vê e ao que não se vê, incessantemente, momento a momento. Daí, a diferença entre o que vem da revolução e o que vai para a evolução.

Da revolução: vêm altos e baixos, fins a atingir (mesmo estimáveis), dualismo, dependências, tensões, passados, futuros...

Para a evolução: vai, energia profunda, corrente em cascata, movimento contínuo sem ruptura nem limites, fluidez, unidade, desapegamento, presente...

Enquanto a primeira condiciona, repito, mesmo com estimáveis razões, e anuncia “outra vida” ou “vida melhor”, a segunda é descondicionamento até ao fim e proclama: “morte à morte”.

Todas as tradições, verdades, sistemas, histórias, ideologias, dogmas, silêncios, tudo, tudo o que está pré-estabelecido, institucionalizado, sistematizado, associado, socializado, etc... tem que forçosamente ser clarificado pelo próprio homem, experimentado directamente à luz do ‘seu’ presente. Sair até ao fim, debaixo de qualquer espécie de canga, seja ela feita de pau ou de jade. E isto para quê?

Para que viver se torne um vício.

Mesmo com o seu admirável cérebro, o seu polegar oponível e a sua postura bípede, é no entanto a força da insubmissão que faz a grande diferença entre o humano e bovino. Ainda por cima é ela que preside a essa metamorfose com ela, ele constrói-se a si próprio.

O inventor dos ready-made disse-nos: “um quadrado que não choca não vale a pena”. Que choque é este senão o acordar, o despertar do conveniente sono em que todos fomos

metidos e onde ainda nos encontramos? Sono engodado e letárgico que começa exactamente no começo, no primeiro dia, quando o demiurgo fez o céu.

Céu da terra ferida por convenientes palavras, gestos e objectos que condicionam e perigosamente levam à temível modorra...

Sendo grave, a violência desse choque é o que há de mais pacífico, pois é nele e só por ele que conhecermos o nosso verdadeiro estatuto terrestre, conseqüentemente o caminho que de facto percorremos.

A obra da arte acorda-nos para a iluminação do dia e a lucidez da noite. Compete-nos alimentá-la com a indispensável e apropriada energia. E isto diz respeito tanto ao que ‘faz’, como ao que ‘vê’.

Uns fazem porque vêem, outros porque vêem fazem.

Mas aqui estamos a falar de quem faz, ou melhor, da que ‘faz o não fazer’, trabalho esse que reduz a distância entre uns e outros, deixada em aberto pela virtude da sua transparente produção.

Artificie para “Além da Sombra”, Lourdes Castro, cosmopolita preguiçosa e viajante do século XX, nasce na Ilha da Madeira, ao meio-dia. Cedo leu um pequeno livro sempre actual e importante: “o Zen na arte do tiro ao arco” – de encomenda para o sagitário -, contributo mais que provável para nunca ter estado ‘instalada’ na pintura ou em coisa alguma, tão somente no lugar onde se encontra. E que, num dado momento, a tornou indecisa, quando da aparição das aptidões da ‘mulher de teatro’ aplaudia. Mas prevaleceu a ‘coisa’ pintada, que logo passou a ser acumulada.

Penso ser esta tão presente maneira de estar – não instalada – que um dia, ao fazê-la fazer serigrafia, juntamente com René, a despertou para a passagem da opaca acumulação dos objetos, já monocromaticamente banhados, à transparente revelação dos objectos das suas Sombras. Na dupla acepção do termo, pois trata-se de uma revelação da revelação da serigrafia.

Extraída a volumosa opacidade, o significado ganhou presença, obra recortada pela ausência. Ganhou também maior economia, menos vestígio, “menos fazer” mais plasticidade.

Substituindo alguns opacos germes, sem desperdiçar nada, então ela acaba por preguiçosamente limitar-se a delimitar a sombra só com um traço.

Mais do que nunca, viveu o significado sempre retirado à sombra (in)significante do objecto. Ao ponto de, esvaziada a representação da vacuidade, convida-nos a dormir com ela.

“Depois de ter feito sair sombra as sombras, de lhes ter dada cor, de as ter estendido” e rebatido, como o fez à prata ‘Dos Chocolates’ (depois de alegremente os ter comido), as suas pesquisas continuaram, multiplicaram-se os seus ‘não afazer’, um dos quais repousa na volumosa investigação sobre a Sombra, fraternalmente por ela nomeada “Álbuns de Família”.

Lentamente, tudo é criado e amadurecido como um futuro, sempre à luz da sábia e congénita preguiça (fogo insubmisso num mundo consumista).

E fá-la ir mais longe: no Teatro de Sombras, quando a mulher de teatro põe as sombras de teatro em movimento.

Aí, na sala às escuras, só iluminada peço écran onde as ‘sombras da vida-quotidiana’ foram projetadas, uma vez acabada a representação, nada mais fica, nada mais que seja preciso lembrar, senão uma efémera e impalpável imagem... Que mesmo assim...

Registada através da microcós mica noite do globo ocular, projectada no fundo desse pequeno céu forrado de escuro no escuro, sempre a revelar a fotogenia de miríades de palpitações iluminadas pelo minúsculo sol pupilar, assim que as luzes da sala se acendem, o fosfena da fugaz imagem logo desaparece, perdido no choque do deslumbramento.

Ao fazer quase tudo, aqui ela quase já não faz nada. Desta diluição da opacidade não fica nenhum resíduo impressionista. E se fica, se for corpo, é gasoso como a nuvem que um dia, ao ter que agir, fá-lo da maneira mais universal, para o benefício de todos: transforma-se em chuva.

O que me leva a dizer : quanto menos se faz mais se dá.

Claro que isso custa gigantesco trabalho de voltar sempre ao princípio. Infatigavelmente, sem tensões e com minúcia, recomeçar. Não inferir nunca um conhecimento prévio. Desiludir-se a aprendida permanência, descondicionar a lição da vacuidade. Abrir todas as portas, ou deitar todas para p lixo. Silenciar. A sombra descontaminada, no corpo da obra de arte, é como os três versos de dezassete sílabas do haiku: choca com a lógica e desperta para a vacuidade. Então vemos com que dependência tudo depende de tudo.

“Trata o Vazio até ao Fim” é o que a Sombra da Lourdes lhe poderia ter aconselhado a fazer... quero dizer, não fazer; ou, caso o fizesse, o vazio teria ficado cheio.

É isto que aparece nos desenhos “Sombras à volta de um centro” – que são mandalas, projecções de jarras com flores que ela sempre arranjou e compôs com desconcertante arte. O vazio central não só suporta a irradiação das sombras que o rodeiam, como realmente suporta essas sombras; é ele a base da jarra que as contém.

Por muito ou pouco trabalho que tudo isto dê a fazer, também digo que ela “faz o não fazer” porque noto com que importância esse trabalho não se exhibe, não enche – aqui a preguiça é um instrumento de alta fidelidade – e só assim de forma coerente, leva-a – à Lourdes – deliberadamente e com conhecimento de causa a ajustar a sua vida dia-a-dia ao ritmo desse mesmo diapasão, para que continuar se torne possível.

Trabalhar em consequência, torna forçosamente a obra, flecha ou sombra, expressa de transparente invisibilidade e de depurada produção.

Hoje, ao habitar, um a um todo o presente, a sua sombra é a sua obra da arte, acordada à claridade do dia, dormindo com a da noite.

Num caminho intimamente ardendo a Lourdes artífice para “Além da Sombra” trará o vazio até ao fim.

Parece-me ser isto que hoje é exposto entre maciças paredes da Fundação Calouste Gulbenkian, lugar privilegiado para abrigar ‘coisas’ tão vulneráveis.

Qualquer obra que actualize a essência da arte de viver é a obra d’arte.

Depois de ter revelado a Sombra da Flecha, a Lourdes mobiliza a imobilidade, como a Rã sobe para uma pedra, aliás uma ilha, para...espera...

Espera... À volta voam alguns Mosquitos (*Culex longiareolatus*), uma Abelha (*Apis mellifica*) pousa num Florico (*Erigeron karwin-skianus*), um Bicho Conta (*Trachelospermum jasminoides*) floresce, o Feto Arbóreo (*Sphaeropteris cooperi*) cresce a olhos vistos, o Inhame (*Colocasia esculenta*) já toca no muro, a Uveira (*Vaccinium madeirense*) tem mais uma folha, a Hera Terrestre (*Sibthorpia peregrina*) agarra-se à calçada, uma Carocha (*Blaps gagates*) sai debaixo da pedra... vertiginosamente uma a um tudo acontece ao mesmo tempo. A espera continua. Ninguém sabe, talvez esconda alguma coisa com a sua misteriosa (in)actividade.”

CASTRO, Lourdes. PEREIRA, Maria (coord). 1992.

Além da Sombra – exposição. Lisboa, FCG-CAM, 136 pp., p. 15.

MANUEL ZIMBRO

“Pôr em sombra

De noite é o melhor momento para trabalhar. Nasala do lado do público, muito lentamente a luz desaparece para voltar a aparecer muito lentamente atrás do écran do palco. Ao passar, ela dá a impressão que uma só fonte de luz ilumina tudo:palco e sala. A meio da passagem, os dois espaços ficam pouquíssimos watts. No palco, quando as duas lâmpadas, uma de cem outra de cento e cinquenta watts, ficam absolutamente acesas por vezes dizemos : “Só isto basta!”

O écran de pano e de cola, banhado de luz, fica tão cheio, que uma boa parte dessa energia transborda para o outro lado , fundindo-se um pouco mais à frente com a obscuridade que reina na sala.

No palco, a boca de cena é obstruída com o pano preto bem opaco, para que a luz só seja visível através desta janela, assim enquadrada, que é o écran.

Toda a opacidade que se interponha entre as luzes o écran é projectada em sombra, de um belo preto de fumo, um pouco mordida no contorno pela luminescência do próprio écran agora opalino. Assim a cena está pronta para que a acção seja posta em sombra.

Nada é escrito ou preparado antecipadamente, ou melhor, “a história” encontra-se implícita mas em repouso em qualquer um dos objectos que nos pode estar à mão, portanto é preciso experimentá-los, para que ela se manifeste. Pegando numa jarra de flores que estava na mesa da cozinha e apresentando-a à cena, a sombra que ela projecta faz-nos apelo a uma mesa para poder pousar da mesma maneira uma ripa de madeira que na quinta estação servia a fazer desaparecer um chapéu transformado em balão, agora direita, e imóvel, dividindo o écran, sugere-nos o perfil de um muro; se se preencher uma das superfícies com uma cor, obtemos a impressão de dois espaços, e uma pessoas está lá, ela entra e sai, assim há interior e exterior, e a história fica por aí. As ideias vêm depois. Um comentário acaba a acção: “É forte ou fraca”.

Depois, a ripa de madeira será uma outra coisa. Cana de pesca, corrimão, linha horizonte... Não porque se tenha qualquer coisa particular a transmitir com a pesca, como subir e

descer ou com o horizonte, mas simplesmente porque a ripa estava lá e a sua sombra, ou se quisermos, a sua história nos foi bastante forte.

Portanto o trabalho de pôr em sombra reduz-se essencialmente a estar lá e experimentamos com as duas luzes bem acesas, ou por vezes quase apagadas para ver o que isso nos traz.

Por isso, impusemos-nos a nós próprios, cada vez que apresentamos o espetáculo, pelo menos uma hora antes de começar: estar lá. Nada mais há a fazer, a digestão da última refeição estando terminada, o material bem em ordem, é preciso simplesmente tentar estarmos lá.”

CASTRO, Lourdes. PEREIRA, Maria (coord). 1992.

Além da Sombra – Exposição. Lisboa, FCG-CAM, 136 pp., p. 115.

JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA

“Dizia Plínio que os Gregos começaram por delimitar, com um traço, o contorno da sombra humana projectada – e que esse foi o primeiro método da sua pintura. Seria, ou não – a verdade é que Lourdes Castro, que nunca leu o citado autor, faz exactamente o esmo, nisso inventando.

As coisas são o que são, mas sombras também: suas próprias e iludidas ausências. Nas sombras que projetam vai, ao mesmo tempo, a sua verdade e sua falsidade. Delineá-las com um traço sinuoso e hábil, como faz Lourdes Castro, significa marcar tal verdade e tal mentira, isto é a realidade de dupla que a coisa encerra. E como a sombra não fica aprisionada (não se trata de jogo de silhuetas), a realidade mantém-se livre, como deve ser. O desenho dos contornos da sombra recorda o objecto e diz que ele já lá não está: é a sua memória e sua negação. Entre uma e outra. Lourdes Castro fala de ausência propondo uma ligação extremamente inquietamente. A ausência da coisa funciona fantomaticamente- e o seu registo é atitude irónica de não crer como se cresse. Ser gente a coisa desaparecida, acrescenta o poder sugestivo da operação e põe-na no plano em que ela tem de ser moralmente significante.

Num tempo em que a pintura (e o romance, e o cinema) conta “não-histórias”, Lourdes Castro oferece-nos “não-personagens”. Pode parecer simples de mais – mas tornava-se indispensável fazê-lo. E inevitável. Aí a importância da sua pintura actual que (sem dela ter recebido influência) deve ser emparelhada com a escultura americana dum George Segal, moldagens de ausência também.

Mas há quem não tenha sombra, como sabia Chamisso – e citação com citação se apaga.”

[Exposições em: Lisboa 1964 /com René Bertholo)

Galeria Divulgação.

Galerie Buchholz Munnique 1965 e Galerie Kunsthalle Baden-Baden 1966]

CASTRO, Lourdes. PEREIRA, Maria (coord). 1992.

Além da Sombra – Exposição. Lisboa, FCG-CAM, 136 pp., p. 38.

ERNEST PIROTTE

“Préface vue de profil

L’autre, descendant la rue des Saints Péres, je croisais mon ami Gustave, pressé.

“Où cours-tu?”

“Je vais me faire tirer le portrait!”

E til s’engouffra sous une eporte cochère, c’était au septante et un.

Je m’étonnai.

Guatave n’est pas homme à se laisser prendre, aussi facilement, aux vanités terrestres. S’il a, dans Madame Bovary brossé un portait saisissant d’une personne du sexe qui eut bien des ennus, je m’étonnai qu’il s’embrigadait, avec autant de fouge, dans l’armée des sujets.

Des années ont passé, Gustave est mort. Comme chacun sait Madame Bovary est maintenant aussi célèbre que lui, mais le portait?

Il y a quelques années, j’ai rencintré, même rue même numéro, non plus Gustave, mais une personne qu’il ne faudra pas confondre avec Madame Bovary, du moins pour la comprehension de ce qui doit suivre.

Cette jeune personne répondait au nom étrange de Lourdes Castro. Depuis lors son patronyme ná pas changé.

Lourdes , selon qu’on lee prononce avec l’accent d’une huître méridionale, cela fait exotique, mais à la française, c’est le miracle, l’à-genoux, Bernadette Soubirou et son cierge bien encerclédans sa petite main ferme. Faisons plutôt comme l’huître, surtout si on la sait portugaise.

Castro, ça reste tout aussi meridional, mais avec quelque chose en plus, le système pileux, le cigare de si belles dimensions. Peu féminin, me direz-vous, tout dépend de quel cote du manche on se trouve. Castro, c’est um mythe, revenons donc à notre sujet.

Lourdes Castro fit-elle le portait de mon ami Gustave? Je ne sais, le saurai je jamais? Mais elle en fit d’autres. Elle fit aussi, auparavant, des choses, des travaux, de la couture sans doute et ces jambages lorsqu’elle était aux petites écoles.

Maintenant, elle fait des silhouettes comme le Monsieur du même nom. Elle a fait tous ses amis, toutes ses amies, ou presque. C’est sur fond blanc avec un trait qui découpe cette

surfasse, généralement en deux parties parfois plus, qui donc n'a pas vu de silhouettes? Que celui qui n'en a pas vu lui jette donc la première pierre.

L'astuce est évidemment de reconnaître le sujet lorsqu'il est vu de dos, la tête enfoncée dans les épaules, les mains dans les poches. Dans ce cas, que devient la silhouette d'un manchot? Voilà ce qui pourrait nous inquiéter. Car pourquoi vouloir réduire le sujet, son sujet, à l'extrême limite de la silhouette? Serait-ce la recherche de l'âme à deux dimensions et à partir de ces deux dimensions faire le portrait de l'âme à deux sujets. Ne dit-on pas ou n'a-t-on pas dit que les femmes n'avaient pas d'âme. Lourdes a-t-elle trouvé ou retrouvé la sienne ou serait-ce plutôt, par défi, vouloir donner une frontière à la "Gestalttheorie" en lui faisant suivre les méandres d'un trait qui voulant restituer une forme en crée une autre en se la rendant contiguë. Astuce esthétique ou profondeur métaphysique? Et s'il y avait les deux? Pourquoi pas? Le lion de Waterloo n'est-il pas sur un socle, Mona Lisa dans un paysage? Le soldat inconnu dans une tombe? Il ne faut pas trop sonder les choses et les âmes si on veut s'en sortir à temps."

CASTRO, Lourdes. PEREIRA, Maria (coord). 1992.
Além da Sombra – Exposição. Lisboa, FCG-CAM, 136 pp., p. 39.

JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA

“Lembro-me de uma entrevista feita a Lourdes Castro em que ela defendia que a arte não deve ter um estatuto de excepção sobre os restantes aspectos da vida. A arte é fazer bem feito, é levar até ao fim. E dava o exemplo de algumas tribos, onde a arte não era ainda considerada uma actividade distinta do quotidiano: arte era, por exemplo, para as mulheres pentearem-se bem, varrerem bem o seu pátio. Era, para os guerreiros, pintarem o rosto segundo os rituais a assinalar...Apenas isso.

Não me esqueci destas palavras, porque elas certamente guardam o segredo da artista espantosa que Lourdes Castro é, mas guardam-no apontando para uma dimensão que, num mundo tão equívoco como aquele em que vivemos, raramente se sublinha ou pelo menos não com esta limpidez e sabedoria. Lourdes Castro testemunha que a arte é uma actividade humana total, que mergulhar nos meandros da criação é também maturar nos meandros do conhecimento de si e, contra uma errada gramática que a modernidade faz vingar, não se pode insistir na ruptura entre a construção da obra de arte e a construção do sujeito que cria. Ou melhor: até se pode. E há obras geniais (e também muito menos que isso) que brotaram dessa cisão. Mas não é esse o endereço, nem a teimosia de Lourdes Castro. Era Paul Tillich quem dizia que uma pintura pode constituir acesso a uma nova dimensão do ser, se, ao mesmo tempo, possuir a força de abrir a camada correspondente de alma. É o seu caso.

Recordo-me perfeitamente do momento em que a conheci. Foi na praia dos Reis Magos, num fim de tarde. Ela chegou com o Manuel Zimbro e íamos todos jantar com uns amigos comuns que estavam de passagem. A Lourdes e o Manuel ainda deram um mergulho. E depois ficamos por ali a ver o sol daquele dia reclinar. A Lourdes disse, com a deliciosa expressão de espanto que, quem a conhece, sabe que é genuinamente sua: «As mais belas imagens são as que a natureza nos dá».

Não sei porquê voou-me o pensamento para uma frase de Espinosa: «Deus sive natura» (Deus, isto é, a natureza). E ao longo destes anos de amizade volto muito a essa frase, por que a Lourdes ensina a ver o natural e a natureza como nunca o vimos. Não é por acaso que, como ela gosta de dizer sorrindo, é «alguém que se ocupa da sombra». A sombra funciona como uma espécie de educação para aquilo que as nossas práticas tornam invisível. A arte de Lourdes Castro devolve-nos o esplendor do real sem ocultações, nem parcialidades: um real até ao fim, onde a sombra é transcrita e valorizada.

Senti muito o desejo de escrever sobre Lourdes Castro agora que revi, em DVD, o filme de Catarina Mourão que nos leva até Lourdes (e traz ela a nós) de uma forma coerente, comovente e impressionante. O filme chama-se "Pelos sombras". A Lourdes está ali inteira. Nos diálogos e no silêncio; na actividade e no repouso; na intensa solidão, no humor e no assombro da presença. Sinceramente, não me ocorre melhor palavra que santidade (não no sentido religioso, mas num imenso sentido humano) para dizer o que está tão manifesto em Lourdes Castro: inteireza, inteireza, inteireza.”

MENDONÇA, José Tolentino (2011). “Santa Lourdes Castro”,
Diário de Notícias – Madeira, Revista Mais, Funchal, 31 de Janeiro, p. 24.

DIETRICH MAHLOW

“Lourdes Castro ou o choque da fascinação

...

Lourdes Castro pode resumir com um simples traço os contornos de uma figura, de tal modo que as relações mitológicas do ser com a luz, do passado e da morte surgem imediatamente. O observador submete-se logo a estas relações, ainda antes de ter começado a reflectir sobre elas.

Lourdes Castro cria sombras claras que se separam duplamente da realidade; por um lado, as sombras são escuras e não claras; por outro, elas dão mais uma impressão de tristeza do que alegria. Ora, as sombras de Lourdes Castro não evocam nem o passado, nem a morte, mas a claridade, a ligeireza, a liberdade.

Que teria pensado Platão se tivesse podido dispor de tais sombras como ilustração não reflectida para a sua Alegoria da Caverna?

Lourdes Castro apreende o que é despercebido (despercebido porque permanente, mas não essencial para um problema) logo, o que é fútil, e demonstra com habilidade artística, que isso só pode existir na sua arte.

Quando ela consegue tornar tangível a ambivalência humana através de um simples contorno – temos criado o choque da fascinação; tal como a cor permite explicar o efeito perene que se desprende das suas obras.”

CASTRO, Lourdes. PEREIRA, Maria (coord). 1992.

Além da Sombra – Exposição. Lisboa, FCG-CAM, 136 pp., p. 92.

JOÃO FERNANDES

“(…) Há uns anos, o Manuel concretizou o velho sonho de infância de ser invisível. Ao desaparecer, para além das recordações, deixou várias bagagens a todos quantos ficaram, incluindo as malas onde guardava com a Lourdes todos os artefactos do Teatro de Sombras. Várias vezes falámos do desejo de voltar a reunir muitas das sombras que a Lourdes fizera, numa central das sombras que ele ajudaria a projectar. Dá-se agora seguimento a essa ideia, abrindo o museu à luz e às sombras desta exposição. Com a Lourdes, decidimos juntar às suas sombras alguns dos trabalhos que o Manuel antes apresentara, assim como outras marcas do seu fazer que deixara com os amigos.

O pequeno livro onde lêem este texto não é um catálogo; o catálogo, o livro que reúne as obras de um e de outro virá depois: este é apenas um roteiro sucinto destas sombras, desta luz, destas coisas que agora se apresentam de um e de outro. Algumas delas serão vistas pela primeira vez: os adereços e mecanismos do Teatro, o Álbum de Família onde a Lourdes guardou todos os seus conhecimentos das sombras e das suas histórias, o conjunto de pedras pintadas do Manuel. Outras serão a ocasião de um reencontro para alguns, de um primeiro encontro para outros, como as várias declinações da sombra que encontramos nas serigrafias, nos contornos pintados, nos plexiglas recortados, nos lençóis bordados, nas impressões do sol sobre papel heliográfico, nos desenhos, recortes, cartazes, livros e álbuns da Lourdes, ou nessas evidências dos torrões de terra e de uma história secreta da aviação que o Manuel conhecia, ou ainda nessa comprida mesa de madeira com um pano branco onde o nada se inscreve que a Lourdes preparou com o Francisco.

Poderíamos resumir tudo quanto esta breve enumeração anuncia nesse breve comentário que Lourdes Castro dedica à História Fabulosa de Peter Schlemihl, narrada por Adelbert von Chamisso: “O que me atrai: a sombra não ocupar espaço e guardar a sua presença mesmo desligada do corpo que a projectou”. (…)

CASTRO, Lourdes; ZIMBRO, Manuel; FERNANDES, João (comis.);

BURMESTER, Maria (coord); DALE, Martin; [et al.]. (trad.). 2010.

À luz da sombra. Porto: Fundação Serralves: Assírio & Alvim, 167 pp., p. 16.

JOÃO FERNANDES

“Não é fácil sair de si próprio, se bem que não haja coisa mais natural no mundo. Sabem-no as plantas e os animais. Sabe-o o próprio universo com as suas galáxias e constelações. Sabe-o a sombra mesmo quando o corpo o ignora. Basta apenas deixar a atenção tomar conta de nós, os sentidos à espreita, à escuta, que não à espera. É então que o mundo se revela, indissociável de nós e nós inseparáveis do que nele encontramos. Tudo faz sentido quando o sentido não é uma procura, ou sequer uma descoberta. Os desenhos da Lourdes são assim, simples, inevitáveis, mas jamais óbvios, como o mundo de que fazem parte. Não representam, são. Surpreendem de tão próximos, tão naturais. Não demonstram o esforço nem a habilidade. A mão apaga-se no seu fazer porque sempre esteve lá, inseparável utensílio do que acontece fora dela.”

CASTRO, Lourdes; FERNANDES, João & ZIMBRO, Manuel (textos);
PRESCOTT, David (trad). 2005. *Sombras à volta de um centro: desenhos sobre papel* - 2a ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 140 pp., p. 5.

SYLVAIN LECOMBE

“(…)

O desenho da Lourdes Castro não descreve. Se parte da observação e mesmo da integração do real, não visa portanto a sua banal reprodução, é outra coisa que um duplicado do real, que um espelho onde ele se reflita. Ele é para o real o que a sombra é para as pessoas e os objectos: essa parte da realidade impalpável, distorcida, elástica, imperceptível, fantasmagórica e fugitiva, de que a linha e os espaços que ela desdobra em torno dela são, em matéria de desenho, o equivalente mais perfeito.”

CASTRO, Lourdes. PEREIRA, Maria (coord). 1992.
Além da Sombra – exposição. Lisboa, FCG-CAM,
136 pp., p. 108 [texto originalmente publicado em:
Colóquio Artes, nº 37 junho de 1978.]

EURICO GONÇALVES

“Lourdes Castro

A apropriação do real através do desenho e do recorte

...

Pela alegre claridade que irradia, o que me fascina na obra de Lourdes Castro é a sua função, a um tempo, didática, lúdica e terapêutica, não desligada de um saudável humor dadá.

Haverá coisa mais visual e impalpável do que a luz e a sombra? Pois Lourdes Castro torna-as palpáveis, materializando-as ou objectivando-as em placas transparentes e coloridas de plexiglas.

A luz incide sobre os objetos e estes projectam sombras. Nós, que somos seres iluminados, jamais nos desapegamos da nossa própria sombra. Todavia, Lourdes Castro, ao recortá-la, destaca-a do objecto ou pessoa que a projectou. A sombra adquire autonomia, emancipando-se, por assim dizer, do objecto que a gerou.

Acontece ainda que os nossos olhos não aguentam muito tempo a luz demasiado intensa, nem a obscuridade total, pelo que necessitam de encontrar um plano intermédio, espécie “écran” translúcido que à maneira do teatro de sombras chinesas, permita fixar serenamente a luz e a sombra como elementos nítidos de uma caligrafia.

A obra de Lourdes Castro devolve-nos essa relação de equilíbrio, que é física e mental. Pela carga simbólica que contém, no desenvolvimento de uma dialética de pólos contrários como a luz e a sombra, a vida e a morte, a presença e a ausência, o cheio e o vazio, o material e o imaterial, o opaco e o transparente, o positivo e o negativo, a obra de Lourdes Castro transcende o efêmero.

Ao fixar a sombra do transeunte ou cenas simples da vida quotidiana, a sua obra é a apropriação real através do desenho e do recorte.

A linha, que tudo contorna, tanto pode ser desenhada a lápis ou à pena sobre papel, como bordada a ponto pé-de-flor em pano de lençol! E não é apenas o que representa o contorno e o recorte de superfícies planas, no decalque de silhuetas de plantas, objectos e figuras humanas, mas também o que fica entre. A individualização desses espaços intervalares faz-

me crer que também as silhuetas são intervalos ou pausas na viagem labiríntica do nosso olhar em torno de um mundo barroco que nos cerca. É a nudez máxima da coisa observada que Lourdes Castro fixa com extrema simplicidade e economia de meios, espalmando ou rebentando o volume reduzido o objecto à sua forma-limite: o contorno.

Ao converter o opaco numa superfície transparente, nada fica por definir no registo gráfico de formas sobre postas. Lourdes Castro gosta de ver o Mundo, à transparência, tal como a criança gosta de ver como o seu brinquedo é feito por dentro.

E, por isso, ela quer que tudo transpareça numa só imagem, ao declarar as páginas de um herbário, o conteúdo de uma caixa, de um saco ou de uma mala, articulando os registos gráficos dessas acumulações numa multiplicidade de leituras, cujo carácter lúdico não se dissocia de um certo humor dadá, derivado da intervenção do acaso. Acumulações que, já no início dos anos sessenta, objectualizara em relevos pintados de alumínio.

Na articulação de registos gráficos sobrepostos, Lourdes Castro faz o desenho-do-desenho-do desenho, sempre em função do plano bidimensional da página, escravizando o cheio ou contornando o vazio, se assim posso exprimir-me.

Mantendo-se próxima da realidade, Lourdes Castro devolve-nos a imagem elementar do que resta de uma observação periférica: o sinal linear de um percurso que resta de uma observação periférica: o sinal linear de um percurso que começa na demarcação de contornos de sombras e espaços intervalares, individualizados como linhas e como formas planas e transparentes.

As captação do que é simples e natural, a sua obra revela uma ampla concepção visual que, do bordado artesanal madeirense ao teatro de sombras chinesas, abrange o Ocidente e o Oriente de uma arte que encontra os seus parentes mais próximos em Arp, Matisse, Braque e Morandi; uma arte que se mantém fiel a uma íntima e serena relação com a natureza.”

CASTRO, Lourdes. PEREIRA, Maria (coord). 1992.

Além da Sombra – Exposição. Lisboa, FCG-CAM, 136 pp., p. 86.

Parte III – Obras de Lourdes Castro a *viver na sombra*

1. Seis peças dos CTT

No resumo da presente dissertação referi que o título *Viver na Sombra* poderia, de forma enganadora, parecer depreciativo ou obscuro, mas afirmei ser a metáfora ideal para esta investigação na medida em que um dos objectivos deste trabalho foi o de, para além de sublinhar a importância de Lourdes Castro, também acrescentar algum valor ao conhecimento acerca da obra desta prestigiada artista plástica.

Como resultado da investigação elaborada – um longo processo de que resultou a revelação de alguns aspectos menos conhecidos da obra de Lourdes Castro, especificamente no Funchal – apresento, de seguida, o registo fotográfico de um conjunto de peças que nos últimos anos têm literalmente *vivido na sombra*, longe do público, até agora impedido de contactar com estas obras de Lourdes Castro.

As primeiras 6 peças que aqui se catalogam e registam fotograficamente são pertença dos CTT – Madeira e foram elaborados por encomenda a Lourdes Castro em 1985, como era então política na altura, pois as instituições investirem em arte que pudesse ser integrada nos edifícios públicos. Naquela altura havia, por parte dos CTT Madeira, interesse em investir em peças artísticas, com preferência por artistas regionais, facto que merece um eloquente louvor.

Tal como está documentado no artigo “Alguns aspectos da arte no exterior e interior do edifício da Avenida Zarco” (publicado na edição do dia 1 de dezembro de 1985 do suplemento dos CTT do *Diário de Notícias – Madeira*), tratava-se de promover “o enriquecimento dos espaços, [d]o estímulo da criatividade, [d]a noção de catalisador da ligação arte-negócio” (1985: VIII).

Numa breve explicação, a série de “esculturas serigrafadas” de Lourdes Castro que representam a distribuição postal são descritos da seguinte forma:

“Na decoração interior da referida artista, um conjunto de esculturas serigrafadas em acrílico sobrepostas em vários planos, tirando partido do claro escuro e simbolizando os sacos de correio, elemento tão ligado à distribuição postal, em vários estágios desde o vazio ao cheio, tendo como continuação no topo uma fotografia em contra luz de uma figura lendo uma carta, representando a chegada da mensagem.”

As peças de Lourdes Castro feitas por encomenda para os CTT – Madeira (à exceção da última referência fotográfica, que ainda hoje se mantém no mesmo espaço, mas apresentando alguns sinais de alguma degradação) estiveram efetivamente expostas e acessíveis ao público durante cerca de uma década (entre 1985 e 1994) e foram concebidas exclusivamente para o espaço de atendimento público da estação dos correios da Avenida Zarco.

Por motivos de reformulação do espaço, estas obras de Lourdes Castro foram retiradas e “arquivadas” nos escritórios da Empresa situados na rua da Carreira, no Funchal, onde, há pouco mais de um ano, foram recolocadas nas paredes da sala 111 do edifício (fato curioso, se tivermos em conta que 111 é o nome de umas das mais prestigiadas galerias do país), que é usada como sala de reuniões. A “devolução” às paredes da série de serigrafias de Lourdes Castro deve-se à iniciativa do Engenheiro Abreu Paulo, que com a sua sensibilidade, estima e carinho pela arte e por estas obras, as preservou até a data e, dentro das suas possibilidades, evitou danos maiores nas peças (embora haja alguns, mínimos) e inclusive o seu “desaparecimento”.

Os trabalhos de Lourdes Castro propriedade dos CTT – Madeira nunca foram expostos em nenhum outro local, nem tão pouco registados ou catalogados. Assim, parece-me fundamental afirmar que o registo aqui efectuado é vital para a preservação destas peças em particular, salvaguardando-as do desaparecimento ou da sua desvalorização, facto que penso acrescentar valor ao conjunto da obra de Lourdes Castro. Deste modo evita-se o risco de estas peças caírem no esquecimento ou acabarem num espaço para o qual não foram concebidos ou sob diferente tutela, perdendo a sua estreita ligação com a instituição que as encomendou e, até hoje, as guardou.

O Engenheiro Abreu Paulo transmitiu-me também a informação de existir uma outra peça da autoria de Lourdes Castro, feita para o exterior da fachada do edifício (atualmente propriedade da PT Comunicações), registada igualmente no artigo acima citado e que aqui se transcreve: “Lourdes Castro, uma das mais prestigiadas artistas portuguesas, é autora de um belo trabalho de escultura para a fachada principal que descreve assim: “A imagem – uma esfera em latão com 36 centímetros de diâmetro – emerge da fachada e sobrepõe-se a seis varões de ferro coloridos, ligeira e irregularmente ondulados com 4 metros de comprimento.” (*Diário de Notícias* – Madeira, 1985: VIII). Esta peça em particular (de que

não possuo conhecimento de existir qualquer registo fotográfico), e segundo informações do Engenheiro Abreu Paulo, está coberta por um painel publicitário. Devo referir que esta informação não é precisa, já que não é possível confirmar visualmente o que se encontra atrás do referido painel, necessitando esta informação, portanto, de confirmação, quer documental, quer visual.

Quanto às seis peças de Lourdes Castro feitas por encomenda para os CTT – Madeira referidas inicialmente, é objectivo deste registo fotográfico não só a sua catalogação, mas a devolução ao olhar do público, fazendo-as emergir da sala onde, neste momento, estão colocadas.

1.1. Registo fotográfico e catalogação das peças dos CTT (datadas de 1985)



© Photo Credits: Alexandre Caires

Figura 20 : Sem título. Pintura sobre *plexiglas*, 1985
(37x134x1,7 cm)
Coleção CTT Madeira



© Photo Credits: Alexandre Caires

Figura 21 : Sem título. Pintura sobre *plexiglas*, 1985
(53,5x135,5x1,7 cm)
Coleção CTT Madeira



© Photo Credits: Alexandre Caires

Figura 22 : Sem título. Pintura sobre *plexiglas*, 1985
(45x131x1,7 cm)
Coleção CTT Madeira

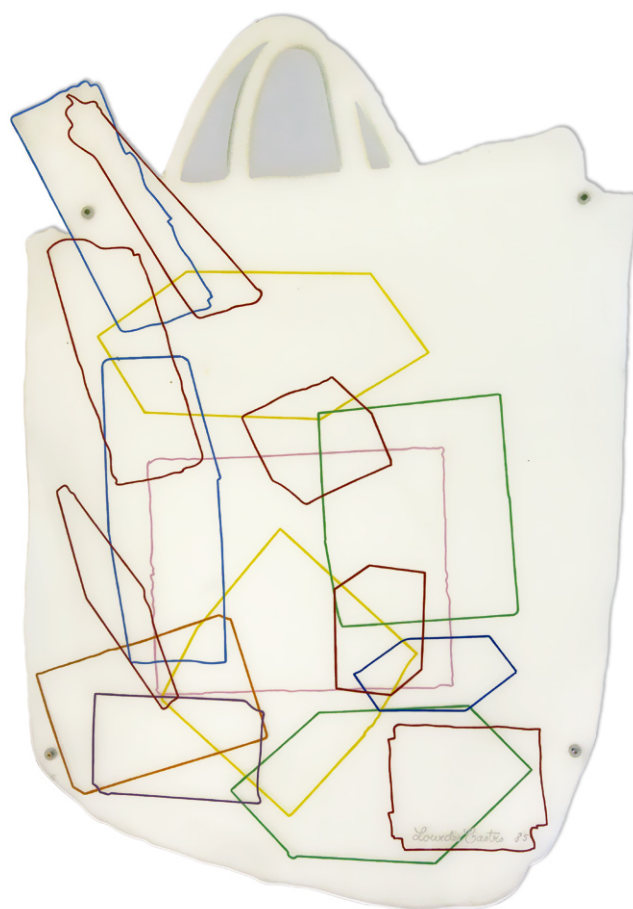


© Photo Credits: Alexandre Caires

Figura 23 : Sem título. Pintura sobre *plexiglas*, 1985
(57x89x1,7 cm)
Coleção CTT Madeira



Figura 24: Sem título. Pintura sobre *Plexiglas*, 1985
(73x110x1,7 cm)
Coleção CTT Madeira



© Photo Credits: Alexandre Caires

Figura 25 : Sem título. Pintura sobre Plexiglas. 1985
(45x131x1,7 cm)
Coleção CTT Madeira



Figura 26 : Foto: Monica Hasse, Berlim. 1975
Teatro de Sombras “As cinco estações”
Paris
Coleção CTT Madeira

2. Peças da Caixa Económica do Funchal / Banif (1985)

Lamentavelmente, as peças de Lourdes Castro feitas por encomenda para os CTT – Madeira não são as únicas peças a *viver na sombra*.

É do meu conhecimento que uma das três pinturas sobre *plexiglas* de Lourdes Castro igualmente concebidas em 1985 para a Caixa Económica do Funchal (atual BANIF), e que se encontra hoje na agência Tavira (na rua do Tavira, Funchal), está “arquivada” numa arrecadação, enquanto as outras duas, afortunadamente, estão colocadas numa parede e decoram um dos escritórios da referida agência, mas, infelizmente, não estão acessíveis ao público em geral.

Era minha intenção registá-las fotograficamente, mas o processo burocrático para o fazer inviabilizou a iniciativa (mas note-se que esta não é necessariamente uma crítica negativa à instituição que as tem na sua posse, porque efetivamente é necessário a salvaguarda de direitos de propriedade e as devidas autorizações, mas – do ponto de vista pessoal – não deixa de ser um processo é desmotivante, sobretudo porque este registo reverteria em abono das próprias peças de Lourdes Castro). Felizmente, estas peças estão reproduzidas e catalogadas na Revista *Atlântico*, nº 4, “pela mão” da própria Lourdes Castro; sobre as quais é importante transcrever-se a seguinte citação:

“O plexiglas (vidro plástico) utilizei-o muito, pintado e recortado entre 64 e 68; a sua transparência, a superfície polida vieram ao meu encontro, e as sombras tornaram-se mais ausentes, e por sua vez reprojectavam-se. Sombras com luz. Sombras com côr. (...) Tomei como ideia primeira o colorido tão variado de elementos da flora madeirense, em sombra claro – como é o meu caminho – pintados sobre plexiglas, que como já disse me era familiar. Sombras grandes muito aumentadas e Sombras Pequenas do tamanho natural da flor.

A sombra modificando-se sempre e sempre idêntica ao objecto que a projecta.

“Sombras de flores da Madeira” oito espécies diferentes: antúrios, beladonas, (açucenas da serra), sumaúma, hibiscos, pluméria, estrelíciaregina e gigante, tibouchina (aranhas), calas (boca de jarro) e uma abelha, também em sombra.”

(Revista *Atlântico*, nº 4, pp. 279 e 282)

É muito importante, na minha opinião, restituir à parede a pintura que se encontra em “arquivo”, pois estas peças são de um enorme valor cultural (e económico) e, para mim, pessoalmente, também sentimental, pois são peças que habitam a mesma ilha que eu e que

Lourdes Castro; mesmo pertencendo a uma instituição privada, com poder de decisão sobre as mesmas, seria interessante e de todo o interesse cultural e patrimonial que estas obras estivessem acessíveis ao público em geral, razão pela qual fica registada esta minha sugestão.

2.1. Registo fotográfico e catalogação das peças da Caixa Económica do Funchal / Banif CTT (datadas de 1985)



Figura 27 : “Sombras de flores da Madeira”. 1985
Pintura sobre *plexiglas*
(130x133x5 cm)
Coleção Banif



Figura 28 : “Sombras de flores da Madeira”. 1985
Pintura sobre *plexiglas*
(130x133x5 cm)
Coleção Banif



Figura 29 : “Sombras de flores da Madeira”. 1985
Pintura sobre *plexiglas*
(130x133x5 cm)
Coleção Banif

3. Serigrafia “Ombre d’Aralia” (1973) na Biblioteca Pública Regional da Madeira

A terminar esta série de registos de trabalhos de Lourdes Castro que habitam a ilha da Madeira e que *vivem na sombra*, gostaria de dar destaque a uma serigrafia, datada de 1973, intitulada “Ombre d’Aralia”, atualmente em “depósito” na Biblioteca Pública Regional da Madeira. Segundo a Diretora da instituição, Dr.^a Maria da Paz, esta obra foi cedida pela própria Lourdes Castro a este espaço ao tempo das funções da anterior Direção da Biblioteca e devido a laços de amizade que uniam a anterior Diretora a Lourdes Castro. Este trabalho em particular também tem permanecido em espaço “privado”, mas, em diálogo estabelecido entre mim e a atual Diretora da Biblioteca, houve a disponibilidade e a intenção de o devolver ao público, o que (desde já, por antecipação, registo) irá consumir-se, muito devido a este intercâmbio entre mim e a responsável da Biblioteca e como resultado direto do processo de investigação desenvolvido para esta dissertação.

A concluir, portanto, gostaria de sublinhar fortemente a ideia de que há frutos concretos do presente trabalho que, na minha opinião, confirmam a importância desta investigação e lhe atribui um valor particular, concreto e palpável, e um efetivo sentido, o da divulgação e valorização de obras de Lourdes Castro até agora *na sombra* e a sua devolução ao acesso público.

3.1. Registo fotográfico e catalogação da serigrafia “Ombre d’Aralia” (1973) na Biblioteca Pública Regional da Madeira



Figura 30 : “Ombre d’Aralia”. 1973. Serigrafia (Michel Gaza-França)
(260x164,4 cm)
Biblioteca Pública Regional da Madeira
© Pierr Bouchet-Paris-Lourdes Castro

Conclusão

No Livro de Rob Riemen *O eterno retorno do Fascismo* afirma-se que:

Nesta cultura social, tende-se constantemente para o ponto mais baixo pois é aí que se localiza o denominador comum da população. É por isso que o nível da educação universitária se afunda para que “todos” possam estudar e obter um diploma. Quanto à arte, terá de ser acessível a todos, não só financeiramente, mas também em termos de significado: terá de ser compreensível.” (Riemen, 2012: 30)

Os objectivos inicialmente definidos para esta dissertação apontavam claramente para um estudo sistemático da obra de Lourdes Castro, com a revisão bibliográfica da fortuna crítica acerca desta artista plástica e seguindo o método tradicional de investigação bibliográfica e estudo de obras de referência acerca desta autora. De facto, há muito que eu ambicionava aprofundar os meus conhecimentos sobre Lourdes Castro, não só por ser a minha principal referência artística, mas como uma forma (singela) de a homenagear, em louvor da sua vida pessoal e artística, das suas origens, da sua coragem, da luz que da sua obra emana e, obviamente, como tributo aos seu trabalho em torno das sombras.

Gostaria de notar que a dissertação elaborada se afaste de uma visão teórica ou historiográfica da obra de Lourdes Castro, sem, no entanto, deixar de se constituir como um contributo para a compreensão desta artística plástica na medida em que foca um assunto pertinente do ponto de vista cultural. Manuel Zimbro afirma, em *Sombras à volta de um centro*:

“Não! Arte nunca será uma empreitada, mesmo se a todos os níveis – seja os que fazem, os que vêem, ou os que mandam ver ou fazer – tudo indicie um decadente nivelamento onde, salvo raras excepções, apenas sobressai a mais valia produtiva e executiva ou o folclórico espectáculo da falta de exigência, por conseguinte a monumental desordem que tal entendimento provoca, mesmo se por arte apenas for entendido um pequeno elemento de adorno de uma qualquer profissão.” (Zimbro, 2003: 80)

Não sendo eu um teórico por natureza, tentei conduzir a investigação desta dissertação no sentido de um trabalho de natureza prática – sem descurar, obviamente – a pesquisa e o estudo de toda a produção histórica e crítica sobre Lourdes Castro. Tendo este objectivo em consideração, acredito ter produzido um trabalho que de algum modo lance

bases para uma investigação e um estudo mais profundos acerca de Lourdes Castro, quer da minha parte, quer por parte de outros estudiosos.

Se inicialmente me concentrei em procurar melhor compreender a relação da obra de Lourdes Castro com o universo das palavras e a importância que esta lhe atribui no seu percurso de vida e nas suas investigações em torno das sombras, esta investigação focou os registos dos *Álbuns de Família*, nos quais Lourdes Castro recolhe um vasto e muito heterogéneo material que constitui um contributo para o estudo do seu universo iluminado de sombras.

De facto, tal como resulta do trabalho apresentado na segunda parte desta dissertação, em *Álbuns de Família* encontram-se inúmeras referências a autores, citações, ideias, textos, imagens, constituindo-se este acervo numa espécie de “bíblia” de conteúdos que podem ser uma fonte que dá a compreender o percurso artístico e pessoal de Lourdes Castro ao longo do tempo, com uma série de referências que colaboram para a construção “de uma obra singular com a qual redefine uma relação da obra de arte com o mundo de que faz parte” (Fernandes, 2010: 2).

Durante a investigação realizada para a elaboração da dissertação que agora se conclui, fui surpreendido por aquilo que considero ser um dos aspectos fundamentais desta dissertação e talvez o dado mais inovador da presente investigação: consegui localizar, catalogar e registar fotograficamente uma série de seis peças de serigrafia sobre *plexiglas* pertencentes à coleção artística dos CTT (que inclui outros nomes de referência artística regional, como é o caso do Escultor Ricardo Velosa), feitas por encomenda à artista em 1985, e que foram assim descritas, à época, no suplemento exclusivo dos CTT do *Diário de Notícias* (de dia 1 de dezembro de 1985): “...um conjunto de esculturas serigrafadas em acrílico sobrepostas em vários planos, tirando partido do claro escuro e simbolizando os sacos de correio” (p. VIII). No mesmo processo de descoberta da obra de Lourdes Castro inacessível ao público e praticamente desconhecida, foi também situada uma série de três peças pertencentes à coleção da Caixa Económica do Funchal / Banif CTT (datadas de 1985) e a serigrafia “Ombre d’Aralia” (1973), pertença da Biblioteca Pública Regional da Madeira, todas objecto de registo fotográfico e de catalogação nesta dissertação.

Em Anexo à dissertação apresento um conjunto de dados coligidos com base numa extensa pesquisa que contemplou toda a bibliografia ativa referente a Lourdes Castro. O resultado desta investigação é o inventário – tão exaustivo quanto possível – de uma longa lista (ordenada cronologicamente e com a indicação das fontes em que foram publicados os referidos textos) que, para além de ser uma valiosa referência bibliográfica para investigadores e curiosos da obra de Lourdes Castro, refere e identifica as fontes de toda a produção literária não só de Lourdes Castro, como também de muitos (senão de todos) os autores literários – portugueses e estrangeiros – que escreveram, quer seja por inspiração, quer por dever profissional ou por ligação afectiva sobre e com a artista.

Assim, uma vez mais, gostaria de referir que esta é efetivamente uma vasta e importante pesquisa, podendo constituir-se como ponto de partida para outras teses acerca de Lourdes Castro. Será igualmente, para mim, o epicentro da evolução desta dissertação para uma eventual e futura tese de doutoramento, que contemplaria a recolha da totalidade da obra física de Lourdes Castro, bem como a sua localização e/ou pertença atual.

Posteriormente, tal como se refere no resumo desta dissertação, é meu propósito tentar editar digitalmente esse material (garantidos todos os direitos de autor e de propriedade, como é óbvio), para assim conceber uma plataforma *online* – ou *site*, como uma galeria virtual – que permita a divulgação e o estudo da obra de Lourdes Castro e que se possa vir a constituir-se como uma preciosa referência documental, facto que, na minha opinião, honraria não só a artista como também a Universidade da Madeira e a própria Região, no âmbito da preservação, divulgação e estudo do seu Património Cultural, especialmente, como é o caso, no âmbito das artes plásticas e da sua relação com a literatura.

Referências

1. Obra de Lourdes Castro

1.1. Exposições individuais

- 1955 Funchal, Club Funchalense
- 1957 Lisboa, Galeria Diário de Notícias (com René Bertholo)
- 1964 Lisboa, Galeria Divulgação (com René Bertholo)
- 1965 Munchen, Galerie Buchholz
- 1966 Baden-Baden, Stattliche Kunsthalle
Paris, Galerie Edouard Loeb
- 1967 London, Indica Gallery
Amesterdam, Gallery 20
Malmö, Limhamns Konstforening
- 1968 Basel, Galerie Handschin
Hannover, Galerie Ernst
- 1969 Köln, Galerie Reckermann
Essen, Galerie Thelen
Milano, Studio Maeconi
Frankfurt, Galerie Lupke
- 1970 Amsterdam, Galery 20
Lisboa, Galeria 111
- 1971 Ljubljana, Moderna Galerija
- 1972 Praga, Galerie National
Nurnberg, Institut für Moderne Kunst
- 1973 Bordeaux, Galerie du fleuve
Berlim, Akademie der Kunste (com René Bértholo)
- 1974 Antwerpen, Galerie Kontakt
- 1975 Lombreuil, Galerie Nouvelles Images
- 1976 Ciudad Bolívar, Museo de Arte Moderno J. Soto
- 1978 Paris, Galerie Jean Briance
- 1979 Lisboa, Galeria 111

Porto, Galeria Zen

- 1980 Funchal, Direção Regional dos Assuntos Culturais
1992 – 2VII Lisboa, “Ratton Cerâmicas, Azulejos”
– 3VII Lisboa, Galeria 111, “Sombras e Chocolates”
– 14 VII Lisboa, Galeria Tapeçarias de Portoalegre
– 20 VII Lisboa, F. C. Gulbenkian “Além da Sombra”
1999 Galeria Porta 33, Arco 99, Madrid, “Sombras Projetadas”
2002 F. C. Gulbenkian, Lisboa, “O Grande herbário de Sombras”
2003 Fundação Serralves, Porto, “ Sombras à volta de um Centro”
2005 Fundação Arpad Szenes–Vieiera da Silva, Lisboa, “à sombra”
2009 Galeria Porta 33, Funchal, “A Praia Formosa”
2011 Galeria dos Prazeres, Calheta, “Lourdes Castro”

1.2. Exposições individuais: catálogos

CASTRO, Lourdes & TROPA, Francisco; CARLOS, Isabel (coord.); CALHAU, Fernando [et al.] (textos); PRESCOTT, David (trad). 1998. *Peça – Catálogo da exposição apresentado na XXIV Bienal de São Paulo – Portugal*. Lisboa IAC, D.L – 39 p.

CASTRO, Lourdes; PIRES, Dinis (trad.); FLORES, José & BARRADAS, Ana (revisão). 2008. *A Praia Formosa: fotografias do meu avô Jacinto A. Moniz de Bettencourt : Ilha da Madeira..* - Porto: Fundação de Serralves & Lisboa: Assírio e Alvim, 112 pp.

CASTRO, Lourdes; ZIMBRO, Manuel; FERNANDES, João (comissário); BURMESTER, Maria (coord); DALE, Martin; [et al.]. (trad.). 2010. *À luz da sombra*. Porto: Fundação Serralves: Assírio & Alvim - 167 pp.

2. Exposições colectivas

1959 V Bienal de São Paulo

1960 Grupo K W Y: Universidade de Saarbrücken, SNBA, Lisboa; G. Le soleil dans la tête, (61) Paris; G. 2000, Bologna (62)

1961 1ª Bienal de Paris

1962 “Le relief 2” Galerie XX siècle, Paris

“Arte Portuguesa Contemporânea” Coleção Calouste Gulbenkian, Açores e Madeira

“Autonome Architectur” Stedelijk museum, DELFT

1963 “Exposition européenne de la serigraphie”, Palais de la Defense, Paris

C/ Marta Minujine A. Otero, Paris

1964 “Illustrationen”, Staatliche Kunsthalle Baden-Baden

“Cinquante ans de collages”, Musée des Arts Decoratifs, Paris

Salon de Mai, Paris

Salon de la Jeune Peinture, Paris (65, 66, 67)

1965 “La fête à la Joconde”, Paris

“Fête Garderobe”, Arcueil

1966 “Schèmes 66” Musée d’Art Moderne de la Ville de Paris

1967 “Aktual Art International”, San Francisco Museum of Art

VI Biennale di S. Mariano “Nuove Tecniche d’Immagine”

Salon de Mayo, La Haguana

“Superlund”, Lunds Kunsthall, Suécia

“Objects” 67, Gal. Mathias Fels, Paris

1968 “Ars vivant” Fondation Maeght, S. Paul de Vence

“Three Blind Mice” Stedelijk van Abbemuseum, Eindhoven

“Biennale International del Estampe”, Musée d’art moderne de la ville de Paris

G. Galetea, Buenos Aires

G. 212, Belgrado

Livres de Peintres, Victoria and Albert Museum

Art Experimental, Musée d’art et d’Industrie, St. Etienne

- 1969 “Distances”, ARC, Paris
“Sérigraphies”, La Hune, Paris
“Naissance d’une Collection”, Musée Cantini, Marseille
“Moderne Kunst aus Privatbestz” Kunstverein, Hannover
Festival NON ART, dans le monde entier
- 1970 “Europlastic”, Grand Palais
“Modern fransk grafik”,Finland
“Coordonnés nouvelles”, Musée dès Beaux Arts, Nantes
- 1971 “Multiplication”, Sodertalje Konsthall, Suède
Exp. 10 ans d’Art Portugais à la Paris, F. C. Gulbenkian
72, 73, 74, 75, 76, 77 Bienais Internacionais de Gravura de Ljubjana, Paris, Krakóvia, Tokyo, Veneza; Noruega, Bradford, Irlanda (prémios na Yugoslávia e Polónia)
- 1974 Arts Festival for Democracy in Chile, Royal College of Art, London
- 1975 “Stamp Art”, Utrecht, Holanda
“Visuale Poezie, den Haag
- 1977 Internationale Buchkunst- Ausstrellung, Leipzig (exposição internacional do livro)
“Boîtes” ARC, Paris
- 1978 “Lourdes Castro de Madère” programa Tv francesa (D’un pays à l’autre, Portual)
Festival Internacional de Desenho, Christchurch (Nova Zelândia)
- 1979 “Daum, 100 ans de création dans le verre et le cristal”, Musée dès Beaux Arts, Nancy
“Renaissance de la Pâte de Verre”, Paris
“LIS’79, Exposição Internacional de Desenho (Portugal)
“L’ombra”, Casa del Mantegna, Mantova
- 1980 “Metronom”, Mail art, Barcelona
“Photocopies”, g. Forain, Paris
- 1981 Pintura Portuguesa Contemporânea, Museu Luís de Camões, Macau
Nouve cartoline, Roma
XVI Bienal de S. Paulo – Art Ehxibition Califórnia, Contemporary Arst Fórum, St. Barbara
- “La Carte Postal d’avant garde”, Paris
- 1983 Mediarte, comune di Genova
“Art against apartheid”, Paris, Suède, Finlande, Danemark

- 1984 Galeria 111, 20 anos
Mail art, Wiener Secession
- 1985 Mail art, Postmuseum Stockholm
“Diálogo”, CAM
- 1986 “1ª exp. Int. De Esculturas efémeras”, Brazil
- 1987 “Bilder und Bucher”, 20 Jahre Rainer Verlag, Berlin (Quadros e Livros)
- 1988 “Vraiment faux”, fondation Cartier
- 1989 “Visual Poetics”, Museum of Contemporary Art, Brisbane, Austrália
“As cores da Revolução”, Palácio da Ajuda
- 1991 “Artistes Portugais dans les collections privées en Belgique”, Musée de Louvain-la-Neuve
Tapeçarias de Portalegre, mosteiro dos Jerónimos
- 1992 “Livros de Artista”, Assírio & Alvin, The Normal Museum e CML
- 1994 “coleção Manuel de Brito-Imagens da Arte Portuguesa do Século XX”, Museu de Chicago, Lisboa
- 1995 “Coleção Manuel de Brito-Imagens da Arte Portuguesa do Século XX”, MAM, Museu de Arte moderna do Rio de Janeiro
“Coleção Manuel de Brito-Imagens da Arte Portuguesa do Século XX”, MASP, Museu de Arte de São Paulo
“Artistas Portugueses do século XX”, Casa do Povo, Cidade Proibida, Pequim
“Coleção Manuel de Brito-Imagens da Arte Portuguesa do Século XX”, Leal Senado, Fórum, Macau
- 1996 Galeria 111, Lisboa
Galeria 111, Porto
- 1997 “Pop´60s”, Centro Cultural de Belém, Lisboa
Marca 97 – Madeira, Funchal
Galeria 111, Lisboa
“Signos, Símbolos, Siluetas, sombras, Nouveau Realisme, Nouvelle Figuration”, Palácio Municipal de Exposiciones Kiosko Afonso, Corunha, Faculdade de Belas Artes, Pontevedra
- 1998 Bienal de São Paulo (Participação portuguesa de Lourdes Castro e Mário Tropa)
III Bienal Portense, Europarque, Santa Maria da Feira

- “Arte Portuguesa Anos 60/90”, Galeria 111, Lisboa
- “Arte contemporânea Anos 60/90”, Galeria 111, Porto
- 1999 “A indisciplina do Desenho”, fundação Cupertino de Miranda, Vila Nova de Famalicão
- Arco 99, galeria Porta 33, Madrid
- Exposição inaugural CIRCA 1968, Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Porto
- 2000 Festival de Arte Contemporânea – Marca – Madeira, Funchal
- “A Indisciplina do Desenho”, Museu de José Malhoa, Caldas da Rainha e Museu de Aveiro
- 2002 “Azulejos-12 Artistas Portugueses Contemporâneos”, Galeria da Livraria Portuguesa, Macau
- 2003 “Lourdes Castro: Sombras à volta de um centro”, Museu de Serralves, Porto
- 2010 “À Luz da Sombra de Lourdes Castro e Manuel Zimbro”, Fundação de Serralves, Porto
-“Linguagem e Experiência Obras da Colecção da Caixa Geral de Depósitos”, Museu Grão Vasco, Viseu e Museu de Aveiro, Aveiro
- 2012 “AMIGOS DE PARIS. Lourdes Castro, René Bértholo, José Escada, Jorge Martins”, Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva, Lisboa.

2.1. Exposições colectivas: catálogos

ACCIAIUOLI, Margarida, (Coordenação). (2001). *KWY: Paris 1958-1968*, (Catálogo da Exposição), Centro Cultural de Belém/Assírio & Alvim, Lisboa.

PAIXÃO, Pedro. 1999. *A indisciplina do desenho*. Lisboa: Instituto de Arte Contemporânea, D.L., 117 pp.

3. Teatro de Sombras

1973 *Pic-niq à sombra, Contorno e Noite e Dia:*

Berlim, Akademie de Kunste;

Anvers, Amsterdão;

Hannover, Paris

1975/76/77/78/79/80 *As cinco estações:*

Paris, Museu da Arte Moderna – Festival do Outono

Cuidad Bolivar, Museu Soto

Caracas

Lisboa, F. C. Gulbenkian

Porto

Funchal

Trieste

Mantova, Teatro Bibiena

Berlim

Munique, Staatsmuseum

1981/82/85 *Linha do Horizonte*

Veneza, Strasbourg

Frankfurt, Neue Alte Oper

Paris, Centre Georges Pompidou

Lisboa, C.A.M.

Bienal de São Paulo

4. Prémios

2004 Prémio Celpa / Vieira da Silva, Lisboa

1995 Medalha do conselho Regional do Salom de Montrouge, Paris

2000 Grande Prémio EDP, Lisboa

5. Representações em coleções e museus

Victoria e Albert Museum, Londres

Museu Arte Moderna, Havana

Moderna Museet, Estocolmo

Musée Cantini, Marselha

Ludwig Fórum für Internationale Kunst, Aix-la-Chapelle

Von der Heydt Museum Loipertal

Museu de Arte Moderna, Belgrado

Museus Nacionais de Varsóvia, Wrocław e Łódź

Museu de Arte J. Soto, Cidade Bolívar, Venezuela

Centro de Arte Moderna, F. C. Gulbenkian, Lisboa

Museu Internacional de Eletrografia, Cuenca, Espanha

Museum of Drawers, Herbert Distel, Berna

Fundação de Serralves, Porto

Coleção José Augusto-França

Coleção CTT (Madeira)

Fontes das imagens

Figura 1 : Imagem da página de rosto: Lourdes Castro; autor não identificado (sem data), in ACCIAIUOLI, Margarida, (Coordenação). (2001). *KWY: Paris 1958-1968*, (Catálogo da Exposição), Centro Cultural de Belém / Assírio & Alvim, Lisboa, p.162.

Figura 2 : José Escada – José Escada - Retrato de Lourdes de Castro, 1952, [Coleção CAM](#). Disponível em <http://www.cam.gulbenkian.pt/> (consultado a 05/01/2013).

Figura 3 : Sombras de Lourdes e Renè projectadas na parede. 1964, in CASTRO, Lourdes; ZIMBRO, Manuel; FERNANDES, João (comis.); BURMESTER, Maria (coord); DALE, Martin; [et al.]. (trad.). 2010. *À luz da sombra*. Porto: Fundação Serralves: Assírio & Alvim, p. 40.

Figura 4 : Sombra projectada de Christo. 1964, in ACCIAIUOLI, Margarida, (Coordenação). (2001). *KWY: Paris 1958-1968*, (Catálogo da Exposição), Centro Cultural de Belém/Assírio & Alvim, Lisboa, p. 188.

Figura 5 : Sombra projectada de René Bèrhtolo. 1964, in ACCIAIUOLI, Margarida, (Coordenação). (2001). *KWY: Paris 1958-1968*, (Catálogo da Exposição), Centro Cultural de Belém/Assírio & Alvim, Lisboa, p. 189.

Figura 6 : Sombra projectada da minha mãe. 1964, in CASTRO, Lourdes; ZIMBRO, Manuel; FERNANDES, João (comis.); BURMESTER, Maria (coord); DALE, Martin; [et al.]. (trad.). 2010. *À luz da sombra*. Porto: Fundação Serralves: Assírio & Alvim, p. 52.

Figura 7 : Branco e branco. Serigrafia sobre plexiglas. 1966, in CASTRO, Lourdes, SOUSA, Ângelo; ALMEIDA, Helena; JOTTA, Ana; ROSA, Joana; PAIXÃO, Pedro.1999. *A indisciplina do desenho*. Lisboa: Instituto de Arte Contemporânea, D.L., p. 36.

Figura 8 : Rosa fluo. serigrafia sobre plexiglas. 1968, in CASTRO, Lourdes, SOUSA, Ângelo; ALMEIDA, Helena; JOTTA, Ana; ROSA, Joana; PAIXÃO, Pedro.1999. *A indisciplina do desenho*. Lisboa: Instituto de Arte Contemporânea, D.L., p. 37.

Figura 9 : Sombras deitadas. 1972, in CASTRO, Lourdes; ZIMBRO, Manuel; FERNANDES, João (comis.); BURMESTER, Maria (coord); DALE, Martin; [et al.]. (trad.). 2010. *À luz da sombra*. Porto: Fundação Serralves: Assírio & Alvim, p. 62.

Figura 10 : Sombra deitada de Umberto Spínola. 1971, in CASTRO, Lourdes; ZIMBRO, Manuel; FERNANDES, João (comis.); BURMESTER, Maria (coord); DALE, Martin; [et al.]. (trad.). 2010. *À luz da sombra*. Porto: Fundação Serralves: Assírio & Alvim, p. 63.

Figura 11 : Teatro de Sombras. Linha do Horizonte, 1981, in ACCIAIUOLI, Margarida, (Coordenação). (2001). *KWY: Paris 1958-1968*, (Catálogo da Exposição), Centro Cultural de Belém/Assírio & Alvim, Lisboa, p. 201.

Figura 12 : Teatro de Sombras. Les Ombres, 1975, in, CASTRO, Lourdes. (2005). *À sombra*. Lisboa: Fundação Aparad Szenes – Vieira da Silva: Assírio & Alvim, p. 6.

Figura 13 : Avessos encadeados (s/d), in CASTRO, Lourdes; ZIMBRO, Manuel; FERNANDES, João (comis.); BURMESTER, Maria (coord); DALE, Martin; [et al.]. (trad.). 2010. *À luz da sombra*. Porto: Fundação Serralves: Assírio & Alvim, p. 93.

Figura 14 : Ombre portée orange fluo, (s/d), in CASTRO, Lourdes; ZIMBRO, Manuel; FERNANDES, João (comis.); BURMESTER, Maria (coord); DALE, Martin; [et al.]. (trad.). 2010. *À luz da sombra*. Porto: Fundação Serralves: Assírio & Alvim, p. 91.

Figura 15: Rosa. Papel heliográfico, 1972, in CASTRO, Lourdes; ZIMBRO, Manuel; FERNANDES, João (comis.); BURMESTER, Maria (coord); DALE, Martin; [et al.]. (trad.). 2010. *À luz da sombra*. Porto: Fundação Serralves: Assírio & Alvim, p. 103.

Figura 16 : Trombeteira. 1972, in CASTRO, Lourdes; ZIMBRO, Manuel; FERNANDES, João (comis.); BURMESTER, Maria (coord); DALE, Martin; [et al.]. (trad.). 2010. *À luz da sombra*. Porto: Fundação Serralves: Assírio & Alvim, p. 99.

Figura 17 : Salsa. 1980, in CASTRO, Lourdes. (2005). *À sombra*. Lisboa: Fundação Aparad Szenes – Vieira da Silva: Assírio & Alvim, p. 67.

Figura 18 : Malmequeres. 1980, in CASTRO, Lourdes; FERNANDES, João & ZIMBRO, Manuel (textos); RESCOTT, David (trad). 2005. *Sombras à volta de um centro: desenhos sobre papel* - 2a ed. Lisboa: Assírio & Alvim, p. 71.

Figura 19 : Montanha de flores iniciada em 1988, in ACCIAIUOLI, Margarida, (Coordenação). (2001). *KWY: Paris 1958-1968*, (Catálogo da Exposição), Centro Cultural de Belém/Assírio & Alvim, Lisboa, p. 203.

Figura 20 : Sem título. Pintura sobre plexiglas, 1985; Registo original @ Alexandre Caires.

Figura 21 : Sem título. Pintura sobre plexiglas, 1985; Registo original @ Alexandre Caires.

Figura 22 : Sem título. Pintura sobre plexiglas, 1985; Registo original @ Alexandre Caires.

Figura 23 : Sem título. Pintura sobre plexiglas, 1985; Registo original @ Alexandre Caires.

Figura 24: Sem título. Pintura sobre plexiglas, 1985; Registo original @ Alexandre Caires.

Figura 25 : Sem título. Pintura sobre Plexiglas. 1985; Registo original @ Alexandre Caires.

Figura 26 : Foto: Monica Hasse, Berlim. 1975. Registo original @ Alexandre Caires.

Figura 27 : “Sombras de flores da Madeira”. 1985, in CASTRO, Lourdes. (1985). Sombras de flores da Madeira. *Revista Atlântico*, nº 4, inverno, p. 281.

Figura 28 : “Sombras de flores da Madeira”. 1985, in CASTRO, Lourdes. (1985). Sombras de flores da Madeira. *Revista Atlântico*, nº 4, inverno, p. 282.

Figura 29 : “Sombras de flores da Madeira”. 1985, in CASTRO, Lourdes. (1985). *Revista Atlântico*, nº 4, inverno, p. 282.

Figura 30 : “Ombre d’Aralia”. 1973. Serigrafia (Michel Gaza-França); Registo original @ Alexandre Caires.

Bibliografia

Ativa

CASTRO, Lourdes; FERNANDES, João & ZIMBRO, Manuel (textos); RESCOTT, David (trad). 2005. *Sombras à volta de um centro: desenhos sobre papel* - 2a ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 140 pp.

CASTRO, Lourdes & TROPA, Francisco; CARLOS, Isabel (coord.); CALHAU, Fernando [et al.] (textos); PRESCOTT, David (trad). 1998. *Peça – Catálogo da exposição apresentado na XXIV Bienal de São Paulo – Portugal*. Lisboa IAC, D.L., 39 p.

CASTRO, Lourdes; PIRES, Dinis (trad.); FLORES, José & BARRADAS, Ana (revisão). 2008. *A Praia Formosa: fotografias do meu avô Jacinto A. Moniz de Bettencourt : Ilha da Madeira..* - Porto: Fundação de Serralves & Lisboa: Assírio e Alvim, 112 pp.

CASTRO, Lourdes; ZIMBRO, Manuel; FERNANDES, João (comissário); BURMESTER, Maria (coord); DALE, Martin; [et al.]. (trad.). 2010. *À luz da sombra*. Porto: Fundação Serralves: Assírio & Alvim, 167 pp.

CASTRO, Lourdes. 1985. *Sistema de sombras*. Lisboa: Compta, 10 pp.

CASTRO, Lourdes. PEREIRA, Maria (coord). 1992. *Além da Sombra – Exposição*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian – Centro de Arte Moderna, 136 pp.

Passiva

Em volume

Panorama Arte Portuguesa no Século XX, Fernando Pernes (coordenação), Porto: Fundação Serralves e Campo das Letras, Novembro 1999 (textos de José-Augusto França, Raquel Henriques da Silva, Rui Mário Gonçalves, Bernardo Pinto de Almeida, Silvia Chicó, Alexandre Melo, Miguel Von Hafe Pérez e Carlos S. Duarte).

ALMEIDA, Bernardo Pinto de

Pintura Portuguesa no Século XX, Porto: Lello & Irmão Editores, 1993.

Sombras na Água. [Sine loco]: Galeria André Viana, s.d.

BUSSE, Jacques

“*Lourdes Castro*”, in Jacques Busse (nova edição refundida soba dir.), *Dictionnaire Critique et Documentaire des Peintres, Sculpteurs Dessinateurs et Graveurs*, vol. 3, Paris: Editions Grund, 1999, p. 358.

CANDEIAS, Ana Filipa

Revista KWY: da Abstracção Lírica à Nova Figuração, Dissertação de Mestrado em História da Arte Contemporânea, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1996 (texto policopiado).

CHAMISSO, Adalbert. Barrento, João (trad.). 2005. *A história fabulosa de Peter Sehlemihl*. Lisboa, Assírio e Alvim.

DUROZOI, Gérard

“*Lourdes Castro*”, in Gérard Durozoi (dir.), *Dictionnaire de l' Art Moderne et Contemporain*, Paris: Editions Hazan, 1992, p. 117.

FARIA, Oscar. (2010). *Lourdes Castro: "A minha pintura é esta: o viver, o estar cá."*, *Público – Ípsilon*. Lisboa. 03 de Março de 2010, s/p.

FERNANDES, João. 2010. *À luz da sombra*. Porto, Fundação de Serralves.

FONSECA, Sebastião. (S.d.). *Breve apresentação da pintura de Lourdes Castro*. Lisboa [s.n., D.L. 1958].

FRANÇA, José- Augusto
Da Pintura Portuguesa, Lisboa Ática (1960).

“Lourdes Castro”, in *Dicionário da Pintura Universal*. Vol. 3: *Dicionário da Pintura Portuguesa* (planeado e organizado por Mário Tavares Chicó, Armando Vieira Santos e José-Augusto França), Lisboa: Editorial Estúdios Cor, 1973, pp. 80-81.

“Lourdes Castro “ in Michel Laclotte (dir.). *Petit Larousse de la Peinture*, vol. 1, Paris: Larousse, 1979, p. 298.

A Arte e a Sociedade Portuguesa no século XX, Lisboa: Livros Horizonte, 1970 (4ª edição acrescentada, 2000).

O retrato na Arte Portuguesa, Lisboa: Livros Horizonte, 1981.

Cem Exposições, Lisboa INCM, 1982.

História da Arte Ocidental. 1780-1980, Lisboa: Livros Horizonte, 1987.

Pintura Portuguesa Séc. XX, Lisboa: Correios de Portugal, 1990.

“Lourdes Castro”, in Jean-Philippe Breuille (dir.), *Dictionnaire de Peinture et de Sculpture*. *L’arte du XXème.Siècle*, Paris: Larousse, 1991, pp. 152-153.

A Arte em Portugal no Século XX (1911-1961), Lisboa: Bertrand Editora, 1974 (3ª edição acrescentada, 1991).

Memórias para o Ano 2000, Lisboa: Livros Horizonte, 2000.

GONÇALVES, Rui Mário

Pintura e Escultura em Portugal – 1949-1980, Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1980.

“10 anos de Artes Plásticas. 1974-1984”, in Rui Mário Gonçalves e Francisco da Silva Dias, *10 anos de Artes Plásticas e Arquitectura*, Lisboa: Editorial Caminho, 1985, pp. 9-89.

“De 1945 à actualidade”, in *História da Arte em Portugal*, vol 13, Lisboa: Publicações Alfa, 1986.

“Lourdes Castro”, in *100 Pintores Portugueses do Século XX*, Lisboa: Alfa, 1986, pp. 154-155.

“Artes plásticas”, in *Portugal 45-95 nas Artes, nas Letras e nas ideias*, Lisboa; Centro Nacional de Cultura, 1998.

A Arte Portuguesa do Século XX, s/l, Temas e Debates, 1998.

JORGE, João Migue Fernandes

“Além da sombra”, in *Abstract & Tartarugas*, Lisboa: Relógio d'Água, 1995, pp. 280-282.

MACEDO, Rita Andreia Silva Pinto de

Artes Plásticas em Portugal no Período Marcelista 1968-1974, Dissertação de Mestrado em História da Arte Contemporânea, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1998 (texto policopiado).

MELO, Alexandre

“*Artes Plásticas em Portugal*”. *Dos Anos 70 aos nossos Dias*, Lisboa: Difel, 1998.

MELO, Alexandre; PINHARANDA, João

Arte e Artistas em Portugal, Lisboa, Instituto Camões, 2007.

PAMPLONA, Fernando de

“Lourdes Castro”, in *Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses ou que trabalharam em Portugal*, 5 vols., Porto: Civilização, 1955; 3ª edição actualizada, 1991, vol. II, pp. 75-76.

PINHARANDA, João Lima

Pintura com Luz. Alguns Pintores Portugueses Contemporâneos, Lisboa: Edições EDP, Electricidade de Portugal, 1997.

“A arte portuguesa no século XX”, in António Costa Pinto (coord.), *Portugal Contemporâneo de Lisboa*- Madrid: Ediciones Sequitur, 2000, pp. 245-274.

PORFÍRIO, José Luís

“Lourdes Castro”, in *Lexioteca. Moderna Enciclopédia Universal*, Lisboa: Círculo de Leitores, 1986, Tomo 5, p. 20.

PRESCOTT, David (trad.). 1999. *Azul sombra = Shadow blue : azulejos de Lourdes Castro*. [S.l.], C.M.F.F. – 24 pp.

SILVA, Raquel Henriques da

“Percurso da Modernidade”, in *Sínteses da Cultura Portuguesa – História das Artes Plásticas* (com Maria Adelaide Miranda, Vitor Serrão e José Alberto Gomes Machado), Lisboa: INCM (Europália 91), 1991, pp. 99-128.

TANNOCK, Michael

Portuguese 20 th Century Artists. A Biographical Dictionary, Grã-Bretanha: Chichester Press Limited, 1978.

VALE, Paulo. 2010. *Lourdes Castro – Prémio AICA-MC 2010*. Lisboa.

Periódicos

1955

“Desenho e Pintura. Lourdes Castro, artista de mérito vai expor no clube Funchalense”, in *Diário de Notícias*, Funchal, 21 Agosto, p. 3.

“No Clube Funchalense. Exposição de desenho e Pintura”, in *Eco do Funchal*, 22 Agosto p.1.

“No Clube Funchalense. Exposição de trabalhos de Lourdes Castro”, in *Diário de Notícias*, Funchal, 23 de Agosto, p. 1.

A., “Exposição de trabalhos de Lourdes Castro. Festival de Luz em ecletismo temático”, in *Diário de Notícias*, Funchal, 24 de Agosto, p. 1.

“A exposição no Clube Funchalense”, in *Diário de Notícias*, Funchal, 25 de Agosto, p. 1.

“No Clube Funchalense. Inauguração da exposição de trabalhos de desenhos e pintura da nável e talentosa artista madeirense Lourdes Castro”, in *Eco do Funchal*, 25 de Agosto, pp. 1 e 4.

No Clube Funchalense. A exposição Lourdes Castro”, in *Jornal da Madeira*, Funchal, 27 de Agosto, pp. 1 e 4.

No Clube Funchalense. Exposição Lourdes Castro, in *Jornal da Madeira*, Funchal, 27 Agosto, pp. 1 e 4.

“No Clube Funchalense. A exposição de desenhos e pintura da artista madeirense Lourdes Castro”, *Voz da Madeira*, Funchal, nº 118, 27 Agosto, pp. 1-8.

“Lourdes Castro. Exposição no Clube Funchalense”, in *Comércio do Funchal*, 28 Agosto, p. 4.

“Exposição de desenho e pintura de Lourdes Castro”, in *Eco do Funchal*, 4 de Setembro, p. 1

Jorge Freitas: “Exposição de Lourdes Castro no Clube Funchalense”, in *Vértice*, Coimbra, vol. XV, nº 145, Outubro, p. 597.

1956

Paes de Freitas, “Entre mestres e discípulos de Belas-Artes” (com entrevista a Lourdes Castro), in *Esfera*, Lisboa, Agosto, pp. 24-27, 39.

Roby Amorim, “Um a exposição discutida – problemas e anseios de sete jovens pintores” (com entrevista coletiva), in *Diário Ilustrado*, nº 16, Lisboa, 17 de Dezembro, pp. 8-12.

1957

Nuno de Bragança, “O olho português”, in *Encontro*, Lisboa, nº 10-11, Abril-Maio, pp. 10-11.

1958

João Alves das Neves, “Depois de sete meses em Munique, os pintores Lourdes Castro e René Bertholo vão trabalhar em Paris” (entrevista a Lourdes Castro), in *Diário Popular*, Lisboa, 2 Janeiro, pp. 7 e 11 (suplemento).

M. Gomes Ferreira, “Exposições”, in *Vértice*, Coimbra, vol XVIII, nº 174-175, Março-Abril, pp. 218-220.

1959

José-Augusto França, “La jeune peinture portugaise”, in *Art d’Aujourd’hui*, Paris, nº 24 Dezembro, pp. 26-27.

1962

José-Augusto França: “Sete pintores portugueses em Paris”, in *Colóquio*, Lisboa, nº 18, Maio, pp. 12-17.

“Pintores portugueses numa edição de arte” in *Jornal de Letras e Artes*, nº 60, 21 Novembro, p. 6.

1963

Rui Mário Gonçalves, “Uma tendência para a *imagerie* narrativa, jogando no plano do absurdo? Creio ser a única atitude figurativa original, hoje diz-nos José-Augusto França” (com entrevista a José-Augusto França), in *Jornal de Letras e Artes*, Lisboa, nº 78, 27 Março, p. 5.

“Quebrar o isolamento deve ser o objetivo essencial dos pintores portugueses – pensam Lourdes Castro e René Bertholo”, in *Jornal de Letras e Artes*, Lisboa, nº 96, 31 Julho, pp. 10 e 16.

José-Augusto França, “Balanço parisiense de 1963”, in *Colóquio*, Lisboa, nº 25, Outubro, pp. 32-40.

1964

José-Augusto França “L’autre vie des objects morts”, in *L’Art Aujourd’hui et Architecture*, Paris, nº 45, Abril, p. 35.

Sebastião Fonseca, “Retrato de Lourdes Castro”, in *Jornal de Letras e Artes*, Lisboa, nº 154, 9 Setembro, p. 16.

Fernando Pernes, “Das Artes Plásticas. Eurico Gonçalves, Lourdes Castro, René Bertholo”, in *Jornal de Letras e Artes*, Lisboa, nº 162, 4 Novembro, pp. 11-12.

Rui Mário Gonçalves, “Lourdes Castro e René Bertholo – Galeria Divulgação” in *Colóquio*, Lisboa, nº 31, Dezembro, pp. 39-40.

José- Augusto França, “A Pintura portuguesa e o mundo moderno”, in *O Tempo e o Modo*, Lisboa, nº 22, Dezembro , pp. 50-63.

1965

Pierre Restany, “Lourdes Castro ou a presença da ausência”, in *Jornal de Letras e Artes*, Lisboa, nº 194, 16 Junho.

Eurico Gonçalves, “Lourdes Castro”, in *Jornal de Letras e Artes*, Lisboa, nº 214, 3 Novembro, p. 7.

1966

Jean-Jacques Levêque, “L’objet”, in *La Galerie des Arts*, Paris, Maio.

“Actividade artística. Seis pintores portugueses de Paris”, in *Jornal de Letras e Artes*, nº 252, Lisboa, 14 Setembro, p.13.

“Actividade artística. Na Galeria “Buchholz””, in *Jornal de Letras e Artes*, nº 253, Lisboa, 21 Setembro , p. 9.

- “Seis pintores portugueses de Paris expõem em Lisboa” (com depoimento de Maria Helena Vieira da Silva), in *Diário Popular*, Lisboa, 20 Outubro, p. 1.
- Alfredo Marques, “Pintores Portugueses de Paris numa exposição em Lisboa”, in *Diário Popular*, Lisboa, 20 Outubro, pp. 1-5 (suplemento).
- Francisco Bronze, “O salão de Verão na Sociedade Nacional de Belas Artes”, in *Colóquio*, Lisboa, Lisboa, nº 45, Outubro.
- Nelson Di Maggio, “Abertura da temporada: seis pintores portugueses de Paris”, in *Jornal de Letras e Artes*, Lisboa, nº255, Outubro, pp. 16-17.
- Nelson Di Maggio, “Artes Plásticas. Do Neo-Barroco na arte contemporânea – Seis pintores portugueses de Paris (Galeria Buchholz)”, in *Jornal de Letras e Artes*, Lisboa, nº 256, 16 Novembro, p. 4.
- “The other realities – Bertholo an Lourdes Castro” (reprodução de obra de René Bertholo), in *Art Illustrated*, London, Dezembro, p. 20.
- Fernando Pernes, “Exposições – Seis pintores portugueses de Paris”, in *Colóquio*, Lisboa, nº 41, dezembro, pp. 68-70.
- Mário D. Soares, “Artes Plásticas. Seis pintores portugueses em Paris. Galeria Buchholz”, in *A Esfera*, Lisboa, nº 38, Dezembro, p. 9.

1967

- Gérald Gassior-Talabot, “Schèmes 66 et jeune peinture 67: un accès de Fèvre”, in *Aujourd’hui Arte t Architecture*, Paris, nº 55/56, Janeiro.
- “Castro e Bertholo”, in *Domus*, Milão, nº 452, Julho.
- José-Augusto França, “A 6ª Bienal de San Marino”, in *Colóquio*, Lisboa nº 46, Dezembro.
- “Actividade das galerias”, in *Jornal de Letras e Artes*, Lisboa, nº 258, Dezembro, p. 35.

1968

- Julien Alvard, “Peinture fraîche à Paris”, in *Art International*, Lugano, vol. XII/2, Fevereiro, pp. 63-70.
- Raymond Cognait, “Artistes portugais exposés à Paris”, in *Colóquio*, Lisboa, nº 47, Fevereiro.
- “Galeria quadrante”, in *Jornal de Letras e Artes*, Lisboa, nº 259, Março, p. 28.

Pierre Restany, “A Parigi: Le “ombre portate” di Lourdes Castro. Lourdes Castro: La memorie du vie”, in *Domus*, Milão n.º 462, Maio, pp.41-43.

“Qui êtes vous Lourdes Castro”, in *Daily-Bul*, Paris, Novembro.

1969

H. D., Les réalisations. Un appartement classique rajeuni par David Hicks”, in *Connaissance des Arts*, Paris, n.º 206, Abril.

1970

Francisco Bronze, “Carta de Lisboa”, in *Colóquio*, Lisboa, n.º 61, Dezembro, pp. 40-47.

1971

Rui Mário Gonçalves, “O Prémio Soquil – 1971”, in *Colóquio Artes*, Lisboa, n.º 4, Outubro, pp. 66-68.

Dietrich Mahlow, Lourdes Castro ou le choc de la fascination” in *Colóquio Artes*, Lisboa, n.º 5, Dezembro, pp. 4-13.

1972

Pierre Faveton, “Place aux plastiques”, in *Connaissance des Arts*, Paris, n.º 231, Janeiro, pp. 50-57, 102-103.

José-Augusto França, “A 36ª Bienal de Veneza”, in *Colóquio-Artes*, Lisboa, n.º 9, outubro, pp.43-44.

1973

Mário Barata, “Carta do rio de Janeiro”, in *Colóquio-Artes*, Lisboa, n.º 11, Fevereiro, pp. 61-63.

Rui Mário Gonçalves, “Lisboa e Porto”, in *Colóquio-Artes*, Lisboa, n.º 14, Outubro, pp. 36-40.

Mário Barata, “Carta do Rio de Janeiro”, in *Colóquio-Artes*, Lisboa, n.º 15, Dezembro, pp.66-67.

1974

Lourdes Castro , in *Stereo Headphones*, Oxford, n.º 6.

1975

Lourdes Castro, “Quarenta e cinco minutos de sombra” in *Colóquio-Artes*, Lisboa, n.º 21, Fevereiro, p. 65.

José-Augusto França: “Lourdes e as sombras”, in *Jornal Novo*, Lisboa, 14 Julho (reeditado in *Quinhentos Folhetins*, Vol. 1, Lisboa INCM, 1984, pp. 243-245).

1977

José-Augusto França, “o Objeto operatório”, in *Colóquio-Artes*, Lisboa, n.º 2, Abril.

1978

Fernando Pernes, “Carta do Porto, De Cruz Filipe a Augusto Gomes”, in *Colóquio- Artes*, Lisboa, n.º 36, Março, pp. 66-68.

Otto Hahn, “Galerie Jean Briance, Paris”, in *L'Express*, Paris, 24 Abril (reeditado in catálogo Lourdes Castro, “*Além da Sombra*”, Lisboa, F.C.G.-CAM, 20 Julho a 6 Setembro 1992).

Pierre Cabanne, “La montreuse d’ombres”, in *Le Matin* (Abril); (reeditado in catálogo Lourdes Castro, “*Além da sombra*”, Lisboa, F.C.G.-CAM, 20 Julho a 6 Setembro 1992).

Simone Frigerio, “Lettre de Paris (1)”, in *Colóquio-Artes*, Lisboa, n.º 37, Junho, pp.63-65.

Sylvain Lecombe, “Lettre de Paris (2)”, in *Colóquio-Artes*, Lisboa, n.º 37, Junho, pp. 66-67.

Jonathan Benthall, “Lettre from London. “Portuguese Art Since 1910”” in *Colóquio-Artes*, Lisboa, n.º 37, Junho, pp. 62- 63.

1979

“Rui Mário Gonçalves, “Carta de Lisboa II”, in *Colóquio-Artes*, Lisboa, n.º 41, Junho, p. 60-62.

Eurico Gonçalves, “Lourdes Castro. A apropriação do real através do desenho e do recorte”, in *Diário-Popular*, Lisboa 5 Julho, p. I (suplemento Letras e Artes); (reeditado extrato in Catálogo Lourdes Castro, “Além da Sombra”, Lisboa, F:C:G:-CAM, 20Julho a 6 Setembro 1992).

Fernando Lemos, “Carta de São Paulo. AXV Bienal”, in *Colóquio-Artes*, Lisboa, n.º 43, Dezembro, pp. 58-60.

1980

Maurício Fernandes, “Artes Plásticas: Um pouco de tudo”, in *Diário de Notícias*, Funchal, 1 Janeiro, p. 13.

“Artes Plásticas. Debate sobre recentes exposições efectuadas na Madeira”, in *Diário de Notícias*, Funchal, 18 Janeiro, p. 7.

“Regional. Encerramento da “Exposição Sombras” de Lourdes de Castro”, in *Diário de Notícias*, Funchal, 23 Janeiro, p. 1.

1982

Daniel Ribeiro, “Lourdes Castro: uma mulher que brilha nas sombras”, (com entrevista a Lourdes Castro), in *Jornal de Letras Artes e Ideias*, Lisboa, nº 26, pp. 20-21.

1983

Alexandre Pomar, “Exposições . Pintores de Paris, in *Expresso* (Cartaz), Lisboa, 26 Fevereiro, p. 5-R.

Alexandre Pomar, “Exposições. Pintores de Paris, in *Expresso* (Cartaz), Lisboa, 5 Março, p. 5-R.

Alexandre Pomar, “Exposições . Pintores de Paris, in *Expresso* (Cartaz), Lisboa, 12 Março, p. 5-R.

Maria Anahory Vasconcelos, “Entrevista a Lourdes Castro: o regresso à ilha”, in *Expresso* (Revista), Lisboa, 15 Outubro, pp. 35-38.

1984

António Rodrigues, “Inquérito: Oito pintores de hoje em confronto com um símbolo” (com declaração de Lourdes Castro “Lourdes Castro: com Almada todos os dias se começa”), in *Expresso* (Revista), Lisboa, 8 Setembro, pp. 24-25.

1985

José-Augusto França, “Diálogo em Lisboa” in *Colóquio-Artes*, Lisboa, nº 65, Junho, pp. 5-15.

Rui Mário Gonçalves, “Carta de Lisboa – Re-situar. Redefinir. Revitalizar” in *Colóquio-Artes*, Lisboa, nº 67, Dezembro, pp. 65-67.

1987

Inês Pedrosa, “Lourdes Castro: “o mar é muito maior que Paris”” (com entrevista a Lourdes Castro), in *Jornal de Letras Artes e Ideias*, Lisboa, nº 274, 3 Outubro, pp. 16-17.

1989

José-Augusto França, “O Artista do mês. “L’artiste du moi”. Paris, 1984-1987”, in *Colóquio-Artes*, Lisboa, nº 82, Setembro, pp. 5-11.

1990

Rui Mário Gonçalves, “Vanguardas das artes plásticas”, in *Vértice*, Coimbra, nº 26, Maio, pp. 45-49.

1991

Luísa Soares de Oliveira, “David de Almeida e Lourdes Castro. Pintura e instalação”, in *Expresso* (Cartaz), Lisboa, 29 Março.

Isabel Fragoso, “Lourdes Castro, na vida como na vida” (entrevista a Lourdes Castro), in *Jornal de Letras Artes e Ideias*, Lisboa, 18 Junho, pp.24-25.

1992

- Leonor Nazaré, “Lourdes Castro.111. Ratton Cerâmica”, in *Expresso* (cartaz), Lisboa, 4 Julho, p. 22.
- Alexandre Pomar, “Lourdes Castro, 11, Ratton Cerâmica. Tapeçarias do Portoalegre”, in *Expresso* (Cartaz), Lisboa, 11 Julho, pp. 23-24.
- João Pinheranda, “Lourdes Castro. A outra metade das coisas”, in *Público* (Fim de Semana), Lisboa, 17 Julho, pp. 8-9.
- A.P. (Alexandre Pomar), “Eu não estava presa a nada” (com entrevista a Lourdes Castro), in *Público* (Fim de Semana), Lisboa, 17 Julho, pp. 9-10.
- L.S.O. (Luísa Soares Oliviera). “Lourdes Castro. Exposição antológica”, in *Público* (Fim de Semana), 24 Julho, p.23.
- Isabel Carlos, “Exposição. Sombra e Flores”, in *Expresso* (Revista), Lisboa, 25 Julho, pp. 42-43-R.
- C.A.T. (Cristina Azevedo Tavares), “As sombras na obra de Lourdes Castro”, in *Jornal de Letras Artes e ideias*, Lisboa, nº 525, 28 Julho a 3 Agosto.
- Rocha de Sousa, “Lourdes Castro – Entre silhuetas, o chocolate de outrora” in *Jornal de Letras Artes e Ideias*, Lisboa, nº 526, 4-10 Agosto.
- João Pinharanda, “Lourdes Castro”, in *Público* (Fim de Semana), 7 Agosto.
- João Miguel Fernandes Jorge, “Sentir o olhar. Lourdes Castro”, in *O Independente*, Lisboa, 14 Agosto, p. 30.
- João Pinharanda, “Lourdes Castro. Fundação Gulbenkian e Ratton Cerâmica.”, in *Expresso* (Cartaz), Lisboa, 15 Agosto, p. 17.
- Alexandra Pomar, “Lourdes Castro. Fundação Gulbenkian e Ratton Cerâmica.”, in *Expresso* (Cartaz), Lisboa, 22 Agosto, p. 18.
- José Luís Porfírio, “Exposições. A soma das sombras (Lourdes Castro. Fundação Gulbenkian), in *Expresso* (Cartaz), Lisboa, 22 Agosto, p. 20.
- Daniel Ribeiro, “Lourdes Castro e Manuel Zimbro na “Linha do Horizonte” do Centro Pompidou”, in *Jornal de Letras Artes e Ideias*, Lisboa, nº 46, 23 Novembro.
- “Lourdes Castro. Retrospectiva”, in *O Público*, Lisboa, 4 Dezembro.

Cristina Azevedo Tavares, “Carta de Lisboa. Lourdes Castro e José Barrias”, in *Colóquio-Artes*, Lisboa, nº 95, Dezembro, pp. 64-65.

1993

João Pinharanda, “Lourdes Castro, “Além da Sombra”. Retospectiva, in *O Público*, Lisboa, 1 Janeiro.

José-Augusto França, “sobre os anos 50 portugueses”, in *Colóquio-Artes*, Lisboa, nº 96, Março, pp. 12-22.

José-Augusto França, “Pintura-Escultura, anos 60&70”, in *Colóquio-Artes*, Lisboa, nº 99, Dezembro, pp. 22-23.

1995

João Pinharanda, “À sombra de Lourdes Castro”, in *Público*, Lisboa, 14 Outubro.

1998

José Luís Porfírio, “Exposições – Azulejos da Madeira e do mundo. Na casa-museu de um grande colecionador no Funchal”. Casa-Museu Frederico de Freitas. Lourdes Castro, in *Expresso (Cartaz)*, 8 Outubro, p. 18.

2000

Lúcia Soares de Oliveira, “No Museu Malhoa, Caldas da Rainha- quando o desenho sai das normas”, in *Público*, Lisboa, 14 Janeiro, p. 25.

Lúcia Marques, “In(ter)disciplinas. Derivas, limites, fronteiras, experiências do desenho”, in *Expresso (Cartaz)*, Lisboa, 22 Janeiro, p. 15.

Lúcia Marques, “In(ter)disciplinas. Derivas, limites, fronteiras, experiências do desenho. A indisciplina do desenho, Museu José Malhoa, Caldas da Rainha””, in *Expresso (Cartaz)*, Lisboa, 12 Março, p. 15.

FARIA, Oscar (2010). “Lourdes Castro: A minha pintura é esta: o viver, o estar cá”. *Público*, suplemento *Ípsilon*, Lisboa, 03 de Março, s/p.

Bibliografia

MENDONÇA, José Tolentino (2011). “Santa Lourdes Castro”, *Diário de Notícias – Madeira, Revista Mais*, Funchal, 31 de Janeiro, p. 24.

Filmografia

José Maria Bersosa (realização), Lourdes Castro de Madère, Paris: Télévision Française-Antenne 2, 1978, 30 m.

João Matos Silva (realização), Imaginações da matéria: teatro de sombras, Lourdes Castro e Manuel Zimbro, Lisboa RTP, 1979.

Exposições: Lourdes Castro e John Coplans, Lisboa: Zebra, 1992 (um programa de Isabel Colaço e Alexandre Melo).

Teresa Vaz da Silva (realização /produção ?): Teatro de Sombras de Lourdes Castro e Manuel Zimbro, Lisboa: F.C.G. - C.A.M., s/d.

Manuel Pires (realização, Teatro de Sombras, s/d).

Catarina Mourão, *Lourdes Castro Pelas Sombras*, Lisboa, 2010, 83 m.

Índice de imagens

Figura 1 : Imagem da página de rosto: Lourdes Castro; autor não identificado (sem data)	1
Figura 2 : José Escada – Retrato de Lourdes de Castro, 1952	10
Figura 3 : Sombras de Lourdes e René projectadas na parede. 1964	40
Figura 4 : Sombra projectada de Christo. 1964	41
Figura 5 : Sombra projectada de René Bérhtolo. 1964	42
Figura 6 : Sombra projectada da minha mãe. 1964	43
Figura 7 : Branco e branco. Serigrafia sobre <i>plexiglas</i> . 1966	44
Figura 8 : Rosa fluo. serigrafia sobre <i>plexiglas</i> . 1968	45
Figura 9 : Sombras deitadas. 1972	46
Figura 10 : Sombra deitada de Umberto Spínola. 1971	47
Figura 11 : Teatro de Sombras. Linha do Horizonte, 1981	48
Figura 12 : Teatro de Sombras. Les Ombres, 1975	49
Figura 13 : Avessos encadeados	50
Figura 14 : Ombre portée orange fluo	51
Figura 15: Rosa. Papel heliográfico, 1972	52
Figura 16 : Trombeteira. 1972	53
Figura 17 : Salsa. 1980	54
Figura 18 : Malmequeres. 1980	55
Figura 19 : Montanha de flores iniciada em 1988	56
Figura 20 : Sem título. Pintura sobre <i>plexiglas</i> , 1985	86
Figura 21 : Sem título. Pintura sobre <i>plexiglas</i> , 1985	87
Figura 22 : Sem título. Pintura sobre <i>plexiglas</i> , 1985	88
Figura 23 : Sem título. Pintura sobre <i>plexiglas</i> , 1985	89
Figura 24: Sem título. Pintura sobre <i>Plexiglas</i> , 1985	90
Figura 25 : Sem título. Pintura sobre <i>Plexiglas</i> . 1985	91
Figura 26 : Foto: Monica Hasse, Berlim. 1975	92
Figura 27 : “Sombras de flores da Madeira”. 1985	96
Figura 28 : “Sombras de flores da Madeira”. 1985	97
Figura 29 : “Sombras de flores da Madeira”. 1985	98
Figura 30 : “Ombre d’Aralia”. 1973. Serigrafia (Michel Gaza-França)	101

Anexo

DATA/TÍTULO	SUPORTE	AUTORES/TEXTOS	TEMA	ORIGEM TEXTO/CITAÇÃO	DATA	REFERENCIAS	PÁGINA
1970							
LOURDES CASTRO	Brochura da exposição na 111	HELDER MACEDO	"Para as sombras de Lourdes Castro"			1ª referência	3
		JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA	Sem Título				5 e 7
		LOURDES CASTRO	Sem título (Sombras deitadas)			1ª publicação	9
1980							
"SOMBRAS"	Calendário	GOETHE	"O Tratado das cores"	"album de família" nº XIII			Janeiro
		ANTÓNIO JOSÉ DA SILVA	"O Labirinto de Creta"	"album de família" nº IV	1736		Fevereiro
		PLINIO	Citação	"album de família" nº XVI			Março
		LOURDES CASTRO	Sem título (sombras deitadas)	Paris	1969	repulicado em catálogo da 111, em 1970	Abril
		LOURDES CASTRO	"O grande herbário de sombras"		1973	1ª publicação?	Maio
		JOSÉ CARDOSO PIRES	"O Delfim"	"album de família" nº VII	1968		Junho
		P. COUDERC	"Os Eclipses"	"album de família" nº III			Julho
		Sem referencia ao autor	"A luz um objecto e a sombra"	"album de família" nº XVI			Setembro
		PHILIPPE DE CHAMPAIGNE	"Conferência sobre as sombras"	"album de família" nº XIV	1970, 7 junho		Outubro
		JOSÉ DE ALMADA NEGREIROS	"A sombra sou eu"	"album de família" nº X	1971		Novembro
			Legenda d'um relógio de Sol	"album de família" nº I			Dezembro
1985							
Atlântico	Revista nº 4	LOURDES CASTRO	Sombras de flores da Madeira		1985	1ª publicação	279 a 284
1985							
Diálogo sobre arte contemporânea	Catálogo/revista	LOURDES CASTRO	Sem Título			1ª publicação	27
		CHARLES BAUDELAIRE	citação			1ª publicação?	28
		MANUEL ZIMBRO	"Da espessura das sombras"			1ª publicação?	28
		MANUEL ZIMBRO	"ATRÁS do pano"			1ª publicação?	28 e 29
		MANUEL ZIMBRO	"À FRENTE do pano"			1ª publicação?	29
		MANUEL ZIMBRO	"A MEIO do pano"			1ª publicação?	29
		MANUEL ZIMBRO	"Pôr em sombra"			1ª publicação?	30 e 32
1989							
Bienal Internacional de São Paulo 18	Catálogo	Sem referencia ao autor	texto introdutório				3
		CHARLES BAUDELAIRE	citação	Diálogo sobre arte contemporânea			19
		MANUEL ZIMBRO	"Da espessura das sombras"	Diálogo sobre arte contemporânea			19

		MANUEL ZIMBRO	“ATRÁS do pano”	Diálogo sobre arte contemporânea			19
		MANUEL ZIMBRO	“À FRENTE do pano”	Diálogo sobre arte contemporânea			19
		MANUEL ZIMBRO	“A MEIO do pano”	Diálogo sobre arte contemporânea			19
		MANUEL ZIMBRO	“Pôr em sombra”	Diálogo sobre arte contemporânea			20
1992							
LOURDES CASTRO	Brochura da exposição na 111	FERNANDO PESSOA	Citação		1920		
(pratas)		CONSTANTINI BRANCUSI	Citação	“album de família” nº V			
1992							
LOURDES CASTRO		sem autor	Citação	“album de família” nº XVIII			4
“Além da Sombra”	Catálogo	LAO TSEU	Citação	“album de família” nº IX		Tao-Te-King, 28	8
		ADALBERT VON CHAMISSO	Citação	“album de família” nº I			
		ADELBERT VON CHAMISSO	Citação	“album de família” nº I			10
		JOSÉ SOMMER RIBEIRO	“Apresentação”		1992, julho	1ª publicação	13
		HERACLITO	Citação				14
		MANUEL ZIMBRO	“A sombra da flecha”	“Quinta do Monte” Funchal	1992, maio	1ª publicação	14 a 20
		sem autor	Citação	“album de família” nº I			23
		GENEVIÈVE MORGAN	Sem título	Paris			23
		ALBERT GIACOMETI	Citação	“album de família” nº V		Artigo de “Labyrinthe” Jan. 1945	24
		sem autor	Citação	“album de família” nº V			25
		FERNANDO PESSOA	Citação	“album de família” nº III		“Iniciação”	25
		sem autor (proverbio chinês)	Citação	“album de família” nº XV			25
		ALMEIDA FARIA	“O Anjo à janela”				27
		VICTOR HUGO	Citação	“album de família” nº XIX		“Les quatre vents de l’esprit”	28
		MARCEL DUCHAMP	Citação	“album de família” nº IV		“Marchand du sel”	30
		MJOHANNES KEPLER	Citação	“album de família” nº X			
		JOÃO COUTO	Sem título	1ª Exposição Individual	1955		33
		JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA	Sem título	Paris	1963	1ª publicação?	34
		RB. FILLIOU	Sem Título	Paris	1963		35
		PIERRE RESTANY	“LC: A presença da Ausência”	Paris	1965, 7 maio		36 a 38
		JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA	Sem Título	Exposições Lisboa, Munique e Baden	1964,65,66		38
		ERNEST PIROTTE	Sem Título				39

	PIERRE RESTANY	“La Memoire du Vide”			1ª publicação?	40
	A. BRETON	Citação	“album de família” nº X		“l’amour fou”	41
	sem autor	Citação	“album de família” nº X			42
	MARIA HELENA DE FREITAS	“O duplo do Mundo”			1ª referência	45 a 47
	ALEJO CARPENTIER	Citação	“album de família” nº XVI		“el Harpa e la sombra”	48
	PHILIPPE DE CHAMPAIGNE	Citação	“album de família” nº XIV		Conferência sobre as sombras 1970	48
	LOURDES CASTRO	“Serigrafias”			1ª referência	50
	PIERRE BOURGADE	Citação	“album de família” nº X		“Entretien avec Man Ray”	50
	LOURDES CASTRO (1963)	“Sombras projectadas e contornos”		1963		51
	ALAIN ROBBE-GRILLET	Citação	“album de família” nº III		“Idées”	51
	LOURDES CASTRO	“Sombras em plexiglas”	Paris	1966		53
	LOURDES CASTRO	Citação	“album de família” nº III			53
	LOURDES CASTRO (1969)	“Sombras deitadas”	Paris	1969	republicação - Catálogo 111, 1970	54
	RAYMOND ROUSSEL	Citação	“album de família” nº V		“La Vue”	54
	LOURDES CASTRO (1973)	“O Grande herbário de sombras”		1973	republicação - calendário 1980	55
	APOLLINAIRE	Citação	“album de família” nº VII			55
	LOURDES CASTRO	“Teatro de Sombras”	“Diálogo sobre arte contemporânea (teatro, performance,música)”, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian	1985	por indicação em “indisciplina do desenho”	56
	ANTÓNIO JOSÉ DA SILVA	Citação	“album de família” nº IV		“O Labirinto de Creta” (O Judeo)	56
	GOETHE	Citação	“album de família” nº XIII		“Die Farbenlehre”	57
	LOURDES CASTRO	Sombras à volta de um Centro	(“desenhos”)	1984, 29 dezembro		58
	LOURDES CASTRO	Sem título		1980		58
	NIETZSCHE	Citação	“album de família” nº V		“Ecce Homo”	58
	LEONARDO DA VINCI	Citação	“album de família” nº I		“La peinture” - André Chastel	61
	J. L. BORGES	Citação	“album de família” nº VIII			62
	PLATÃO	Citação	“album de família” nº V		“A República” (Alegoria da Caverna)	64
	PIERRE ROUSSEAU	Citação	“album de família” nº XIII		“La lumière”	67
	LAO TSEU	Citação	“album de família” nº III		“Tao the King”	68
	PIERRE ALBERT-BIROT	Citação	“album de família” nº XIV		“La joie des sept couleurs”	70
	LAROUSSE	Citação	“album de família” nº I			73

	IMER PAN	“Os artistas contemporâneos”	“Morphèmes”	1965		75
	N. HALPÉRIN SPIRER	Citação	“album de família” nº XX		“L’ombre”	77
	EMILE BERNARD	Citação	“album de família” nº XV		“Quelques opinions de Cézanne”	78
	OTTO HAHN	Sem Título	Paris, L’EXPRESS	1978, 24 abril		79
	VERRIER ELVIN	Citação	“album de família” nº X		“Les Maisons des jeunes chez les Muria”	80
	PLINIO IL VECCHIO	Citação	“album de família” nº I		“Historia Naturalis”	82
	ALAIN ROBBE-GRILLET	Citação	“album de família” nº VII			83
	ÁLVARO DE CAMPOS	Citação	“album de família” nº VII		“Poesias”	84
	BASHÔ	Citação	“album de família” nº XIX			
	EURICO GONÇALVES	“LC: A apropriação do real através do desenho e do recorte	Extracto		1ª publicação?	86
	MAN RAY	Citação	“album de família” nº X		“auto portrait”	87
	GOETHE	Citação	“album de família” nº XI			89
	T. C. McLUHAM	Citação	“album de família” nº XVI		“Pieds nus sur la terre sacrée”	90
	DIETRICH MAHLOW	LC ou o choque da fascinação				92
	L. FONTANA	Citação	“album de família” nº XXI	1948		93
	ANTONIO PORCHIA	Citação	“album de família” nº XVII		“Voix”	93
	TAISEN DESHIMARU	Citação	“album de família” nº XIX		“La pratique du Zen”	94
	TANIZAKI JUNICHIRO	Citação	“album de família” nº XV		“Eloge de L’ombre”	95
	HELDER MACEDO	“Para as sombras da Lourdes Castro”	“Poesia 1957-1968”		repulicação - Catálogo 111, 1970	97
	sem autor	Citação	“album de família” nº XVI	1911	“Pies nus sur la terre sacrée”	98
	ANDRÉ MALRAUX	Citação	“album de família” nº XIII		“L’Irriél”	101
	HEBERTO HELDER	Citação	“album de família” nº IX		A imagem Expansiva “Retrato em Movimento”	102
	LI PO	Citação	“album de família” nº V		“Libation solitaire au claire de lune”	103
	PIERRE CABANNE	“La Montreuse d’ombres”	Le Matin	1978		104
	sem autor	Citação	“album de família” nº XV			104
	ALAN WATTS	Citação	“album de família” nº X		“Amour e connaissance”	105
	BUSON	Citação	“album de família” nº XIX			106
	J.W. GOETHE	Citação sobre flores	“As metamorfoses das plantas”			107
	BASHÔ	Citação	“album de família” nº XIX			107
	SYLVAIN LECOMBRE	“Um traço e é tudo”	Paris, Exposição Galerie Jean Briance	1978, abril		108

Lourdes Castro: bibliografia ativa

José Alexandre Camacho de Caires

		LOURDES CASTRO (1973)	“O Grande herbário de sombras”		1973	republicação - calendário / Além da sombra, pag 55	
		LOURDES CASTRO	“Sombras à vlt de um centro”	“Desenhos”	1984, 29 dezembro	republicação - Além da Sombra, pag 58	
		MIGUEL WANDSCHNEIDER	Sem título	(Texto original, construído com citações de “Além da Sombra”.		1ª publicação	28 a 31
1999, 11 a 16 fevereiro 1999							
Sobre Sombras	Boletim da Porta 33 na ARCO 99	JOÃO FERNANDES	Lourdes Castro : uma sombra é uma sombra é uma sombra...			repulicado em catálogo da XXIV Bienal de São Paulo- Portugal em 1998	1
		MANUEL ZIMBRO	“A sombra da flecha”	“Quinta do Monte” Funchal	1992, maio	republicação - Além da Sombra, pag 14-20	3 e 4
		PIERRE RESTANY	“La Memoire du Vide”			republicação - Além da Sombra, pag 40	6
		MARIA HELENA DE FREITAS	“O duplo do Mundo”			republicação - Além da Sombra, pag 45-47	7
		PIERRE CABANNE	“La Montreuse d’ombres”	Le Matin	1978	republicação - Além da Sombra, pag 104	8
		JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA	Sem título	Exposições Lisboa, Munique e Baden	1964,65,66	republicação - Além da Sombra, pag 38	8
1999, 11 a 16 fevereiro 1999							
LOURDES CASTRO	Brochura, Porta 33, ARCO 99	OTTO HAHN	Sem Título	Paris, L'EXPRESS	1978, 24 abril	republicação - Além da Sombra, pag 79	2
		LOURDES CASTRO	Sem título (tapeçarias)				3
		LOURDES CASTRO	Sem título		1966		4
1999/2000							
Azul sombra (azulejo)	catálogo - brochura (CMFF)	CONSTANTINI BRANCUSI	citação				5
		RAFAEL SALINAS CALADO	LC e a arte de saber mostrar a vida			1ª publicação	6
		KRISHNAMURTI	citação				8
		MANUEL ZIMBRO	“Quinta do Monte”		1985, junho	1ª publicação?	9
		MANUEL ZIMBRO	Tamanho Real			1ª publicação?	10
		JOSÉ LUÍS PORFÍRIO	Prosas curtas:				
			Azulejo			1ª publicação	15
			Fresco			1ª publicação	18
			Lugares			1ª publicação	19
			Lourdes			1ª publicação	20
			Memória			1ª publicação	21

			Presença			1ª publicação	22
			Sombra			1ª publicação	23
2001, 19 de maio							
DNa	Revista do Diário de Notícias	Sem referencia ao entrevistador	Entrevista a Lourdes Castro				14 a 19
"Luz na Sombra"							
2001							
KWY Paris 1958-1968	Catálogo	WIM BEEREN	Citação de uma carta		1999, 18 dezembro		163
	Parte que se refere exclusivamente à obra de Lourdes Castro	MANUEL ZIMBRO	"Uma entrevista com LC"			1ª publicação?	163 a 166
		MANUEL ZIMBRO	"Além da Sombra"			1ª publicação?	166
		MANUEL ZIMBRO	"A sombra da flecha"	"Quinta do Monte" Funchal	1992, maio	republicação - Além da Sombra, pag 14-20	167
1975/2002							
GRAND HERBIER D'OMBRES	LIVRO/catálogo - capa mole	HERBERTO HELDER	Citação sobre flores				9
		LOURDES CASTRO	Texto explicativo		1973	republicação - calendário	11
		LOURDES CASTRO	Texto explicativo		2002		11
2003							
Sombras à volta de um centro	Catálogo	JOÃO FERNANDES	"À volta de"			1ª publicação	7
1ª Edição		MANUEL ZIMBRO	Sem título			1ª publicação?	13
		MANUEL ZIMBRO	"base de mundo"	Breve citação de Lourdes castro		1ª publicação?	14
		MANUEL ZIMBRO	"				16
		MANUEL ZIMBRO	"				22
		MANUEL ZIMBRO	Citação de Matisse			1ª publicação?	24
		MANUEL ZIMBRO	"				28
		MANUEL ZIMBRO	"				30
		MANUEL ZIMBRO	"				32 e 33
		MANUEL ZIMBRO	"				38
		MANUEL ZIMBRO	"				40
		MANUEL ZIMBRO	"				46

		MANUEL ZIMBRO	"				48	
		MANUEL ZIMBRO	"				50	
		MANUEL ZIMBRO	"				52	
		MANUEL ZIMBRO	"				54	
		MANUEL ZIMBRO	"				56	
		MANUEL ZIMBRO	"			1ª publicação?	60	
		MANUEL ZIMBRO	texto sobre (parte da) obra "coisas de nada"				62 e 63	
		MANUEL ZIMBRO	"				64	
		MANUEL ZIMBRO	"				68	
		MANUEL ZIMBRO	"				70	
		MANUEL ZIMBRO	"				72	
		MANUEL ZIMBRO	"				74	
		MANUEL ZIMBRO	"				76	
		MANUEL ZIMBRO	"				78	
		MANUEL ZIMBRO	"				80	
		MANUEL ZIMBRO	"				88	
		MANUEL ZIMBRO	"				90	
		MANUEL ZIMBRO	"				92	
		MANUEL ZIMBRO	"				98	
		MANUEL ZIMBRO	"				100	
		MANUEL ZIMBRO	"apoio de base"			1ª publicação?	102	
		MANUEL ZIMBRO	"				104	
		MANUEL ZIMBRO	"				106	
		MANUEL ZIMBRO	"				110	
		MANUEL ZIMBRO	"				112	
		MANUEL ZIMBRO	"	Madeira	2001, 9 setembro	1ª publicação?	114	
		JOÃO LIMA PINHARANDA	"Fora do Centro/Fora do Corpo"	Lisboa	2002, 8 dezembro	1ª publicação?	135 a 137	
2005	Catálogo	NOTA:						
Sombras à volta de um centro		Edição igual à anterior com a excepção de não incluir o texto final de João Lima Pinharanda						
2ª Edição								

2005	catálogo	JOSÉ SOMMER RIBEIRO	texto introdutório	Lisboa	2005, abril	1ª publicação	5
À sombra		SYLVAIN LECOMBRE	“Um traço e é tudo”	Paris, Exposição Galerie Jean Briance	1978, abril		12
		MIGUEL WANDSCHNEIDER	Sem título	“Colóquio Artes” nº 37 (Texto original, construído com citações de “Além da Sombra”).	1978, junho	republicação - Além da Sombra, pag 108 republicação - Indisciplina do desenho, pag 28 a 31	40
		GUY BRETT (2003)	Sombras à volta de um centro		2003, 3 dezembro		59
				publicado em ANAMNESE, em http://www.anamnese.pt/index1.html#ini			
2005							
A história fabulosa de Peter Schlemihl	Livro	LOURDES CASTRO	Sem Título	Paris e Madeira	1966 e 2004	1ª publicação?	7
2006	Catálogo/Brochura	LOURDES CASTRO	Sem título		2006	1ª publicação	7
A Praia Formosa							
2010							
SERRALVES	Brochura da exposição	LOURDES CASTRO	Citação				1
		MANUEL ZIMBRO	Citação				1
		JOÃO FERNANDES	Texto elaborado a partir de vários textos dos artistas	Texto apresentação		1ª publicação	2 e 3
2010, 26 de março							
SERRALVES	Suplemento Diário O Público	Sem referencia ao autor	Notícia da exposição, com referência ao texto de João Fernandes			1ª publicação	2 e 3
2010, 18 maio							
Prémio AICA-MC 2010	Texto explicativo	PAULO PIRES DO VALE	“LC - Prémio AICA-MC 2012”			1ª publicação	

2010							
À luz da Sombra	Catálogo	JOÃO FERNANDES	Agradecimentos			1ª publicação	11 a 13
		JOÃO FERNANDES	Lourdes Castro e Manuel Zimbros: A Sombra e a luz			1ª publicação	15 a 17
		GUY BRETT	“Um conto de duas cidades”			1ª publicação	19 a 25
		LOURDES CASTRO	“KWY”			1ª publicação?	27
		LOURDES CASTRO	“Objectos”	1961			31
		LOURDES CASTRO	“A serigrafia”			republicação - Além da Sombra, pag 50	37
		LOURDES CASTRO	“Sombras projectadas e contornos”	1963		republicação - Além da Sombra, pag 51	41
		LOURDES CASTRO	“Álbum de família”			republicação - Além da Sombra, pag 126	47
		ADELBERT VON CHAMISSO	Citação	“album de família” nº I		republicação - Além da Sombra, pag 10	47
		LOURDES CASTRO	“Sombras em plexiglas”	Paris	1966	republicação - Além da Sombra, pag 53	53
		LOURDES CASTRO (1969)	“Sombras deitadas”	Paris	1969	repulicado em catálogo da 111, em 1970	59
						2ª republicação - Além da Sombra, pag 54	
		LOURDES CASTRO	“Teatro de Sombras”	“Diálogo sobre arte contemporânea (teatro, performance,música), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian	1985	republicação - Além da Sombra, pag 56	65
		MANUEL ZIMBRO	“Pôr em sombra”			republicação - Além da Sombra, pag 115	66
		MANUEL ZIMBRO	“Da espessura das sombras”			republicação - Além da Sombra, pag 112	67
		MANUEL ZIMBRO	“ATRÁS do pano”			republicação - Além da Sombra, pag 113	67
		MANUEL ZIMBRO	“À FRENTE do pano”			republicação - Além da Sombra, pag 113	67
		MANUEL ZIMBRO	“A MEIO do pano”			republicação - Além da Sombra, pag 113	69
		LOURDES CASTRO	Sem Título	“Praia Formosa”	2006	repulicadção - A Praia Formosa, pag 7	85
		LOURDES CASTRO	Sem Título (Livros bordados)	“Stereo Headphones”, Oxford, nº6	1964	republicação - Além da Sombra, pag 111	89
		LOURDES CASTRO	Texto explicativo		1973	republicação - calendário 1980	95
						republicado - Grand Herbier d'ombres, pag 9	
		MANUEL ZIMBRO	“Livros (Manuel Zimbros)	especifico sobre o trabalho de MZ			105
		MANUEL ZIMBRO	“torrões de terra”	especifico sobre o trabalho de MZ			111
		MANUEL ZIMBRO	“História secreta da aviação”	especifico sobre o trabalho de MZ			117 e 119

A Nossa Universidade

Colégio dos Jesuítas
Rua dos Ferreiros - 9000-082, Funchal

Tel: +351 291 209400
Fax: +351 291 209410
Email: gabinetedareitoria@uma.pt